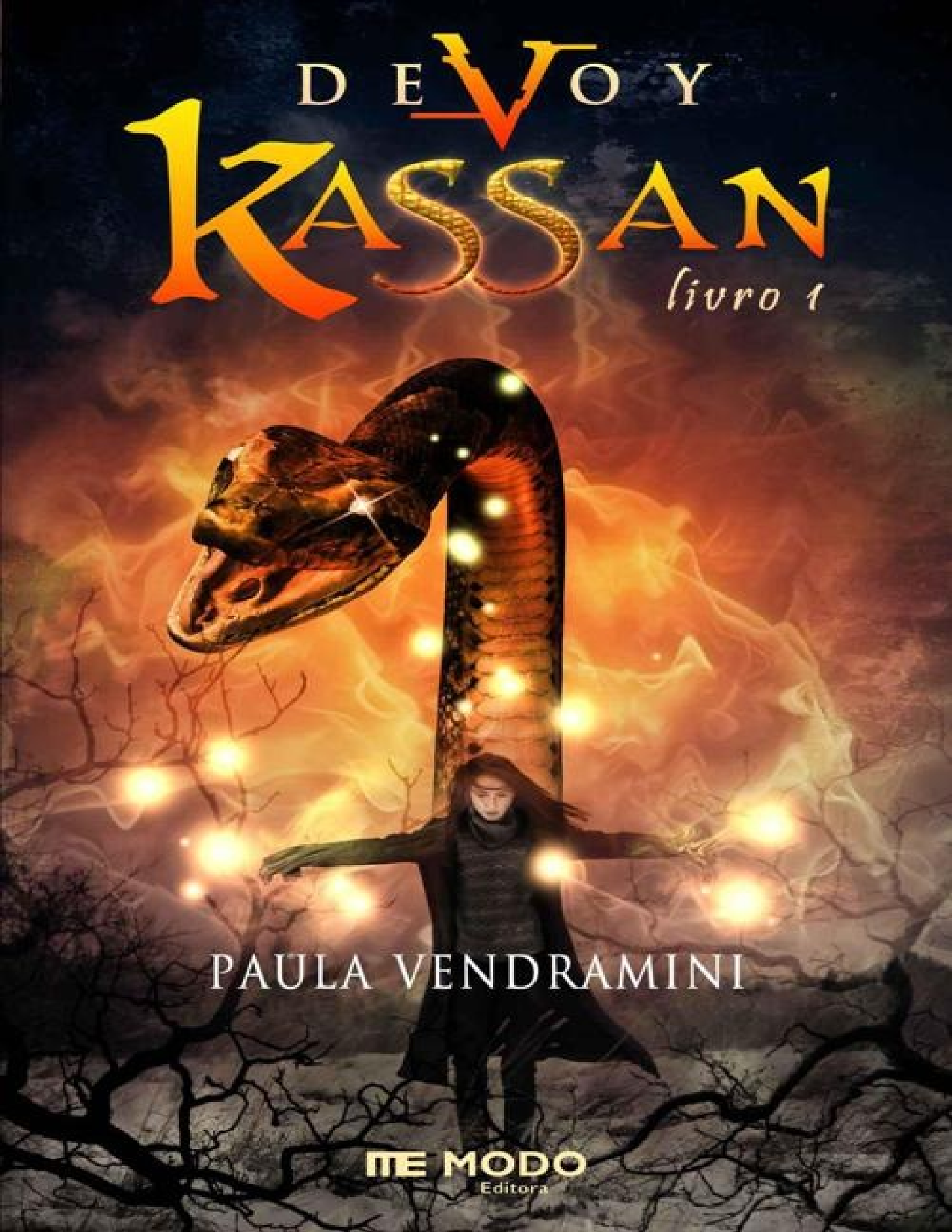
DEVOY

KASSAN

livro 1



PAULA VENDRAMINI

ME MODO
Editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Paula Vendramini

DEVOY
Kassan

MODO Editora Tradicional
2012

“Matar o sonho é matarmo-nos.
É mutilar a nossa alma.
O sonho é o que temos de realmente
nosso, de impenetravelmente
e inexpugnavelmente nosso”.
FERNANDO PESSOA

Dedico esse livro a liga B&C: Thiago, Yuri, Thaiza e Eloise.
Dedico ao meu amigo Flávio, meu grande ajudante e companheiro e à Maíra,
a primeira fã de Devoy, pois sem ela esse livro não estaria aqui.
Dedico à minha família, principalmente à Luna, inspiração da minha vida.
Dedico, principalmente, à Lhaisa, por dez anos de sonhos sendo concluídos
juntos e à Alessandra que sempre continuará sendo a A da LAP.

PAULA VENDRAMINI

ÍNDICE

Prólogo
I A pequena Saori
II A nova *Kassan*
III A casa dos Moringan
IV A decisão de Saori
V O treinamento para Oculta
IV A glória de Nicholas
VII A vida de *Kassan*
VIII O aviso de Saori
IX O grande insolente
X O invasor
XI A decisão de Celebriant
XII O casamento
XIII A fúria do Imperador

Prólogo

A SALA ESTAVA TOTALMENTE ESCURA .

As correntes de ferro, já enferrujadas, seguravam alguém que não se parecia preocupado em estar naquele lugar.

Um homem por volta de quarenta anos, mas com aparência extremamente envelhecida, olheiras profundas e ferimentos pelo corpo, a encarava com alegria em seus olhos castanhos claros. Os cabelos, com grandes tufos brancos, mas ainda conservando o tom loiro, caíam pelo rosto e se mesclavam aos machucados. Seu corpo estava magro e desnutrido, mesmo aparentando ter sido forte e musculoso algum dia. Sem compreender muito bem, a garotinha, que tinha no máximo sete anos de idade, sentiu medo de tocá-lo; teve a impressão de que ele morreria se o removesse dali.

Aproximou-se e viu sua mão branca como papel, se parecer morena perto da mão daquele homem que parecia estar ali há muito tempo e apesar do estado que se encontrava, reuniu forças para tentar se aproximar da menina.

— Menina... – ele falou num sorriso sem dentes, que a sobressaltou.

— Quem é você? – ela perguntou assustada.

O medo que ela sentia não era do homem em si, e sim, de sua aparência. Sabia, mesmo que inconscientemente, que ele era bom. Algo dentro de si lhe dizia: “encontrou o que buscava”, a sensação desse encontro substituía o medo.

— Sente-se em algum lugar, menina. Eu estava te esperando.

— Esperando-me? – sentiu que se sentou no chão sujo e gelado, mas não se importou. — Você me conhece?

— Posso dizer, conheço-a melhor que você mesma.

— Mas eu não conheço você! – a menina declarou, sentindo seus cabelos castanhos caírem para frente ao se aproximar do homem.

— Tem certeza que não, pequena? Já não me viu em algum outro lugar?

Ela encarou o homem velho e machucado. Lembrou-se, colocando a mãozinha na boca e ofegando.

— Mas como?

— Você tem um futuro difícil pela frente, menina. Sabe quem são os Escolhidos?

— Não. – ela nunca havia ouvido aquilo.

— Então, lembre-se deles e descubra o que são. Fazem parte do que você se tornará.

I
A pequena Saori

ELA ESTAVA EM UM LUGAR MUITO BONITO e havia uma árvore que predominava naquela extensão, enorme e cheia de folhas. Um conhecido estava sentado embaixo da árvore, parecia dormir profundamente com os cabelos caindo em cima dos olhos. Curiosa, Celebriant aproximou-se, e então ouviu uma voz que nada tinha a ver com o seu sonho:

— Celebriant?

Ela não queria acordar. Sentia que se conseguisse falar com aquela pessoa, conseguiria tirar suas dúvidas. Talvez ela descobrisse o porquê de sonhar com tudo aquilo, o tempo todo.

— Celebriant! – a mãe chacoalhou-a, parecendo um pouco irritada.

Sentiu que alguém pulava em sua cama e abriu os olhos, vendo Lune do lado dela.

— Acorda preguiçosa. – a irmã mais nova falou, dando um sorriso típico.

— Eu quero continuar dormindo! – resmungou Cele- briant, tentando puxar a coberta acima da cabeça.

— Tem que se levantar! – a mãe falou, puxando as cortinas do quarto e o banhando com a luz do sol. — Hoje finalmente tivemos um dia bonito, então levante-se!

Celebriant olhou para o tempo lá fora e se animou um pouco. Talvez o dia fosse melhor do que ela esperava. Estava começando a levantar da cama quando se lembrou de algo e olhou para a mãe.

— Mamãe, o que são os Escolhidos?

— Como? – a mulher virou-se, encarando a filha um pouco chocada.

— Os Escolhidos. O que é isso?

Sua mãe encarou-a estranhamente e aproximou-se receosa.

— Onde ouviu isso, minha filha?

— Eu sonhei com isso, mas não entendi.

Ela acariciou a barriga gigante de nove meses parecendo extremamente distante. De repente, aproximou-se das filhas.

Percebeu que Lune também estava curiosa para saber sobre o assunto falado e as duas encararam a mãe que se sentou na ponta da cama.

— Vou contar uma história para vocês meninas. Pode até parecer bobagem, mas prestem atenção.

As duas continuaram a olhar a mãe com os olhos brilhantes e depois de um suspiro, a mãe começou:

— Bom... Há muito tempo atrás, havia uma vila em que a maioria das pessoas possuía como poder, o *Intueri*. – a mãe aproximou-se mais, alisando a grande barriga. — Eles moravam afastados de todos e eram pessoas estranhas. Não gostavam de contato com pessoas normais como nós, e parecia que eram voltados totalmente para seu próprio poder.

Houve então, um estranho acontecimento: nasceu entre eles, um menino sem poderes.

— Sem poderes? Como isso é possível? – Lune falou, parecendo descrente.

— Sim, sem poderes. Eu não sei explicar muito bem, mas é uma história que pode muito bem ser mentira! – ela deu uma risada, fazendo com que as duas meninas rissem também.

– Então, esse menino cresceu ali, e quando se tornou um adulto, percebeu que tinha um poder maior do que qualquer um daquele lugar. Ele resolveu, após muito pensar, que iria transformar o mundo do jeito que ele sempre sonhou. Mas sabe qual era o problema, meninas? A forma que ele pensava era má... Ele era mau! O governo ficou preocupado com a ambição e a falta de caráter daquele que alguns seguidores começaram a chamar de “O Escolhido”, e então decidiram que o melhor seria eliminar toda aquela vila de *Intueri*.

— E eles conseguiram, mamãe? – perguntou Lune, jogando seus longos cabelos negros para trás, estava curiosa.

— Claro. Nós, pessoas de bem trabalhamos para o benefício da humanidade.

— Mas fazer o bem é matar as pessoas? – resmungou Celebriant, um pouco chocada.

— Eliminar aqueles que querem transformar nosso mundo em caos, filha? – a mãe passou a mão novamente em sua barriga de grávida e sorriu. — Você acha que matar alguns vai fazer diferença quando o mundo poderá ruir com a ambição de poucos?

A menina ficou pensativa, ainda não entendendo o que a mãe falara. Então pareceu compreender algo e novamente falou:

— Mamãe?

— Sim, Celebriant?

— Eu sou má?

A mãe encarou a filha como se quisesse ler os pensa- mentos dela.

— Não entendi querida.

— Eu sou *Intueri*, mamãe! – ela apontou para o próprio peito, como se fosse uma aberração. — Se eles foram maus, isso quer dizer que eu sou má também, não?

— Claro que não! – a mãe apressou-se a pegar a mão dela, parecendo preocupada. — Você vai desenvolver seu poder de *Kassan*, filha, e vai ser uma das melhores, tenho certeza! – ela deu um sorriso e pareceu ficar pálida. — Agora mamãe precisa ir ao banheiro.

A mulher levantou, parecendo cansada e abatida e saiu do quarto. A menina de cabelos negros encarou a irmã, dando um sorriso nada gentil.

— Você é uma aberração, viu só? Todos os *Intueri* são problemáticos. Você não poderia ser diferente!

Celebriant levantou um pouco da cama e sorriu, encarando a irmã com um olhar cínico.

— Quer ver quanto tempo levo para te pegar hoje, Lune?

A irmã mais nova arregalou os olhos de pavor e saiu correndo, gritando pela mãe fazendo com que Celebriant sentasse novamente na cama, confusa. Não

compreendera seu sonho e a explicação da mãe também não ajudara a ordenar seus pensamentos. Resolveu que era melhor esquecer aquilo. Se os *Intueri* eram realmente maus, então não queria ser um deles.

Ela se vestiu e ia descer para tomar café quando escutou sua mãe dar um grito abafado. Correu até o quarto dela, desesperada abriu a porta do banheiro. Parecia que sua mãe tinha feito xixi nas calças de tão molhada que estava. A mulher percebeu que a filha estava chocada olhando para ela, e deu um sorriso, querendo acalmá-la.

— Filha, não se preocupe.. – ela falou, contraindo o rosto como se estivesse com dor. — Só chame seu pai, por favor?

Sem pensar duas vezes, Celebriant correu preocupada escadaria abaixo. Seu pai estava na sala, sentado no sofá e segurando um livro frente aos olhos.

— Papai, mamãe está te chamando no banheiro! – ela disse, ofegando.

O pai levantou os olhos e encarou a filha.

— O que houve Celebriant?

— Ela parece estar com dor, papai e... – ela abaixou o tom de voz, envergonhada. — E parece que fez xixi nas calças!

O pai levantou-se num pulo e subiu as escadarias cor- rendo, deixando Celebriant parada ali raciocinando. Quando Lune nascera ela era muito pequena para se lembrar dos detalhes, mas agora com sete anos compreendia algumas coisas. E pelo jeito, o bebê estava nascendo.

***

Celebriant e Lune estavam no hospital há quase seis horas quando o pai apareceu. Celebriant notou que ele parecia muito preocupado. Ao vê-las sentadas ali, o pai abriu um sorriso na tentativa de animá-las, mas não conseguiu convencê-las.

— A irmãzinha de vocês nasceu. – ele ajoelhou-se em frente delas, segurando a mão das duas com carinho.

— É uma menina! – Celebriant exclamou, dando um sorriso leve para o pai que pareceu não perceber.

— Ela é uma *Kassan* também, papai?

Celebriant olhou para Lune que encarava o pai com olhos ciumentos. Era óbvio que ela não queria que a irmãzinha tivesse o poder da família. Conseguiu desde que nascera se sobressair de segunda filha para a principal, graças ao seu poder de *Kassan*. Agora não queria ter que lutar contra outra irmã.

— Ainda não sabemos, ela acabou de nascer. – ele falou um pouco preocupado. — Por que vocês não vão para o quarto onde sua mãe ficará? Eu já encontro vocês lá.

Ele indicou o corredor e deu para Celebriant o número do quarto. As duas foram caminhando em silêncio e ela sentia que Lune estava muito emburrada. Assim que chegaram ao quarto, perceberam que a porta estava entreaberta, e lá dentro, sua mãe descansava em cima de muitos travesseiros.

Um médico estava conversando com ela. As duas irmãs se entreolharam curiosas, aproximando-se da porta, ouviram:

— Ainda não sabemos senhora Devoy.

— Mas não é possível que ela tenha nascido sem poderes! – a mãe falou sua voz parecia fraca e cansada.

— Ela tem um poder senhora, mas ainda não sabemos qual é. – a voz do médico estava baixa e tensa. — Estamos com um problema para identificar o poder que ela possui.

— Então se virem! – ela grunhiu, encostando a cabeça nos travesseiros. — Façam logo seu trabalho e tragam minha menina aqui.

O médico, um pouco preocupado virou-se para sair e Celebriant abriu a porta como se tivessem chegado naquele momento.

— Mamãe! – ela exclamou, aproximando-se da cama.

— Como você está?

— Estou bem, querida. E vocês, se comportaram direi- tinho?

— Sim, mamãe.

— Ainda não descobriram o poder de nossa irmã? – perguntou Lune, encarando a mãe profundamente.

— Não, meu amor. Ainda não, mas às vezes demora um pouquinho.

Celebriant viu Lune cruzar os bracinhos e sentar-se no sofá do quarto, parecia amuada. Diferente da irmã menor, ela ficou o tempo todo ao lado da mãe, esperando que trouxessem o bebê; estava muito curiosa para saber como era ter uma irmã menor. Lune e ela tinham pouquíssima diferença de idade (um ano e três meses) e ela nem sabia o que era cuidar de um bebê.

Um médico abriu a porta, trazendo nos braços, o que parecia ser um bolo de cobertas. Sua mãe esticou os braços e pegou a bebê acariciando-a. Seu pai entrou logo depois, conversando em sussurros com outro médico.

— E então? – a mãe inquiriu, mais para seu pai do que para o médico.

Sentiu que Lune encarava o médico e seu pai com olhos famintos.

— Parece que não encontraram nada além de predisposição para *Speede*. – o médico falou temeroso — Mas iremos continuar com a pesquisa até... – ele respirou fundo fechando os olhos com preocupação. — Termos certeza...

Sem esperar resposta de ninguém, ele acenou com a cabeça e saiu do quarto, deixando-as á sós com o pai. Olhando melhor, Celebriant pode ver o quanto seu pai estava preocupado. Não entendia exatamente o porquê, mas ao ver o rosto de alívio de Lune, percebeu que eles estavam preocupados por terem apenas uma filha *Kassan*. E aquilo fez com que seu coração apertasse no peito. Ela que era mais velha é quem deveria ter o poder desenvolvido, mas tinha um poder que os pais consideravam inútil. E seu real poder, fora atrofiado.

Aproximou-se do bolo de cobertas que a mãe segurava e sentiu um calor no peito. Sua irmã era muito parecida com sua mãe. Os cabelos eram negros e lisos e a pele era amarelada.

Os traços lembravam um pouco os do seu pai, mas o geral era sua mãe. Esticou os braços e perguntou se poderia segurar o bebê um pouco.

Com a ajuda de seu pai, ela segurou sua irmãzinha no colo e sentiu-se muito feliz. Aquela garotinha era muito linda!

Deu um sorriso enorme ao vê-la bocejar e abrir os olhos de uma cor indefinida.

— Qual é o nome dela, mamãe?

— Saori – ela respondeu, dando um grande sorriso.

— Saori – repetiu Celebriant, dando um sorriso também. — Bem vinda ao mundo.

II
A nova *Kassan*

Seis anos depois

CELEBRIANT SUSPIROU E ENCOSTOU- SE NA

árvore logo atrás dela, sentando-se no chão. Sua família morava em uma das maiores propriedades do povoado, aquela que tinha a melhor vista para as Montanhas Azuis, e a visão de toda aquela neve penhasco acima sempre a deixava melancólica. Sem vontade, pegou um pouco de neve nas mãos e formou uma bolinha, arremessando-a o mais longe

que conseguia. Suas habilidades para *Levita* estavam em prova e ela precisava se sair bem. Seu pai era muito rígido em questões de aprendizado, e não queria decepcioná-lo. Não que já não fosse uma boa aluna, mas sempre desejou mais. Queria reconhecimento dos pais, coisa que estava se tornando cada vez mais difícil nos últimos tempos.

Em seu mundo as pessoas nasciam com capacidades e predisposições que se desenvolviam durante a vida, e eram estas capacidades que indicavam seu lugar no mundo.

Algumas eram consideradas superiores ou raras e por isso, denominadas de poderes. Todas as outras eram consideradas habilidades. No próprio hospital, existiam pessoas especializa- das em descobrir qual o poder ou capacidade a criança havia nascido, e eram chamados de *Taksa*. Aquilo era a parte mais importante do seu mundo, pois conhecer qual o poder que aquele bebê possuía era muito importante para o futuro da família e da criança. Desde que o mundo criou um governo, os principais poderes haviam sido divididos em classes: a classe baixa, onde as pessoas nasciam com capacidades comuns como *Levita* – capacidade de levitar – e *Speede* – capacidade de rapidez; a classe média, onde as pessoas já tinham poderes mais evoluídos como *Seeper* – localização de

pessoas através do sangue – e *Verler* – aqueles que conseguem traduzir qualquer língua; e a classe alta, onde apenas as pessoas com poderes muito evoluídos entravam, e era a classe conhecida como a mais fechada e poderosa.

Celebriant teve o azar de nascer com dois poderes, uma coisa muito incomum. Mais azar ainda era ter como poder primário o de *Intueri* – capacidade de intuição – e nascer numa família onde o poder primário era o de *Kassan* – capacidade de destruição. Esse era seu poder secundário, e, mesmo com todo o alarde de ter nascido assim, ela só abrigava dois poderes dentro dela. Mas ainda não desenvolvera o poder da família, o que estava começando a chateá-la, pois queria muito ser paparicada como Lune era.

Ultimamente ela se sentia como uma pedra de gelo e naquelas férias tinha certeza de que não seria diferente. Não sabia exatamente o porquê, mas provavelmente era por causa da sua prima, Ceres. Ela não saía dali desde que começara as férias e sua irmã, Lune, ficava muito pior perto dela. Encarou as montanhas à sua frente e suspirou. Realmente, não estava muito diferente das montanhas cobertas de neve branca, como se um pedaço dela fosse de gelo também.

Apesar daquela sensação, suas férias estavam sendo calmas e paradas até então. O máximo de movimento que ela teria que aguentar era a festa de aniversário de Lune, que estava completando onze anos e começando o quinto ano na escola, mudando assim para o ensino regular. Celebriant estava no sétimo ano e sinceramente não lhe agradava ter a irmã tão próxima. Olhou para o relógio em seu pulso e suspirou. Precisava voltar para casa antes do almoço, ou sua mãe ficaria preocupada.

Subiu na árvore ao lado do muro e o pulou, caindo levemente no chão. Sorriu, ao ver que sua *Levita* já estava melhorando; pelo menos daquela vez ela não caíra de boca.

Ainda pensativa, começou a caminhar para dentro de casa quando ouviu:

— Hei, *Intueri*!

Ela nem precisava se virar para adivinhar quem a chamara: Ceres, a prima

que ela mais odiava (e também a única que tinha) nunca perdia uma chance de zombar dela por ter *Intueri* como poder principal. Celebriant era considerada a ovelha negra da família e a prima gostava de lembrar isso sempre que a via. Virou-se, pronta para devolver o que ela considerava um xingamento quando viu que um pedaço de madeira pontiagudo voava rapidamente em sua direção. Antes que pudesse pensar, levitou e a lança passou por baixo dela, batendo no muro de pedra e se estilhaçando.

Ceres e Lune gargalhavam abertamente da situação.

As duas tinham a mesma idade e estudavam na mesma classe. Celebriant não sabia se isso era ruim ou péssimo, mas ao ver que elas pareciam estar adorando a ideia de quase tê-la machucado seriamente, decidiu que terrível era uma palavra adequada. Lune ficava cada dia mais impossível com a prima por perto, e como era a preferida por ter nascido e desenvolvido seu poder de *Kassan* logo cedo, elas andavam brigando mais do que o normal.

Furiosa, Celebriant respirou fundo e andou a passos largos em direção delas, até alcançá-las. Ceres continuava dando risadinhas, mas Lune parou de rir assim que percebeu a seriedade no rosto da irmã.

— O que foi, *Intueri*? Vai me fazer uma *profecia?* – perguntou Ceres, dando uma gargalhada de furar os tímpanos. — Ou quem sabe chamamos Saori aqui e pedimos a ela para correr bastante enquanto você faz uma profecia, já que ela é tão inútil quanto você! – e então, Ceres levitou outro pedaço de madeira pontiagudo e sinalizou Saori, que estava perto dos balanços. — Será que ela é *rápida* mesmo?

Um ódio que nunca sentira antes se apossou de Celebriant, fazendo-a fechar os olhos. Sentiu algo completamente desconhecido, algo que subiu pela sua espinha como uma serpente de fogo e percebeu que suas mãos começaram a queimar. Tudo o que queria era ver Ceres gemer de dor.

Queria vê-la sofrer e se possível, matá-la de uma forma muito dolorosa. Quem era ela para falar alguma coisa dela e de Saori? Uma prima, filha do filho mais novo dos Devoy e que não tinha chance nenhuma de ser uma legítima

Kassan!

Rapidamente abriu os olhos, e num impulso, ergueu uma das mãos em direção à cabeça da prima. Instantaneamente, Ceres começou a gritar e caiu no chão, como se tivesse perdido por completo as suas forças.

Celebriant não pode conter o riso. Aquilo estava dando-lhe uma sensação maravilhosa! Queria continuar fazendo a prima sofrer e não matá-la... Pelo menos não até se satisfazer. Levantou a mão, e Ceres parou de gritar. Então sorriu com um sorriso que fez Lune dar um passo para trás, visivelmente apavorada.

— Isso, *priminha*, é para você aprender a não falar do que não sabe! – Celebriant riu, friamente, e abaixou-se ao lado da prima, sussurrando: — Pense bem antes de agir e você não terá problemas comigo.

Mas antes que Ceres pudesse retrucar, antes de Lune rapidamente se abaixar para ajudar a prima, Celebriant sentiu duas mãos a agarrarem com força e ela foi puxada para os braços de alguém. Voltando à realidade, ela percebeu que sua mãe a abraçava, e lhe dizia alguma coisa de uma forma anormalmente animada:

— E eu que pensava que você não ia se juntar a nós, que não ia nos orgulhar! – ela sorriu e virou-se para trás. — Você viu, Antony?

Seu pai estava do lado da casa antiga dos Devoy e caminhou até elas. O olhar dele permanecia duro e frio, como sempre foi, mas Celebriant pode notar (graças à sua *Intueri* e ao incômodo movimento no seu estômago) que ele estava

muito interessado e orgulhoso com a situação. Havia um brilho incomum e quase imperceptível em seu olhar, que a assustou. Ela virou o rosto com medo e olhou a volta, fazendo o possível para evitar o olhar do pai, quando ele disse:

— Sim, eu vi Mizuki.

O pátio de trás da casa também estava coberto de neve que os criados se esforçavam para limpar todo dia, mas parecia que viria mais uma tempestade naquela noite. Os balanços (nunca utilizados) jaziam no canto esquerdo do pátio, e do lado direito, ela viu duas empregadas arrumando o jardim para a festa da noite. Porém, por mais que não quisesse ouvir o que seu pai queria dizer, ela

sabia que naquele momento o que ele diria poderia ter forte influência sobre a sua vida dali por diante. Então a preocupação em perder alguma palavra importante foi mais forte que sua teimosia e, ela forçou seus pensamentos para si e voltou a olhar para o pai, ainda evitando o olhar direto, preferindo focalizar a neve aos seus pés.

Enquanto seu pai falava sobre a importância do poder *Kassan*, Celebriant reparou o quanto ela e seu pai eram parecidos fisicamente e como suas fisionomias eram típicas de Brand: cabelos e olhos castanhos, o nariz fino e reto e a boca pequena. Sua mãe nascera em Tantyo e era uma perfeita réplica do que se encontrava por lá: o rosto dela tinha as maçãs do rosto salientes, o corpo magro, com olhos pretos e amendoados e cabelos que pareciam azuis de tão negros; suas duas irmãs eram mais parecidas com ela. Sua grande surpresa naquele momento era que ela nunca vira seus pais a olharem daquela forma e ficou um pouco receosa. Começou a se sentir culpada ao ver Ceres ainda tonta no chão, mas ao mesmo tempo ficou feliz. Seus pais pareciam gostar da situação... Ou será que ela seria repreendida?

Então percebeu, ao lado dos balanços inúteis, que um par de olhos castanhos a encaravam com lágrimas rolando delicadamente pelo seu rosto: sua irmã mais nova, Saori, estava com a mãozinha na boca, parecendo incrivelmente aterrorizada. Quando percebeu que Celebriant a olhava, deu um gritinho e correu para dentro da casa.

— Saori. – ela balbuciou, tentando se livrar do aperto da mãe.

Sua mãe segurou sua cabeça com as duas mãos, fazendo com que Celebriant a encarasse, ainda confusa.

— Escutou o que eu disse?

— Não. – resmungou Celebriant, encarando aqueles os olhos negros e percebendo pela primeira vez, porque ela não se sentia bem com aquela situação: mesmo aquela sendo sua mãe, era com um olhar estranho e sombrio que a encarava.

— Na festa de Lune hoje à noite vai haver mais uma comemoração! Vamos

finalmente apresentá-la como uma *Kassan*, como eu sempre disse que seria! Você será grande, minha filha, assim como eu e seu pai! – ela beijou a testa da filha e abraçou-a, praticamente carregando-a para dentro de casa.

***

Celebriant sentiu-se pela primeira vez na vida adorada pelos pais. Eles passaram o dia entrando em contato com pessoas importantes e não deixaram que ela sumisse nem por alguns segundos. Queria muito ir atrás da irmã mais nova e conversar com ela, mas a pequena parecia ter desaparecido.

Nessas horas tinha vontade de ter como um dos seus poderes o do *Seeper* e conseguir encontrá-la, pois não conseguia tirar o olhar de medo de Saori da cabeça. Ela tinha apenas seis anos e começaria no próximo ano a escola. Revelara possuir *Speede*, o que não era especificamente o poder que seus pais esperavam encontrar, portanto era uma filha sem muitos motivos de orgulho. E era isso que deixava Celebriant mais chateada: se a irmã não quisesse ser encontrada, ela simplesmente corria e seus pais nem faziam questão de saber onde ela estava.

Quando anoiteceu, ela perguntou para mãe onde Saori poderia estar, mas a mãe balançou a mão despreocupadamente, dizendo para Celebriant se arrumar para a festa da noite. Contrariada e chateada, ela subiu as escadas ainda procurando inutilmente pela irmã, mas como não a encontrou, foi para o seu quarto se arrumar.

A festa estava tranquila e entediante. Todos os convidados já haviam chegado e sua mãe já fizera o favor de espalhar para todos eles que ela tinha demonstrado aptidão para o poder de *Kassan*. Lune, Ceres, e um menino estavam sentados no sofá, conversando. O menino apenas fingia estar prestando atenção na conversa das duas, e tinha um olhar frio e superior. Ela já havia o encontrado antes, não lembrava quem ele era, mas não gostava dele. Ceres mandava para ela toda hora olhares de ódio e rancor e Celebriant não podia

deixar de sorrir: havia realmente se vingado daquela chata.

Aquele tipo de festa era o que mais acontecia na vida de Celebriant. Depois que ela cresceu os pais começaram levá-la na maioria das “festas de adultos”. Não que ela fosse muito velha, tinha apenas treze anos e aquilo era uma chatice extrema, mas os pais achavam importante que ela compreendesse o mundo e a família em que vivia. Eram festas de políticos, todos preocupados em autoproclamar-se e conseguir mais apoio. O governo do seu mundo era muito simples: o básico, como água e energia, era fornecida pelo governo. O trabalho de cada um e o quanto a pessoa ganhava com isso dependia do poder ou capacidade, pois cada um estava vinculado em uma classe social. A missão do governo era a de assegurar que todas as pessoas, inclusive as de classe baixa que ganhavam pouco, tivessem acesso a parte básica e, teoricamente, não existiam pessoas pobres. Pelo menos era isso o que o governo anunciava.

Claro que existiam pessoas pobres. O que ela mais via quando ia para a escola eram casas escondidas, mas caindo aos pedaços. Pessoas que morriam pela falta de ajuda do governo.

Pessoas que não tinham o que comer nem onde dormir e não havia ninguém para ajudá-los, o que ela nunca conseguira compreender. Seus pais tentaram lhe explicar, uma vez, que o governo tentava ajudar a todos, mas não havia mercado de trabalho suficiente para os que possuíam capacidades comuns e que a maioria daquelas pessoas não conseguiam entrar na escola oferecida pelo governo. Mas, se havia o governo, por que eles não eram ajudados?

Assim que completou onze anos, Celebriant entrou para o ensino regular e ficou sabendo que tipo de família eles eram. Para o mundo existia esse governo Oficial, mas o mais importante era o que eles eram: os Ocultos. Há centenas de anos o governo Oficial criou um *Exército Particular*, para que pudessem lutar contra possíveis rebeliões ou qualquer outro motivo. Como ninguém sabia sobre esse Exército, eles mesmos começaram a se chamar de Ocultos e a família dela fazia parte daquilo.

Um pouco cansada, ela foi para a varanda da casa, achando que poderia ficar

sozinha, mas percebeu que seus pais e mais um casal já estavam ali, conversando. Estava virando as costas para sair de fininho quando sua mãe a viu e pediu que ela se aproximasse.

— Aqui está nossa primogênita, Celebriant, nossa nova *Kassan*! – exclamou, cheia de orgulho. — Venha filha, quero apresentar-lhe os Moringan.

O homem, com cabelos negros longos até abaixo dos ombros e olhos incrivelmente azuis, foi apresentado como sendo César e estendeu-lhe a mão. Celebriant apertou-a e sentiu um formigamento. Respirou fundo e percebeu, com a sua *Intueri*, que aquele homem era uma pessoa incrivelmente poderosa e ambiciosa. Um dos grandes problemas de ser *Intueri* era sentir o que a pessoa era mesmo sem precisar de um toque. Ainda que adaptada com esse tipo de reação, sabia que César Moringan era muito pior do qualquer pessoa que ela já havia conhecido. A esposa dele, Yone, era tão branca que quase desaparecia. Seu cumprimento foi um leve aceno de cabeça, quase imperceptível debaixo da cabeleira loira.

Graças a isso, Celebriant não se deu ao trabalho de sentir alguma coisa como o choque, mas mesmo assim viu o ar de submissão, o ar de uma pessoa sem autonomia e dominada pelo seu manipulador.

— E aquele lá! – a mãe dela mostrou o menino que estava com sua irmã e prima. — É o filho deles, Nicholas.

Celebriant olhou o menino e revirou os olhos. Agora sabia da onde o conhecia! Viam-se várias vezes nas festas que seus pais a levavam na sede do Oculto. Era um garoto arrogante, metido e com ares de sabichão. Lune conversava mais com ele e havia lhe contado que ele era pouco tempo mais novo que Celebriant e, como o pai, um *Imperi*, conhecidos como manipuladores de mente.

— Sua mãe nos contou que agora é uma *Kassan*. – falou

César, encarando-a. — Pode ser muito parecida com seu pai, mas parece-me que puxou a personalidade da sua mãe... Estou certo?

— Pode ser. – resmungou ela, dando um sorriso falso e irônico, esperando

que assim a liberassem por ser arrogante.

— Vê-se logo que fez um bom trabalho, Mizuki. – ele retrucou sorrindo da mesma forma que ela fizera.

Celebriant sentiu um calafrio. Ele com certeza percebeu a ironia contida no sorriso dela, mas não pareceu se importar.

Ao contrário, olhava-a avidamente como um troféu exposto. Pedindo licença, saiu dali disposta a fugir daquela festa horrenda.

Ao passar pela sala, viu Ceres e Lune a encararem com ódio e acenou alegremente, continuando seu caminho até se esconder em um canto afastado da festa. Lune estava furiosa com ela, mas Celebriant não estava se sentindo mal com aquela situação. Respirando fundo, começou a pensar em tudo aquilo que passara até então, sentindo-se inquieta.

Quando Celebriant nasceu e eles descobriram que ela tinha o poder de *Kassan*, mas que não estava desenvolvido dentro dela, aquilo dera um sério baque nos Devoy dentro do Oculto, deixando-os meio de lado. Mas, assim que Lune nasceu o status dos Devoy melhorou, pois eles finalmente haviam conseguido um *Kassan* na família e a irmã desenvolvera o poder rapidamente. Por esse motivo, Lune sempre fora a preferida da família e Celebriant nada podia fazer quanto a isso. Egoísta, arrogante e muito ambiciosa, a irmã queria ser o centro das atenções em todos os lugares e em sua própria festa de aniversário não seria diferente. O problema era que naquele dia Celebriant roubara seu trono e ela estava furiosa com a irmã mais velha. E, obviamente ela não podia deixar de provocar a irmã mais nova.

A noite demorou a passar. Fez o possível para se esconder e fugir de todos aqueles adultos, mas seus pais não podiam vê-la que já a puxavam para mostrá-la aos outros. Aos poucos, os convidados foram se retirando, mas sua mãe não deixou que ela fizesse o mesmo. Somente quando apenas os Moringan ainda estavam por ali, foi que a mãe mandou todas as meninas para a cama. Feliz da vida por poder sair daquela sala, ela subiu as escadas enquanto Ceres e Lune despediam-se de Nicholas. Quando estava quase alcançando o topo, sentiu o ar

mover-se ao seu lado e percebeu que a porta do quarto de Saori abriu e fechou numa velocidade incrível.

O mais rápido que ela conseguiu, correu até o quarto da irmã e abriu a porta. Saori estava deitada na cama, de bruços com a cabeça entre os braços e parecia ainda chorar.

Vagarosamente, encostou a porta e esperou que a irmã falasse com ela, mas ela não se mexeu de sua posição. Um pouco embaraçada, Celebriant chamou-a:

— Saori?

A menina levantou a cabeça e virou-se, encarando-a. Os olhos dela estavam inchados e vermelhos. Provavelmente ela passara o dia inteiro chorando e Celebriant sentiu uma culpa pesar no estômago.

— Venha aqui! – a menina falou, parecendo decidida.

Celebriant aproximou-se e sentou ao lado dela. A menina era muito parecida com a mãe, mas seus olhos eram âmbar, muito bonitos e totalmente diferentes de todos da família. Ela inspirava bondade e beleza, e uma inocência que chegava a ser preocupante. Saori segurou a mão dela e a encarou.

— Você... Vai ser Oculta? – perguntou ela, quase sus- surrando.

Celebriant encarou a irmã, preocupada.

— O que disse?

— Você vai ser Oculta? – ela sussurrou como se estivesse falando um palavrão.

— Saori... Aonde você escutou isso?

— Ouvi mamãe e papai comentando que você seria uma ótima Oculta, mas não me senti bem ao ouvir isso. Celi, eu não quero que você seja Oculta.

Surpresa, Celebriant respirou fundo antes de continuar.

— Mas por que pergunta se vou ser?

— Eu preciso te responder isso, Celi? – murmurou a menina. — Eu sei que você não quer... Diz que não quer! Por favor... Por favor, não caia na escuridão! – e ela recomeçou a chorar.

— Escuridão, Saori? – perguntou Celebriant preocupada, mas a irmã pareceu

não ouvir, caindo mais forte no choro.

Celebriant então não perguntou mais nada, apenas abraçou a irmã com força, segurando suas próprias lágrimas.

Como explicar para uma menina de seis anos o que era o Oculto, o que era a família dela nesse meio e como ela nunca tivera uma escolha? Não que Saori fosse uma menina de seis anos comum. Ela parecia muito mais madura e muito mais inteligente que muitos adultos que conhecia, mas ainda era uma criança e a mãe iria ficar irritada com Celebriant se falasse dessas coisas com a irmã mais nova. A família dela não era muito antiga no Oculto e ali não havia escolhas. Eles escolhiam o que você seria, onde trabalharia e com quem iria casar. Tudo para manter as tradições que eles criaram há centenas de anos e para preservar o segredo das pessoas comuns de que existia um governo por trás do Oficial.

— Promete, Celi – Saori afastou-se dela, fazendo com que a irmã a encarasse nos olhos. — Promete que nunca vai ser uma Oculta!

Ela a encarou por um tempo, como se avaliasse e perguntou, já sabendo a resposta:

— E se eu não prometer?

— Eu nunca mais falo com você.

Mesmo sabendo, seu coração parou ao ouvir da boca dela.

A irmã sempre foi diferente de todos. Ela era única, sempre disposta e feliz, mesmo estando no meio da escuridão. Ela era a luz daquela casa, a luz que fez com que ela se sentisse bem de seu poder principal ser o *Intueri*, numa família onde todos eram *Kassan*. Apesar da diferença de sete anos entre elas, Saori sempre foi a pessoa com que ela sentia-se mais a vontade ali e em quem podia confiar, alguém que nunca a menosprezou por ser *Intueri*.

— Eu prometo, Saori – ela falou, abrindo um sorriso para a menina e a abraçando com força. — Agora, acho melhor você escovar os dentes e eu a espero você para te colocar na cama.

A menina usou seus dotes de *Speede*: em segundos, escovou os dentes, colocou o pijama e correu para a cama, olhando a irmã com um sorriso no rosto.

Respirando fundo e um pouco perplexa, Celebriant cobriu a irmã e beijou-lhe a testa.

— Acho que você poderia fazer as coisas normalmente, não acha? Assim me assusta.

— Desculpe, Celi. Eu vou mais devagar da próxima vez.

— Boa noite, Saori. – ela falou, sorrindo e levantando-se.

— Boa noite, Celi.

Com o coração pesado, Celebriant fechou a porta do quarto ao sair e encostou-se nela, suspirando. Mentir para Saori não era sua intenção, mas ela não teve escolha. Perder a confiança da única pessoa que ela realmente se importava naquela casa iria ser muito difícil de suportar. No momento em que ela desgrudou da porta e começou a dirigir-se para seu quarto, seu pai apareceu no topo da escada e a viu.

— Celebriant! – ele chamou, um pouco irritado e pare- cendo aliviado. — Achei que tinha saído, estou te procurando há meia hora.

— Eu estava com Saori e...

— Tanto faz, eu te achei. Venha aqui, preciso conversar com você.

Um pouco ressabiada e sentindo a inquietude de sua *Intueri* machucar-lhe o estômago, como sempre acontecia, ela seguiu o pai até o escritório dele. Ao entrar, ele fechou a porta e sentou-se em sua cadeira, fazendo um sinal para ela que se sentasse à frente dele. Assim que sentou, ele sorriu, e Celebriant sentiu um arrepio na espinha: aquilo seria algo desagradável.

— Tenho uma novidade para você.

— É mesmo? – ela falou relutante.

— César veio conversar comigo após a festa. – ele fez uma pausa dramática e ela sentiu sua perna começar a tremer. — Estávamos conversando sobre como as famílias tradicionais andam um pouco *modernas* demais.

— Modernas? – ela repetiu a palavra um pouco chocada, segurando a perna para seu pai não ver o quanto ela tremia.

Moderna era o que menos poderia descrever uma família tradicional: todos

eram ricos, esnobes, faziam parte do Oculto, (que era uma classe social acima da alta) e não se metiam com famílias de classes inferiores há pelo menos uns duzentos anos. Totalmente arcaico.

— Sim. Ultimamente as famílias tradicionais não conseguem mais juntar seus filhos como antigamente, então *alguns*... – ele parou e fez uma cara enjoada. — Andam se misturando com aqueles... Com pessoas menos privilegiadas.

Celebriant não sabia aonde seu pai queria chegar, então permaneceu em silêncio e inquieta.

— O que eu quero dizer é que estávamos conversando sobre nossos filhos e como nos parece interessante eles terem a mesma idade...

— Não temos a mesma idade. – Celebriant finalmente falou interrompendo o pai, que apenas olhou-a interessado.

— Ele é mais novo.

— Bom, eu e sua mãe temos diferença de quase um ano também... Então isso não será um problema! – ele deu um grande sorriso, como se isso explicasse tudo.

— O que exatamente seria a novidade? Eu... – ela parou de falar, subitamente entendendo o que era a *novidade*. — **Eu não vou fazer isso, papai!**

— Não precisa gritar Celebriant. O que eu disse a ele é que quando você e Nicholas terminarem a escola e principalmente, o seu treinamento, você se sentiria privilegiada de se casar com ele.

— O que deu em sua cabeça para que eu, – ela suspirou, nervosa — que tenho apenas treze anos, ficaria feliz em me casar com aquele pirralho asqueroso? Ele mal saiu das fraldas.

— Ele é só alguns meses mais novo que você Celebriant, como você mesma disse e são de uma família tradicional..

— É só isso que importa? – ela gritou, sentindo sua voz esganiçar com a raiva. — E o fato de eu não gosto daquele pirralho? – ela levantou-se e virou, quase batendo em sua mãe, que estava em silêncio atrás dela ouvindo a

conversa.

— Não é desse jeito, querida. Vocês são de famílias tradicionais, jovens e lindos. E o casamento não será amanhã nem mês que vem, e sim daqui um bom tempo. – ela parou e se aproximou da filha, colocando as mãos suavemente nos ombros dela. — Acalme-se, Celebriant. Seu pai e eu estamos apenas mostrando o quão maravilhoso será quando nossas famílias se juntarem. E você e Nicholas terão um bom tempo para... Hum... Se conhecerem melhor.

Com uma fúria que ardia no peito, Celebriant não falou mais nada. Quando sentiu que as lágrimas iam escapar contra a sua vontade, olhou para a mãe e virou-se, irritada, saindo do escritório, correndo para seu quarto e batendo a porta com força. Deitou-se em sua cama e chorou, esmurrando o travesseiro.

Ela sabia que isso um dia iria acontecer. Há algum tempo atrás sua mãe havia comentado em como tinha sido casada com seu pai e como se orgulhava de terem escolhido um homem tão bom para ela. E comentou que, futuramente (e naquele momento Celebriant achou que seria num futuro muito distante se dependesse dela) eles escolheriam um noivo que se encaixasse com ela, mas a mãe prometeu que Celebriant poderia dizer se queria ou não o tal do noivo.

O problema era que quem a pedira em casamento fora os Moringan. A principal família dos Ocultos, aquela que estava do lado direito do Imperador. Não existiria uma honra maior do que essa e Celebriant sentiu-se enjoada. Ela não tinha escolha. Quando o assunto era os Moringan, era como se o próprio Imperador, o líder dos Ocultos, tivesse pedido sua mão em casamento.

Sua *Intueri* bombardeava sua mente com coisas horríveis: uma árvore coberta de sangue, um garoto desconhecido e algo que parecia uma guerra. Aquilo não fazia o mínimo sentido, mas o geral ela compreendera: havia alguma coisa muito errada acontecendo e ela estava no meio de tudo isso. Ainda chateada, cobriu-se e esperou que morresse sufocada aquela noite.

III
A casa dos Moringan

COM UM SUSPIRO, NICHOLAS SE REMEXEU na sua enorme cama, afundando a cabeça ainda mais nos travesseiros. Não queria levantar cedo naquele dia. Mas, mesmo estando de férias, sabia que não tinha muita escolha. Seu pai com certeza viria acordá-lo e ele não estava com vontade de passar o dia em treinamento com ele.

Não que não gostasse de seu pai. Ele era muito poderoso, rico, estava entre os melhores e não perdia para ninguém. Nicholas queria ser exatamente assim e tinha quase certeza que estava conseguindo. O problema era que naquela manhã ele estava cansado. Permaneceram até tarde da noite na casa dos Devoy no dia anterior, e ele ficara morrendo de sono, esperando o pai e o Sr. Devoy conversarem.

Já estava quase adormecendo de novo quando uma criada entrou no quarto, abrindo a porta cuidadosamente:

— Senhor?

Resolveu que fingiria estar dormindo, assim poderia se divertir um pouco com ela.

— Senhor? – a voz ficou mais próxima, e dava impressão de estar receosa demais para chegar perto dele. Dando um sorriso, ele continuou em silêncio, se perguntando quanto tempo aguentaria até usar seu *Imperi* para ela lhe obedecer quando uma mão puxou as cobertas com toda a força e ele encarou os olhos da mãe. A criada estava logo atrás, abrindo as cortinas de veludo esverdeado e arrumando alguns pertences dele que estavam fora do lugar.

— Vamos, Nicholas, seu pai está te esperando.

— Ah, mãe! Por que eu tenho que ir treinar hoje? – ele reclamou tentando puxar as cobertas para si. — Estou de férias.

— Não vai treinar hoje. – ela informou mecanicamente e puxou-o pelo

braço. — Seu pai quer conversar com você.

— E o que eu fiz dessa vez? – ele resmungou, levantando-se e aceitando a ajuda de um criado, que entrara no quarto naquele instante e já começara a vesti-lo.

— Aquele ali, Hujin. – a mãe ordenou para o criado, mostrando um traje novo de peças azuis.

O criado pegou a roupa e começou a vestir o menino.

A criada continuava arrumando o quarto e a cama e sua mãe apenas observava todo o trabalho sendo feito. Nicholas aborrecido deixou o criado executar seu serviço e ficou olhando seu quarto. Era um dos maiores quartos da casa: tinha duas janelas grandes e sua cama de madeira escura ficava do lado oposto às janelas. As paredes tinham um tom azul não tão claro, com alguns traços mais fortes em branco. Seu closet ficava do lado esquerdo da cama, ao lado da porta de entrada e seu banheiro do lado direito. Ele sorriu ao ver o quadro que mais gostava na parede atrás da cama: um grande símbolo dos Ocultos, que era uma espada grande e em pé, com uma coroa acima de tudo, e uma grande montanha desenhada à sua frente. Assim que os criados terminaram seu serviço e saíram, ele encarou sua mãe novamente e perguntou:

— Você sabe do que se trata?— Sim, mas seu pai é quem vai dizer. Agora vá fazer seu desjejum e desça até os jardins. Ele o espera lá.

Saiu de seu quarto e foi andando rapidamente pelos corredores. Estava tão ansioso para ouvir o que o pai tinha para lhe dizer, de tão importante a ponto de dispensá-lo do treinamento, que nunca sentiu tanto não poder correr dentro de casa, usando sua habilidade de *Speede*. Andou rapidamente pelo corredor principal, e sempre que passava ali gostava de lembrar sua situação: ser um Oculto, um homem destinado a grandes feitos e que era de uma família tão próxima ao Imperador que inspirava inveja a muitos. Ser um Moringan era ter poder, até porque, *Imperi* era um poder suntuoso e grande, um poder para os nobres e fortes, era o que seu pai sempre dizia.

Naquele dia, o chão de mármore, as tapeçarias nas paredes e os lustres de

cristal nunca receberam tão pouca atenção dele.

Estava muito curioso e só pegou um copo de suco da mesa sem se preocupar com os criados que seguravam enormes bandejas de comida a sua disposição. O mais rápido que pôde, seguiu para os jardins com seu copo, bebericando o suco. Completara treze anos alguns dias antes da festa na casa dos Devoy, no começo de novembro e soube que a comemoração era para o aniversário de uma de suas filhas,

Lune, que nascera quase no mesmo dia que ele, mas com um ano de diferença. Claro que a comemoração parecia ser para a outra que havia sido apresentada como a nova *Kassan* da família, entretanto isso era um detalhe.

Seu pai estava sentado em uma poltrona cor de pêssego, com um copo de suco em uma mão e encarou o filho com um olhar levemente irônico assim que ele chegou. Ele com certeza sabia que Nicholas viria sem tomar café ao saber

que não treinariam e por isso tinha mandado trazer alguns sanduíches e tortas ali mesmo, para que o menino pudesse saciar sua fome além de sua curiosidade.

— Bom dia, Nicholas.

— Bom dia, pai. – cumprimentou ele, sentando-se e deixando o copo vazio em cima da mesa. — Mamãe disse que você quer conversar comigo.

— Sim, quero. Mas antes quero você alimentado. Coma, e conversamos assim que terminar seu desjejum.

Sem questionar, Nicholas comeu um sanduíche o mais rápido que pode sem usar sua habilidade de *Speede*, pois sabia que o pai não gostava que ele a usasse dessa forma. Naquele instante sentiu novamente o poder de ser um Oculto e ser capaz de aprender os principais traços de um poder menos complicado. Há alguns anos um cientista havia descoberto que as pessoas com poderes muito fortes ou evoluídos eram capazes de aprender nuances de um poder mais simples e às vezes, aprendê-los completamente. De acordo com seu estudo, todos poderiam fazê-lo, mas era muito mais fácil para os que tinham poderes fortes. Por isso o Imperador decidiu que aquilo seria de conhecimento apenas dos Ocultos. Assim, a maioria dos Ocultos aprendia capacidades e habilidades mais

comuns, para se diferenciar dos outros e se tornar, realmente, o *exército particular do governo.*

Olhou para seu sanduíche e descobriu que ele ainda estava na metade. Apressou-se um pouco e admirou a fonte de água cristalina que jorrava do bico de um pássaro muito grande nos jardins. As flores de inverno estavam brotando agora que o sol resolvera sair e criava um ar colorido e etéreo naquele jardim. A casa estava brilhando atrás dele com a luz do sol, deixando-o orgulhoso. Aquela casa mostrava exatamente o que eles eram: suntuosos e importantes. Apesar de ver todo dia, ainda se impressionava com o que a mãe conseguia fazer com a paisagem daquele lugar.

Terminou de engolir o sanduíche e tomou mais um gole do suco, encarando o pai em seguida:

— Já comi.

— Muito bem. – ele sorriu, apoiando seu copo de suco intocado em cima da mesa ao lado dele. — O que achou dos Devoy, Nicholas?

A pergunta o pegou tão de surpresa que ele não compreendeu muito bem. Seu pai pareceu perceber e perguntou novamente.

Os Devoy? Um bando de recém Ocultos, querendo aparecer para a família dele, era isso o que ele achava realmente.

Mas como não sabia o que seu pai queria, resolveu que não diria isso por enquanto.

— São iguais a muitas famílias de Ocultos. – ele falou, dando de ombros.

— Claro que você percebeu que fiquei ontem conversando com Antony até tarde... Sabe por quê?

Nicholas balançou a cabeça, entediado. Será que seu pai queria falar de negócios com ele?

— A verdade é que os Devoy têm um poder muito interessante, Nicholas. Quase tão interessante quanto o nosso.

— Isso é impossível, papai. Somos os melhores.

— Claro que somos. – ele deu um sorriso cínico. — Mas eles têm o *Kassan*.

Nós não conseguimos matar, apenas destruir o cérebro da pessoa, o que é uma morte, por assim dizer, mas não física. Podemos manipular todos os impulsos elétricos do cérebro de alguém, descobrir verdades e mani pular cada centímetro dos sentimentos e pensamentos de uma pessoa. O *Kassan* é um poder de morte, tortura e força, algo que estávamos precisando no Oculto e que deixou o Imperador muito interessado.

A menção do Imperador fez com que Nicholas encarasse o pai mais profundamente. Não estava compreendendo o que o Senhor dos Ocultos tinha a ver com a história, mas agora aquilo o interessou. A família dele era a única que mantinha um contato mais próximo com o Imperador, eram os únicos a quem ele confiava suas melhores missões. Saber que ele estava interessado no poder dos Devoy fez com que Nicholas ficasse muito interessado também.

— O que discutimos ontem foi a junção de nossas famílias!

Imagine alguém com um poder de *Imperi* e *Kassan*! – os olhos do pai brilharam e encararam o filho avidamente. — Lembra-se que eu disse sobre encontrar uma noiva perfeita para você?

— Vai me dizer que escolheu uma das Devoy para mim? – ele retrucou, indignado.

Tudo bem que ele nunca escolheria sua noiva, isso ele sempre soube. Mas esperava que o pai pelo menos escolhesse alguém à altura dele. Das duas Devoy (a mais nova tinha seis anos e provavelmente não era ela) Celebriant era a mais bonita com certeza, apesar de totalmente desleixada com a aparência, mas Lune era muito mais forte. Ou pelo menos fora essa impressão que ela havia passado.

— Eu e Antony combinamos que o casamento só vai acontecer depois que vocês dois terminarem a escola e seu treinamento para Oculto.

— Qual delas? – ele perguntou, sem desviar o olhar do pai.

— Apesar de Lune ser uma excelente menina, achamos que Celebriant é a noiva perfeita para você. E agora que ela desenvolveu o poder de *Kassan* tornou-se uma jóia rara.

— Portanto a mais velha. – resmungou Nicholas, conformando-se.

Pelo menos ele tinha escolhido alguém mais ou menos decente, apesar de que sempre achara que seria difícil para o pai encontrar alguém do nível dele.

— Você sabe o que mais ela tem de diferente, Nicholas?

— Até ontem nunca a tinha olhado de perto.

— Celebriant nasceu com dois poderes principais.

— Como? – Nicholas empertigou-se na cadeira, curioso.

— Como isso é possível?

— É muito incomum, com certeza, mas não é raro. Já aconteceu antes. O problema é outro. Ela nasceu com o poder de *Kassan* dentro dela, mas bloqueado por assim dizer. Pelo menos é como Antony me explicou. Até ontem, ela não tinha desenvolvido ou mostrado qualquer aptidão ao seu poder de *Kassan*.

— E qual é o outro?

— *Intueri*. – o pai falou, parecendo se conter para não fazer uma careta.

— O quê? E você vai me casar com um *lixo* desses? – Nicholas não conseguiu se segurar e levantou-se. — O que está se passando pela sua cabeça?

— Sente-se Nicholas. – o pai olhou-o com um sorriso de diversão nos lábios, não parecendo nem um pouco irritado pela explosão dele.

Ainda irritado pensou em não se sentar e ainda bater o pé, dizendo que não casaria com aquela *Intueri*. Entretanto, enfrentar seu pai não era uma boa ideia e sentou-se contrariado.

— Ela é diferente. – ele lançou um olhar risonho para o filho. — Então você vai sim se casar com ela daqui a cinco anos, certo?

— Certo. – ele grunhiu, cruzando os braços para expressar seu desgosto.

Assim que voltassem as aulas ele iria conversar com sua noivinha. Será que conseguiria manipulá-la facilmente?

***

Após aquela conversa, seu pai fez uma longa viagem para um país do outro

lado das Montanhas Azuis e só voltou dois dias antes de as aulas recomeçarem. Assim que chegou ele chamou Nicholas para seu treinamento, o que deixou o menino excitado. Não é que sentisse falta dos treinos, mas sua mãe lhe dissera que o pai queria passar para o próximo passo do seu *Imperi* e ele queria muito ser mais poderoso e superar seu poder atual.

No barracão de treinamento, que ficava bem nos fundos da propriedade, seu pai já o esperava de braços abertos. Após uma conversa rápida sobre o que acontecera na ausência dele, César apontou o braço para um homem desacordado nos fundos do barracão, dando um sorriso empolgado.

— Vamos passar para o próximo nível, Nicholas, como sua mãe lhe disse! Você já dominava as mentes mais simples e nunca se aprofundou tanto numa mente a ponto de matar o cérebro de uma pessoa. Não quero que o mate, Nicholas, ele é muito importante para nós. Quero apenas que você comece a adentrar mais fundo na mente desse homem, tentando manipular não somente as ações físicas dele, mas os pensamentos e os sentimentos. Não quero que manipule, apenas entre nele e busque a forma correta de fazer isso.

Nicholas aproximou-se do homem e seu corpo estremeceu devido à sua ansiedade. *Imperi* era um poder muito forte e ele acabara destruindo uma ou duas mentes de criadas inúteis.

Mentes simples e com habilidades pequenas eram muito fáceis de manipular. A mente daquele homem devia ser bem mais complicada e ele sentiu-se excitado para começar.

Uma onda gelada começou a passar pelo corpo dele e sentiu o frio habitual do poder cobrir-lhe os pés, então as pernas, o peito, as mãos, os braços e por último, a cabeça.

Abriu os olhos e viu não o homem físico, mas sua mente, cheia de caminhos obscuros e ligações iluminadas. Estava no ponto de manipulação do corpo e testou, fazendo com que os olhos do homem se abrissem. Assim que eles se encararam, várias ligações se iluminaram e Nicholas fez com que o braço dele levantasse. Muito bem, agora tinha que achar a ligação para os pensamentos

dele.

Quando fez isso a primeira vez corretamente foi com uma criada boba e inútil, que tinha a mente tão aberta ao ponto de ser tão fácil quanto ler um livro. Esse homem era muito mais difícil. Parecia que quando ele achava uma brecha para manipular um pensamento, a ligação desaparecia.

Nicholas pensava que aquilo só acontecia quando a pessoa estava acordada, mas aquele homem estava conseguindo fugir da *Imperi* mesmo desacordado.

Concentrou-se mais e sentiu ondas de gelo saírem de seus olhos e assustou-se. Aquilo nunca havia acontecido, e ele se esforçou um pouco mais e conseguiu ver a onda avermelhada atingindo em cheio os caminhos obscurecidos do homem

iluminando-os, fazendo o cérebro dele se avermelhar. Era algo muito interessante! As ondas geladas, quase como faróis no cérebro do homem, faziam com que Nicholas conseguisse entrar nos pensamentos e sentimentos dele sem machucá-lo e também a manipulá-lo com muita facilidade.

Ouviu a voz do seu pai ao fundo pedindo para ele lentamente desconectar-se da mente do homem. E sentiu também a mão dele em seu ombro e virou-se, desconectando seu poder.

— Achei que você precisava de uma mente mais difícil. – ele falou, lançando-lhe um sorriso cínico. — Aprendeu mais rápido do que eu esperava!

— O que foi aquilo? – Nicholas perguntou, empolgado.

— Eu simplesmente nunca tinha conseguido fazer isso!

— Não iria conseguir com aquelas mentes fúteis e fáceis. Uma mente mais complexa e bem protegida é muito mais difícil de acessar, mas com o congelamento das ondas cerebrais você consegue “invadir” o cérebro e dominá-lo completamente. Claro que seu domínio foi fácil porque esse homem está desacordado. Se ele estivesse apto e com seu poder ativo, você com certeza seria derrotado em pouco tempo. – o pai segurou-o pelos ombros, apontando novamente para o homem. — Agora eu quero que você treine todo dia se possível. Eu quero que você consiga dominar essa habilidade tão bem quanto eu,

ou melhor.

— Vou conseguir pai. – declarou Nicholas, voltando-se para o homem e recomeçando a manipulação.

— Muito bem, meu filho. Muito bem.

IV
A decisão de Saori

AS AULAS VOLTARAM COM FORÇA total e Celebriant enterrou-se nos estudos.

Apesar de seus pais não gostarem dessa fase da escola onde todos os alunos frequentavam as mesmas salas, independente de classe social, era algo obrigatório e indispensável. Não que tivessem muito a aprender. Ninguém ali tinha aulas específicas de seus poderes, pois cabia aos pais passarem para frente o conhecimento que corria em suas veias. As aulas eram teoria pura e preparavam as crianças para seu futuro qualquer que fosse. Os primeiros sete anos de vida eram orientados pelos pais e a escola começava após essa idade, entrando assim no primeiro ano, seguindo até o décimo primeiro ano. Na vida dela havia algo mais: quando um filho de um Oculto completava quinze anos, eles passavam por um teste para definir quem conseguiria começar seu treinamento para se tornar membro oficial dos Ocultos. Sua mãe não gostava de comentar em excesso sobre o assunto, mas agora que ela era oficialmente noiva de Moringan, havia começado a realmente introduzi-la naquele mundo. Mas na escola, isso não era comentado. Ninguém deveria saber sobre eles.

Celebriant sempre gostou de ficar sozinha, porém nunca tanto como naquele momento. Evitava falar com seus colegas e se mostrara difícil de conversar. Na verdade estava assustada com essa história de casamento. Os pais passaram o restante das férias falando sobre os Moringan, como se assim ela se sentisse honrada como eles com a situação.

Ela sabia que não iria se casar no dia seguinte, mas estar comprometida aos treze anos era um pouco cedo demais.

Parecia que estava numa contagem regressiva para o corredor da execução e aquilo não poderia ser mais angustiante. Por isso seu mau humor transparecia em todas as suas conversas, o que consequentemente a fazia evitar falar com

alguém. Os outros pareciam felizes com suas férias e comentavam em como poderiam tê-las aproveitado mais. Mas Celebriant tinha aquele peso nas costas sem saber exatamente por quê.

Afinal, fora avisada que um dia apareceria um noivo para ela, e sua mãe prometera que poderia dizer se gostou, mas não prometeu que poderia escolher alguém. Geralmente os filhos dos Ocultos casavam com os filhos de outros Ocultos, nada que ela já não soubesse.

O sinal tocou e ela se levantou, arrumando seus pertences o mais rápido que pôde. Precisava chegar à próxima aula o mais rápido possível. Não que estivesse realmente interessada, pois o que tinha na escola era muito chato. Só trabalhavam com teorias e cálculos. O que ela estava gostando ultimamente era a aula de lutas corporais que seu pai estava lhe ensinando em casa, depois que ele voltava da sede do governo Oculto.

Com a mochila nas costas, abaixou a cabeça e seguiu rapidamente pelos corredores. Antes que pudesse virar no primeiro corredor, sentiu que estava sendo tocada por um vento gelado e parou. Na sua frente, estava Moringan, e, certamente, esperando por ela.

Ele entrara adiantado na escola e agora cursava o oitavo ano, mas tinha a mesma idade de Celebriant, ou melhor, era alguns meses mais novo a ela. Os cabelos negros dele caiam logo abaixo das orelhas e tinha os mesmos olhos azuis do pai, olhos que inspiravam uma crueldade difícil de explicar. Ele era o sonho de consumo de todas as adolescentes da sala dela e o melhor partido da cidade, o que fazia ser sua noiva um fato mais difícil de suportar. Engolindo em seco, segurou a mochila nas costas e resolveu tentar passar por ele. Talvez ele não estivesse esperando por ela, afinal.

Claro que isso era apenas uma ilusão: ela sentia pelo ardor no estômago que Nicholas estava desde que o sinal batera ali, esperando. Assim que chegou mais perto ele se colocou na frente dela, e sem escolha, ela parou e encarou o menino.

— Olá, noivinha.

— Moringan. – resmungou ela virando-se para sair, mas novamente sendo

impedida por ele.

— Posso conversar com você?

— Estou atrasada para minha aula. – falou ela, fingindo estar interessada no horário em seu relógio.

— Não precisa fugir, só quero conversar.

— Certo. Então fale. – ela encarou-o, esperando parecer impaciente e não aterrorizada como realmente estava.

— Imagino que ficou sabendo do nosso noivado, por isso está fugindo de mim?

— Sim. – ela respondeu friamente, dando-lhe um sorriso.

— Acho que fiquei sabendo do nosso *futuro* noivado.

— Ah, eu não acho que é tão *futuro* assim, Devoy. Você tem mais cinco anos de estudo e eu quatro.

— Hum... Era só isso que queria conversar, Moringan? Sabe, eu tenho uma aula e...

Sua *Intueri* avisou e ela levantou o braço tão rapidamente que por um milímetro ele não conseguiu o que queria.

Moringan estava com os braços para frente como se fosse abraçá-la, mas não conseguiu. O braço de Celebriant estava pousado no braço direito dele, e sem esperar, ela mandou ondas de eletricidade, uma das facetas de seu poder de *Kassan* que ela estava aprendendo. Assim que sentiu aquilo, ele puxou o braço e encarou-a, irritado. O corredor ao menos estava vazio, e ela sentiu-se grata. Não podiam usar seus poderes dentro da escola e ela não queria ganhar uma detenção.

— Como você fez isso? Como sabia o que eu ia fazer?

— Não se meta comigo, Moringan. Eu não sou uma menina boazinha.

E, sem esperar resposta, ela passou por ele e correu para sua próxima aula, antes que chegasse muito atrasada.

***

A aula estava passando muito devagar. Sem nenhum interesse no que o professor falava, Celebriant pegou um livro que seu pai lhe passara para ler sobre artes marciais. Seus pais ensinaram muitas coisas para ela nos últimos sete anos e agora ela começara o real treinamento de *Kassan*.

Seu poder estava no início, e ela tinha muito a aprender com ele. Para isso, as aulas de artes marciais seriam substituídas pelos ensinamentos sobre o que um verdadeiro *Kassan* faz.

Já seu outro poder, o de *Intueri*, ela nunca recebera aulas ou qualquer outra ajuda. *Intueri* era considerado um poder específico de uma parte da população, uma parte afastada e escondida: os Rebeldes. E era preferível que ele ficasse no esquecimento, atrofiado.

Celebriant conhecia várias histórias do "nascimento" dos Rebeldes e o motivo de terem fugido e a maioria não fazia sentido. A única que parecia realmente a verdadeira era contada pelos Ocultos, e mesmo assim parecia exagerada demais.

Eles contavam que há dezenas de anos os Rebeldes moravam em uma vila afastada da cidade principal de Lander, e entre eles nascera o Escolhido, uma criança sem nenhum poder específico e isso era extremamente raro, quase beirava o mito. O fato da criança não ter nenhum poder não era considerado ruim, pois se acreditava que esta criança nascia com um destino pré-traçado, e o resto ela não compreendera

direito, ou melhor, nunca lhe explicaram de uma forma compreensível. Falavam sobre o Escolhido ter sido ambicioso, perigoso e problemático e os Ocultos tiveram que exterminá-lo, para salvar o mundo do caos e da escuridão que ele queria trazer. A vila não permitiu que os Ocultos matassem apenas o Escolhido, e no fim, fora inteiramente dizimada.

Ou era o que eles acreditaram na época. Mas, anos mais tarde, começaram a desconfiar que um núcleo de Rebeldes – como ficaram chamados assim que se rebelaram contra a decisão do governo em matar o Escolhido – ainda estava

ativo e pelo jeito, cada vez maior, apesar de sua localização ser totalmente desconhecida. Celebriant ainda não era uma Oculta iniciada para conhecer dos detalhes, mas, pelo o que ouvia, eles desejavam dominar o governo Oficial e ocuparem seu lugar, vingando seus antepassados e tudo o que eles passaram. E aos Ocultos cabia a nobre missão de exterminá-los para que o mundo permanecesse em paz. Uma utopia na opinião dela. Entretanto, o que uma adolescente de treze anos sabia das coisas, certo?

O professor estava falando diante da classe sobre a importância dos alunos prestarem atenção no que ele ia dizer, pois cairia no próximo teste. Mas a única coisa que realmente importava naquela escola era o sinal bater e eles irem embora para casa almoçar. Ainda falando, o professor pareceu perceber que ninguém prestava atenção e cruzou os braços sorrindo.

— Agora anotem o que vou ditar, pois será muito importante para o teste de vocês.

E amuada, Celebriant pegou sua caneta e começou a anotar o ditado do professor.

***

Assim que as aulas acabaram, ela pegou suas coisas e saiu da escola. O lado de fora estava repleto de carruagens com seus cavalos para os alunos de famílias mais nobres. Ela viu Lune entrando na carruagem da sua família, porém virou o rosto e foi andando para casa. Era um pouco longe, mas assim ela poderia se perder em pensamentos e demorar a chegar.

Era uma forma muito especial de fugir dos seus problemas. A não ser quando eles vinham até ela, pensou ao ver que seu futuro noivo a aguardava na saída da escola.

— O que quer, Moringan? Não bastou o que eu te dei pela manhã? Quer mais? – perguntou, não esperando por ele e seguindo em frente.

O garoto seguiu-a, parecendo nada preocupado com o que ela falara.

— Agora entendi como você sabia. É uma *Intueri*. – ele quase cuspiu as palavras, de tão enojado que ficara ao falar.

— Uau, você é sempre assim, tão esperto?

Continuaram andando em silêncio, com ela evitando ver se ele estava atrás. Quando saíram do centro da cidade e começaram a andar para o lado mais vazio, Celebriant travou ao sentir um vento gelado percorrer seu pescoço e levantou o braço para trás, na direção do noivo. Viu os olhos dele ficarem vermelhos e sem esperar mandou um golpe em Moringan.

Ele caiu no chão, aturdido e ela olhou em volta para ver se alguém tinha visto.

— Maldito! O que você está pensando em querer usar seu *Imperi* em mim? – ela grunhiu, muito irritada.

— Então é isso! – ele grunhiu de volta, levantando-se. —

Você consegue prever o que eu vou fazer!

— Sério? Puxa, novamente, como você é esperto! – ela revirou os olhos e continuou andando.

Seria muito bom se ele percebesse que não era bem recebido e fosse embora, mas Celebriant olhou para o lado e viu que ele a seguia de perto com as mãos no bolso, parecendo incomodado.

— Sua casa é para o outro lado, Moringan.

— Sério? Como você é esperta, Devoy! – ele deu um sorriso cínico e aproximou-se dela. — Seus pais me convidaram para almoçar hoje.

— O quê? – ela parou, encarando-o incrédula.

— Isso mesmo, noivinha. Vai ter que me aguentar o dia inteiro.

Céus, ela era muito azarada! Ele poderia ser um noivo legal, pelo menos, mas era arrogante e metido e ela não conseguia se imaginar perto dele. Espantando o pensamento de casar com o moleque, ela saiu da vila e entrou na estradinha que levava até a entrada de sua casa. Sem esperar pelo *futuro* noivo, ela levitou, pulando penhasco acima como se fosse uma cama elástica. Aquilo era a melhor parte de ir a pé, podia sentir-se livre uma vez ao menos. Pulou a

última entrada e caiu no chão, esperando ver Moringan correr estrada acima para alcançá-la, mas duas mãos seguraram seu rosto e ela se viu encarando os olhos azuis do noivo.

— Achou mesmo que eu não conseguiria alcançá-la a tempo? Eu sou bem mais *rápido* do que você, noivinha. – e com a intenção de beijá-la, ele se aproximou.

Celebriant segurou a cabeça dele e ele deu um grito, e antes que ele pudesse se recuperar empurrou-o para longe e mandou ondas de choque pelas pernas dele, fazendo com que perdesse momentaneamente o movimento delas.

— Não ouse tentar isso novamente, moleque! – ela grunhiu, sentindo seu poder de *Kassan* subir pela sua espinha como uma serpente.

— Eu só quero aproveitar, oras! – ele retrucou, parecendo irritado, mas seguro de si. — Por que não podemos ser namorados, já que vamos casar?

— Por que eu não gosto de você e só vamos casar porque nossos pais decidiram! Então não me entenda mal, mas eu não quero ter que aturá-lo até estar definitivamente casada com você!

E, sem esperar mais respostas, ela entrou em casa para almoçar.

***

Celebriant achou que a tortura do almoço seria sufi- ciente, mas seus pais contaram a novidade para Lune e Saori, que tiveram reações completamente opostas e inesperadas.

Lune pareceu completamente chocada e não abriu a boca no almoço. Já Saori encarou a irmã com olhos frios e comentou que eles seriam muito felizes juntos.

Preocupada, logo que terminou de fazer sala para Moringan e sua mãe assumiu seu posto, foi atrás de Saori no quarto dela. A irmã estava em sua escrivaninha, pelo jeito fingindo fazer a tarefa de casa. Celebriant aproximou-se e irmã levantou os olhos castanhos.

— Então eu não significo nada para você, Celebriant?

— O quê? – murmurou surpresa.

— O que conversamos depois da festa, você lembra? – ao ver o rosto preocupado da irmã ela revirou os olhos. — É, acho que não. Até está de casamento marcado com o Moringan! – a menina, muito mais baixa que Celebriant, apontava o dedo na direção dela, como sua mãe às vezes fazia.

— Saori, eu posso falar?

Ela balançou os ombros como se estivesse indiferente, mas focou os olhos nela e Celebriant sabia que a irmã estava com toda a atenção.

— Mamãe nunca falou isso para você, mas não somos nós que escolhemos nosso futuro marido. Quem escolhe são nossos pais. No dia da festa, assim que eu saí do seu quarto, papai chamou-me para informar que eu estava noiva do Moringan! Acha que estou gostando disso?

— Mas você não me disse nada antes! – ela resmungou, cruzando os bracinhos e parecendo irritada.

— Saori, você é nova e não compreende muitas coisas, mas escute o que eu digo: nossa vida é diferente das crianças que você conhece. Vivemos no meio dos Ocultos, lembra? Eu te contei e pedi para que não contasse a ninguém, certo? Nesse mundo dos Ocultos existem outras regras, outros costumes...

E não temos muitas escolhas.

— Eu não acho Celi! Se você não gosta do Moringan e eu sei, posso sentir isso, então fale para o papai e a mamãe e eles acham outro noivo para você!

— E você acha que eu não disse isso? – falou exasperada.

— Você acha que eu não falei? Mas os Moringan são uma família muito importante para a sociedade dos Ocultos e papai e mamãe não iriam negar nada a eles.

— Você está parecendo mais a mamãe falando do que a Celi que eu conheço!

— Me desculpe, Saori. – disse, cansada. — Eu estou muito chateada com essa história toda e estou procurando encontrar uma solução, mas é difícil.

— Eu serei diferente, então. – ela falou, levantando o queixo e parecendo muito a sua mãe nessa hora. — Não vou aceitar nenhum noivo que eu não

queira. Não vou ser uma Oculta. Quero ser exploradora, quero buscar coisas diferentes.

Serei o oposto de você Celi, ou melhor, serei a verdadeira Celi.

Quem sabe assim você vê o que está debaixo do seu nariz? E, sem dizer mais nada, ela correu do quarto deixando uma Celebriant preocupada para trás. Ela queria mesmo poder negar, queria poder dizer que não era aquilo que ela queria. Que aquele mundo político não era bom para ela e que sua *Intueri* estava em constante inquietude. O que só poderia significar que algo estava errado. Só que agora era tarde demais para se rebelar contra sua própria família. Pelo menos Saori poderia fazer diferente.

V
O treinamento para Oculta

Dois anos depois

ENGOLINDO EM SECO, ELA ENTROU COM a mãe numa loja de roupas para festa. Já tinham se passado dois anos desde o noivado, e com quinze anos, Celebriant estava ali para comprar um vestido para a festa que teria mais tarde, onde ela seria indicada a iniciar o seu treinamento para Oculta.

Nunca gostara de se vestir dessa forma, com vestidos, sandálias ou sapatos de salto, mas não tinha muita escolha.

A festa seria dada em honra a ela e de mais alguns sortudos que começariam o treinamento a partir da outra semana, então precisava estar apresentável, como exigia a ocasião.

Olhou-se no espelho e até gostou do que viu. Vermelho sempre lhe caia bem e agora tinha o corpo um pouco mais desenvolvido, apesar de ainda ser magra o suficiente para sua mãe achar que ela não estava comendo direito.

Assim que acabaram as compras, elas saíram enroladas em seus casacos. Aquela noite com certeza iria nevar, pelo tempo fechado. Ali em Lander, o tempo era sempre fechado, tendo poucos dias de sol, mas ela preferia assim.

Seu mundo era dividido por duas cadeias de montanhas: as Azuis e as Vermelhas. Do lado esquerdo às Azuis, ficava o país onde ela morava, Peline, dividido em três estados. Cada estado tinha sua capital e algumas vilas pequenas em volta, que geralmente não tinham um nome, mas a capital ocupava quase todo o estado. Ela morava no estado de Brand, o do meio, na cidade capital de Lander, que era a mais próxima das Montanhas Azuis. Os outros dois estados, Eututre e Olimp, e suas capitais Nobe e Cancrec ela nunca havia conhecido, apesar de ser o mais próximo de onde ela estava e ela soubesse pelo que estudara na escola.

No meio das cadeias de montanhas ficava o país Selene, dividido também em três estados – Ígalo, Egort e Jaker, com suas respectivas capitais – Ruliko, Vancoune e Karmesin. E, o último país, do lado direito das montanhas Vermelhas, era o Tresur, como os outros, dividido em três estados – Jhane, Cliop e Molokinu – e suas respectivas capitais – Tantyo, Gortus e Priori.

O Presidente, que governava os três países – e, é claro, só fazia aquilo que o Imperador dos Ocultos mandava – e seus primeiros-ministros, cada um responsável por um dos países, tinha sob seu comando, vários oficiais superiores que governavam nos estados. Não que ela se importasse muito com o governo Oficial, porque ela pertencia a uma parte diferente da população.

Os Ocultos eram o Exército Particular do governo, conhecido somente pelo alto escalão hierárquico do Oficial.

Era formado somente de famílias tradicionais, e conhecidos por seus poderes *raros e evoluídos*. Desde o começo do mundo, *Kassan* era um poder temido e ao mesmo tempo adorado, e muitas tribos lutavam entre si para dominar a arte do poder.

Há quase cinquenta anos, os *Kassan* tiveram uma grande guerra entre eles, acabando por destruir qualquer portador desse poder tão diferente. Os Devoy e os Koshi foram as únicas duas famílias sobreviventes ao massacre dos *Kassan* e quando os Ocultos descobriram que este poder não estava extinto, e que havia duas famílias remanescentes, juntaram os filhos *Kassan* dessas duas famílias e assim, ela nascera. Com isso, a família Devoy foi inclusa nos Ocultos, transformando-se em uma arma poderosa.

O poder que a família dela tinha era por vezes considerado uma simples arma de tortura, mas Celebriant sabia o que mais havia por trás desse poder. Tortura, morte, choque, envenenamento, cortes profundos e fatais eram algumas das habilidades de um *Kassan* e um poder capaz de matar era algo que faltava no Exército Particular do governo e eles não poderiam deixar uma oportunidade daquelas escapar, sabendo que suas crianças com certeza herdariam o poder dos pais e teriam filhos *Kassan* para continuar a lutar ao seu lado.

Sua mãe falou alguma coisa que a fez voltar para a realidade e seu rosto se contraiu ao ver sobre de *quem* era que ela estava falando. No meio da praça central da cidade, onde o maior comércio se instalava, estavam duas pessoas que Celebriant esperara não encontrar tão cedo. Percebeu pela primeira vez que Nicholas, seu futuro noivo, havia crescido, estava bem mais alto que ela e cada dia mais bonito.

Os cabelos estavam bem mais compridos e negros, mas seus olhos azuis estavam mais frios do que ela se acostumara a ver. A tonalidade da pele continuava branca como a neve e a única diferença que ela tinha notado até então era que ele estava cada vez mais irônico e irritante.

— Olá, Sra. Moringan! – sua mãe puxou-a pelo braço, de forma que fossem cumprimentar Yone e Nicholas, que estavam em uma livraria.

— Oh, olá! – murmurou a Yone esticando e apertando a mão de sua mãe e a dela, e parecendo, como sempre, abatida e submissa.

— Sra. Devoy, que prazer em revê-la! – falou Nicholas, pegando a mão de sua mãe e dando um leve beijo nela.

— Ora, Nicholas já falei que pode me chamar de Mizuki!

— Desculpe, Mizuki. – ele sorriu docemente e encarou-a. — Olá, Celebriant.

— Moringan. – ela resmungou rudemente, fazendo com que sua mãe a olhasse nervosa.

— Estão passeando? – Mizuki perguntou, parecendo querer evitar que os dois percebessem a falta de educação da filha.

— Na verdade mamãe estava louca para escolher um vestido para ela, mas eu não sou de grande ajuda! – ele deu outro sorriso falso, mas que fez sua mãe se derreter. — Por que a senhora não a ajuda, Mizuki?

— Com muito prazer! – Mizuki sorriu, segurando o braço de Yone gentilmente. — Nos encontramos em casa, Celebriant. E comporte-se. – ela sussurrou as últimas palavras e arrastou Yone com ela, deixando os dois a sós.

— Olá, noivinha. – disse Nicholas, assim que suas mães se afastaram.

— O que quer agora? – grunhiu ela, irritada.

— Você é muito rude. – ele disse, segurando o braço dela tão firme que chegou a doer. — Vamos caminhar, sim?

Ela não estava a fim de brigar naquele dia, mas quando ele segurou seu braço daquela forma sabia muito bem como aquilo iria terminar. Assim que eles saíssem do meio daquela rua movimentada, Moringan iria querer manipulá-la, como sempre fazia e ela iria revidar.

Mas dessa vez ele não a levou a um canto ou algum lugar escondido e estava realmente passeando com ela. A praça estava um pouco cheia, mas ele não pareceu se importar. Passeava de braços dados com ela, dando um sorriso de escárnio ao ver que as adolescentes se viravam para acompanhar sua passagem. Um pouco receosa com aquela atitude suspeita, tentou tirar o braço do aperto dele, mas estava muito bem seguro ali.

— Só quero conversar com você, Devoy, será que poderia não ser rude?

— O que deu em você? Bateu a cabeça logo cedo?

— Só achei que conversar era melhor do que brigar.

Sua *Intueri* cutucou sua mente, fazendo-a sentir calafrios.

Moringan querendo conversar era algo muito falso. Ela sabia que tinha algo mais e ficou alerta. Desde que o noivado fora planejado, ele ficara muito irritado por não conseguir manipulá-la e, depois de um tempo tentando “namorá-la”, ele resolveu que com a força ele talvez conseguisse o que queria.

Os dois viviam em pé de guerra e era difícil ela ser uma boa pessoa com ele se, quando eles ficavam a sós por alguns segundos, ele literalmente usava todos suas habilidades e poderes para tentar manipulá-la e,ou agarrá-la. Ela nunca tinha namorado ninguém, mas sabia que não era assim que um namoro devia ser. E Moringan estava cada vez mais violento às recusas dela, então aquele papo de *conversar* a muito tempo perdera o efeito.

— Por que estamos andando a pé? – perguntou de repente, fazendo-o encará-la com ironia.

— Viemos a pé para eu poder conversar com você.

— Nossa, que evolução! – ela deu uma risada sarcástica.

— Cuidado para suas pernas não morrerem com o esforço.

Ainda com um ar risonho, Celebriant ficou encarando tudo menos o garoto. Não acreditava no que ele dizia e sabia que havia algo mais do que simplesmente conversar. Para Moringan não andar na suntuosidade de sua carruagem, deviaser algo muito *importante*. Ao ver que ele não dava sinais de querer começar o assunto com ela e começava a seguir um caminho mais afastado, voltou a falar:

— Moringan, fale logo o que você quer, pois eu quero ir para casa! – grunhiu, incomodada.

— Sua casa? Ah... Você não vai para sua casa hoje. – ele encarou-a, sério. — Vai para minha casa. Vamos juntos à festa. Celebriant não conseguiu segurar e começou a rir.

— E o que faz você pensar que eu vou por livre e espon- tânea vontade com você à festa?

— É por isso que estou te *levando* comigo. – ele grunhiu, olhando para frente agora e parecendo finalmente irritado.

E, virando numa rua menos movimentada, prova- velmente seguindo para a casa dos Moringan, Celebriant começou a se sentir enjoada. Qual fosse o motivo para aquela retirada estratégica para a casa dele não era nada comparado ao que viria depois.

— E minha mãe sabe disso? – ela perguntou, remexendo seu braço e tentando inutilmente, retirá-lo do aperto do garoto.

— Minha mãe já deve ter informado à sua, que deve estar dando pulinhos de alegria! – ele falou, lançando-lhe um sorriso amargo e puxando-a por outra rua agora, cada vez mais afastada da praça central da cidade.

Por sinal, Lander era uma cidade cheia de ruazinhas e becos que geralmente levavam a casas de pessoas mais pobres.

Moringan estava entrando por aqueles caminhos, mas ela sabia que ele não temia ninguém. Sentia-se tão poderoso quanto o próprio Imperador e aquilo era um dos vários motivos por que não gostava do futuro noivo.

— E por que eu tenho que ir com você a essa festa? – ela tentou novamente

tirar o braço de um jeito sem precisar usar seus poderes, mas ele segurou mais forte.

— Quer parar com isso? – grunhiu ele, apertando seu braço tão forte que ela viu estrelinhas.

Com um aviso rápido de sua *Intueri*, ela se concentrou e sentiu seus braços mandarem agulhadas para o braço dele, segundos antes dos olhos dele avermelharem. A dor foi tanta que ele pulou, encarando-a com ódio.

— Eu já te avisei Moringan! – ela aproximou-se dele, sentindo seu poder de *Kassan* dominá-la como fogo. — Comigo suas investidas não vão funcionar, então pare de me machucar, ou eu juro que te mato!

Moringan encarou-a, ainda parecendo terrivelmente irritado, mas respirou fundo e esticou o braço para ela.

— Certo! Você venceu! Agora, por favor, garota! Vamos para minha casa!

— E para quê?

— Ah, eu não te contei, não é? – ele aproximou-se dela e pegou seu braço, dessa vez mais gentil e deu um sorriso cínico, que fez o coração dela gelar por dentro. — Meus pais querem anunciar nosso noivado hoje, assim que você começar o treinamento.

— O quê?

Ela não queria gritar daquele jeito, mas não conseguiu evitar. Moringan encarou-a com um ar irônico e puxou-a pelo braço para continuarem andando, aproveitando-se do choque dela. Anunciar o noivado de dois adolescentes de quinze anos? Realmente estavam dispostos a colocá-los juntos e Celebriant sentiu como se a corda presa em seu pescoço apertasse ainda mais.

— Então, aproveitando seu silêncio, eu te digo que você vai para minha casa, pois minha mãe comprou um vestido para você e vai pedir que as criadas a deixe exuberante!

Abriu a boca para responder, mas sentiu ser puxada com uma velocidade acima do normal e percebeu que ele resolvera usar sua habilidade de *Speede* para chegarem mais rápido.

Assim que ele parou, ela encarou-o, ainda em choque.

— Mas eu já comprei um vestido. – ela conseguiu dizer e percebeu que estavam quase chegando a casa dele.

— Não é o suficiente. Minha noiva tem que estar perfeita. – ele falou, caminhando apressado e apoiando o braço dela para entrarem na propriedade. — E por favor, não vamos dar vexame hoje, sim? Pelo menos nada de brigas, certo?

Finalmente o seu casamento estava se concretizando e sua *Intueri* não parava de mandar imagens estranhas em sua cabeça, algo como um exército de guerra, com ela e Nicholas na frente, suas roupas negras reluzindo, e, do outro lado, podia ver-se com outro menino, com roupas claras e estranhas.

Balançou a cabeça, agoniada. Aquilo estava deixando-a cada vez mais enojada.

***

A festa estava brilhante e não era porque ela estava gostando. Onde olhasse podia ver um brilho de diamantes que quase ofuscava sua visão. Flores cor de pêssego caiam como em cachos das pilastras e em todas as mesas toalhas brancas de seda e um vaso com flores silvestres enchiam a sala de beleza.

Flores provavelmente vindas do país de Selene, pois nunca havia visto flores tão coloridas ali. Aquele era o local onde eles faziam todas as festas e campanhas dos Ocultos, e Celebriant sentia que teria que se acostumar com todo esse *glamour*. Até porque, o salão ficava na casa dos Moringan, onde ela moraria assim que casasse. Olhou para si mesma e desviou os olhos, irritada. Seu vestido era de cor verde esmeralda, decotado nas costas e cheio de pedras preciosas. Não gostara nenhum um pouco daquilo, pois nunca usara coisas como aquela. Um exagero em sua opinião, mas Yone insistiu que aquele era o modelo que ela devia passar: exuberância.

Eles já tinham jantado e sua mãe veio falar com ela logo depois, dizendo que estava muito empolgada com o anúncio do noivado dos dois antes da indicação

para o treinamento.

Fingindo estar interessada na conversa da mesa, Celebriant não conseguia pensar em outra coisa. Suas pernas tremiam e seu coração parecia que ia sair pela boca. Por que ela não conseguia se acostumar com a ideia de casar com Nicholas? Ah, sim, agora ela teria que chamá-lo de Nicholas quando estivessem em público, para que ela mostrasse que eram *íntimos*.

Desde os treze anos fora avisada sobre o noivado e ela sabia que nunca seria desfeito, a não ser quando eles se casassem. Os Moringan passaram a frequentar a casa deles muito mais vezes e ela e o futuro noivo foram obrigados a passarem algum tempo de suas férias juntos.

Mas ela não conseguia. Simplesmente olhar para ele era insuportável. Pensar que teria que aguentá-lo para o resto da vida era algo que odiava imaginar, porque sentia que vomitaria toda vez que o visse. Balançou a cabeça, fazendo o possível para não pensar mais naquilo ou olhar para Nicholas ao seu lado, e olhou em volta.

Viu, ao longe, o homem que era chamado de o Imperador dos Ocultos. Estava sentado em um trono alto de madeira escura, todo trabalhado com símbolos do Oculto, e vestia uma grande túnica negra, bordada com ouro nas barras. Era um homem muito pálido e grande, com pelo menos um metro e noventa de altura, cabelos negros e curtos e olhos tão escuros que Celebriant podia ver o brilho de ambição, exatamente como eram os olhos de seu pai. Ela sempre achara que César, seu futuro sogro, inspirava aquela crueldade latente que vinha de muito tempo, mas ao ver o Imperador, ela sentiu que teria problemas com sua *Intueri* se ele viesse falar com ela. Com certeza ela desmaiaria ao vê-lo de perto, não de emoção, mas sim de terror.

Sentiu um burburinho pairar no ar e César Moringan levantou, chamando a atenção de todos os presentes.

— Boa noite e bem-vindos à minha humilde casa! – ele deu um sorriso cativante, que fez muitos Ocultos rirem. — Antes de mostrarmos os indicados sortudos que iniciarão o treinamento semana que vem, tenho um comunicado a

fazer.

Tenho o orgulho de dizer que meu filho, Nicholas, um Oculto já em treinamento, firmará hoje compromisso com a filha de uma de nossas mais novas famílias, os Devoy!

A um sinal do pai, Nicholas se levantou e puxou Celebriant com ele, que ficou pela primeira vez grata por ele segurar seu braço. Se não fosse isso ela com certeza cairia no chão de pavor.

— Parabéns! Aos jovens noivos, Nicholas e Celebriant!

E vida longa aos Ocultos! – ele levantou sua taça de cristal ao Imperador, ao passo que todos fizeram o mesmo, e então levantou a taça aos noivos e todos repetiram seu gesto.

— E já que nossa noiva é uma das indicadas para o treinamento, que tal começarmos com Celebriant Devoy e ver o que ela tem para nos oferecer?

Nicholas empurrou-a levemente e ela empertigou-se, indo para o meio do salão vazio. Em volta dela estavam as mesas onde cada Oculto podia vê-la, e à sua frente, o

Imperador a encarava. Sabia o que teria que fazer e não estava muito feliz. Ninguém ali estava querendo ver uma aluna em treinamento, e sim uma verdadeira *Kassan*. Há muito tempo eles esperavam para ver se os filhos dos Devoy tinham puxado a aptidão dos pais e ela sabia que o próprio Imperador viera até ali para isso.

Um criado aproximou-se, trazendo um pássaro branco preso numa gaiola. Engolindo em seco, ela segurou a gaiola e abriu-a, fazendo com que o pássaro voasse para cima.

Respirando fundo, ela ergueu a mão. Fez o possível para esquecer sua *Intueri* e mandou ondas de choque para o pássaro, que assim que as recebeu, deu um pio de total agonia. Sem esperar, ela andou vagarosamente até estar em baixo do bichinho e parou de mandar as ondas. O pássaro, exausto pela dor que ela lhe causara, caiu de onde estava, mas ao ver que ela estava embaixo, começou a bater suas asas e fazer o possível para escapar. Sentindo o poder do *Kassan* lhe

subir a espinha, começou a mandar golpes rápidos, até perceber que o pássaro não aguentaria mais. Fez novamente uma série de golpes torturantes e cortantes, até que o pássaro, sem mais suportar, começou a perder altura. Nesse momento o poder subiu para suas mãos como se ela estivesse debaixo de água quente, e, sem hesitar, cruzou os braços em forma de cruz e mirou no pássaro. Assim que o golpe o atingiu matando-lhe instantaneamente, ele parou no ar, e começou a cair numa velocidade incrível. Celebriant pegou-o no ar, e mostrando à sua plateia ávida, ela pôs fogo no corpo do pássaro com suas mãos. O pássaro se desintegrou rapidamente e assim que sobraram somente as cinzas, ela soprou-as em direção a Nicholas, dando um sorriso vingativo ao vê-lo compreender o que ela estava querendo dizer: que aquilo poderia acontecer com ele também.

Um som de aplausos encheu o salão e ela abaixou-se numa reverência, sentindo seu poder diminuir dentro dela e a *Intueri* voltar, mostrando o que ela fizera. Por alguns instantes achou que não conseguiria se levantar. Céus, ela matara um inocente pássaro? E por quê? Antes que pudesse vomitar, César Moringan agradeceu a demonstração dela, fazendo com que Celebriant saísse dali e corresse para o banheiro mais próximo.

Sentou-se no batente, exausta e com a cabeça a mil.

Precisava pensar, mas sua *Intueri* não parava de lhe mostrar o que fizera. O problema ali não fora o pássaro ou a morte dele, mas sim a forma como agira. A forma como o poder de *Kassan* a dominou por completo, fazendo com que esquecesse seus princípios e matasse um pobre animal. Levantou-se, ainda zonza e ficou frente a frente com sua mãe, que a havia seguido.

— Celebriant! – a mãe puxou-a para um abraço e ela não pode resistir. — Que orgulho que estamos de você, minha filha! Nunca imaginei que nos daria tantas alegrias!

— Que bom que confiava em mim, mamãe. – resmungou ela, fazendo a mãe rir.

— Não seja tola, meu amor! Eu e seu pai queremos parabenizá-la, então vamos lá para fora. Há muitas pessoas querendo dar os parabéns a você também.

— Parabéns? – ela perguntou, esperando não parecer tão enojada como estava.

— Sim, você saiu tão rápido dali que não ouviu o Imperador, não é mesmo? Você foi aceita sem precisar passar por treinamento básico, irá direto para o treinamento do Exército Particular!

Chocada, ela deixou-se levar pela mãe, sentindo que es- tava fora do seu corpo. Sentia-se sorrir, agradecer e murmurar alegremente as palavras, mas era seu corpo quem fazia. Ela estava num limbo, perdida e confusa, sentindo-se totalmente um lixo. Céus, o que ela fizera?

IV
A glória de Nicholas

— SENHORITA DEVOY ?

Celebriant voltou rapidamente de seus pensamentos e encarou o professor, que repetiu a pergunta. Pedindo desculpas pela falta de atenção, respondeu mecanicamente à pergunta dele e voltou a encarar o livro de forma desligada.

Sua vida na escola não mudara muito desde que começara a participar do treinamento para o Exército Particular, a não ser pelo cansaço que agora a acompanhava. Tinha aulas de manhã e, à noite, geralmente até altas horas, ficava com os Ocultos numa sede próxima à Masmorra de Andes. Apesar do governo insistir que a Masmorra era apenas para assustar aqueles que queriam infringir a lei, ela acabara descobrindo algumas coisas que a deixaram de cabelo em pé.

Tudo começou porque ela vira uma notícia sobre a captura de alguns Rebeldes, durante um almoço obrigatório uma vez por semana depois do noivado, na casa dos Moringan. No jornal apenas informava que um grupo terrorista de Rebeldes

foi capturado ao tentar invadir uma propriedade do governo e que tinham sido presos e mandados para a Masmorra de Andes para cumprir uma pena. Uma notícia simples e pequena que a deixou curiosa, mas não sentiu o habitual solavanco no estômago o que a deixou menos preocupada. Ao ver o que ela olhava, César deu um sorriso e Celebriant o encarou.

— Esses i*nsetos* estavam tentando invadir a minha propriedade, mas conseguimos pegá-los.

— E o que eles queriam por aqui, senhor?

— Já falei que quero que me chame de César, Celebriant.

— Desculpe. – murmurou. — E o que eles queriam por aqui?

— São Rebeldes. – disse ele, com se aquilo explicasse tudo. — Eles sabem que somos a família mais próxima do Imperador e tentam nos matar sempre que

possível. Não sei bem o que se passa na cabeça desses *insetos*, mas deve ser algo como vingança pessoal pelo que acham que fizemos a eles todos esses anos.

— Eles são problemáticos e tem inveja do nosso poder, Celebriant. – falou Nicholas, colocando seu prato de lado e segurando levemente a mão dela, como sempre fazia em frente aos seus pais.

— Então eles queriam se vingar de vocês? – perguntou ela, tirando sua mão e nem olhando para o noivo.

— Sim, e de todos os Ocultos. Estamos trocando os criados da casa por pessoas de maior confiança e também colocando mais segurança por aqui. Claro que a sua casa será tão bem guardada quanto a nossa. Afinal, a noiva de Nicholas com certeza seria um grande atrativo para eles.

Engolindo em seco ela abriu um sorriso falso, tentando empurrar mais um pouco de comida para baixo. Mais segurança na sua casa significava que ela seria mais vigiada.

Aquilo parecia que era só uma desculpa para colocá-la sob vigilância. Afinal, a noiva de Nicholas não podia se envolver em escândalos, principalmente amorosos. Como se ela tivesse muitos amantes, mesmo!

O dia passou se arrastando, como sempre acontecia quando passava na casa dos Moringan e eles finalmente foram para o treinamento, mas dessa vez, seu professor levou-os pela primeira vez nas Masmorras de Andes.

A prisão era algo muito sinistro. Os principais guardas eram pessoas com poder de *Força*, algo que ela nunca tinha visto a não ser na teoria. Diziam que ninguém conseguia vencê-los em uma luta corporal, e como na Masmorra todos os poderes dos prisioneiros eram bloqueados – de que forma era feito aquilo ela não sabia — somente com aqueles guardas conseguiam que eles não fugissem. Outro poder muito utilizado ali era o *Illuniom*, algo como uma ilusão, tão real que o prisioneiro realmente sentia e via o que quer que o estivessem mostrando. E se alguém conseguisse desbloquear seu poder, as paredes pareciam ser feitas de uma esponja resistente, onde qualquer golpe ou poder era rapidamente neutralizado.

O professor explicou que foram levados até lá para punir os Rebeldes responsáveis pela invasão na propriedade dos Moringan. Celebriant ficou um pouco chocada com a sinceridade do homem, mas, pela primeira vez não sentiu seu estômago revirar. Aquilo com certeza seria muito difícil de suportar, por conta de sua *Intueri* e ela pensou que sentiria o terror do que fizesse como se fosse nela mesma. Mas, incrivelmente, o máximo que sentia era um calor de prazer percorrer-lhe o corpo. Algo estava muito errado, mas não havia tempo para pensar, pois o professor a chamou para ajudar seu noivo a arrancar a verdade de um dos prisioneiros.

Entrou na cela juntamente com Moringan, com o restante dos alunos prestando atenção do lado de fora. O estado do homem era deplorável. Seus cabelos cacheados estavam cheios de nós e muito sujos, de algo que parecia sangue seco de vários dias. Suas roupas, de uma cor que deveria ter sido bege em alguma época remota estavam rasgadas e destruídas.

Parecia que ele havia escapado de uma explosão sem perder nenhum membro, apesar de estar queimado e machucado em todas as partes visíveis do corpo. Com a cabeça abaixada e a respiração lenta, era como se estivesse aguardando algo acontecer. Celebriant não conseguia sentir muita coisa a seu respeito, pois a volta dele, como uma espiral de fumaça, estava como o professor explicava pacientemente aos seus alunos, um poder que neutralizava qualquer tentativa do homem usar seus poderes, ou seja, deixava-o totalmente a mercê de quem estava ali. Provavelmente também bloqueava qualquer tentativa de sensações por parte de sua *Intueri*, por isso que ela não sentia nada desde que entrara naquela prisão.

Respirou fundo, puxando o poder de *Kassan* para seu corpo. Uma serpente de calor subiu pelas suas costas, fazendo-a encarar o homem com outros olhos. Fora tão fácil dessa vez! Um pouco aturdida, ela aproximou-se. Sentiu um vento gelado bater em seu rosto e sabia que estava na hora.

— E quem são vocês agora? – resmungou o homem, levantando o rosto sujo e falando com uma voz arrastada.

— Só quero saber uma coisa e irei embora. – disse Moringan, mansamente.

— Como se eu fosse falar para qualquer um de vocês! – ele falou e cuspiu, por sorte acertando longe dos dois.

Celebriant levantou seu braço em forma de gancho e o homem ofegou. Para conseguir torturar, havia muitas formas eficientes, mas seu pai a ensinou a melhor. Quando levantava o braço em forma de gancho, a pessoa sentia como se alguém estivesse com o braço dentro dela, e assim qualquer golpe que o poder de *Kassan* mandasse, era o suficiente para o prisioneiro sentir três vezes mais dor. Mandou ondas de eletricidade e o homem perdeu-se. Ainda estava conectada a ele quando sentiu Moringan usar seu *Imperi*. Por estar assim, teve alguns vislumbres do que seu noivo via dentro da mente do homem, mas nada muito claro. O homem tinha um forte bloqueio em sua mente e a única forma de fazer com que Moringan conseguisse arrancar a verdade dele era torturá-lo, e mesmo assim não era possível ver tudo. Celebriant continuou mandando ondas de choque e alguns golpes mais leves de dor, apenas para ver o homem completamente sem controle de si mesmo. Moringan terminou seu trabalho e encarou-a. Ela respirou fundo e, muito rápido, tirou o gancho do homem.

Ele começou a vomitar e a tossir e Celebriant virou-se, sentindo-se estranhamente realizada, alegre com o que tinha feito... O que estava acontecendo?

Respirando fundo e um pouco trêmula, ela saiu da cela junto com o noivo e dirigiu-se ao seu professor, ouvindo as informações que ele passava. Eles estavam atrás do prisioneiro retido na casa dos Moringan e por isso invadiram. Seu professor mostrou-se muito feliz com a atuação dos dois e, no fundo, ela não conseguia compreender a felicidade que sentia com seu sucesso. Uma parte dela gostava daquilo e ela estava se sentindo num beco cada vez mais sem saída. O treinamento do dia acabou assim que o professor explicou o que o *Imperi* fazia para retirar a verdade dos seus prisioneiros e como o poder de *Kassan* poderia ajudar. Celebriant não estava se sentindo mal pelo o que fizera e alguma coisa, no fundo dela, dizia que algo muito grave estava acontecendo.

Quando o professor os liberou para irem embora, caminhou rapidamente pela prisão, sentindo-se sufocar.

Moringan seguiu-a o tempo todo e ela revirou os olhos ao ver que dois seguranças do tamanho de monstros se juntaram aos dois assim que pisaram fora da Masmorra.

— O que significa isso, Nicholas?

— São seus seguranças, meu amor. – ele disse, dando um sorriso cínico.

Ele começara a chamá-la de *meu amor* esporadicamente para vê-la nervosa, mas naquele momento ela só queria ir embora e fingiu que não tinha ouvido a provocação.

Queria caminhar e tentar compreender o que estava acontecendo, mas os dois brutamontes se colocaram na frente dela, obrigando-a a entrar na carruagem negra com o noivo.

Assim que se instalaram lá dentro, Celebriant o mais longe que conseguiu de Nicholas, a carruagem começou a se mexer e ela colocou as mãos nos bolsos, para evitar que Moringan tivesse o pretexto para segurá-la. Mesmo sem a carruagem, a Masmorra de Andes ficava muito próxima à sua casa e não demorou mais do que dez minutos para avistá-la no alto do morro. Assim que a carruagem parou, Celebriant não esperou o noivo e desceu num pulo, mas ele foi mais rápido e a alcançou, segurando seu braço.

— Eu vou levá-la. Não quero permitir furos na sua segurança.

Sem responder e sentindo seu corpo ficar quente de raiva, ela deixou que o noivo segurasse sua mão e andasse com ela até os portões de casa. Os seguranças ficaram ao lado da carruagem, observando seu noivo, provavelmente sob ordens de acompanhar Moringan onde quer que ele fosse.

— Sã e salva, noivinha. – Nicholas falou, assim que chegaram aos portões negros da sua casa.

Sã e salva que ironia, ela pensou, encarando o noivo incomodada. Ela sabia que muito dessa segurança exacerbada era por conta dos ciúmes de Nicholas, que começara a perceber que outros homens olhavam para ela. Sentindo que era

a oportunidade perfeita para provocar o garoto, deu um sorriso cínico e o encarou.

— Qual é o problema, Moringan? Tudo isso é medo de eu estar com um amante?

— E está? – ele perguntou, estreitando os olhos e não conseguindo esconder seus ciúmes.

— Se eu estivesse não ia te dizer, certo? – deu uma risada e acenou, virando-se para sair.

Foi tudo tão rápido que ela nem percebeu: Moringan agarrou seu braço, virou-a para ele, e a última coisa que ela viu foram dois olhos vermelhos.

***

Estava cada vez mais difícil suportar aquela sensação de desejo que o dominava. Nicholas não tinha muita certeza, mas sua noiva devia gostar dele. Era a única explicação possível para aquela recusa toda. Ninguém nunca o recusara antes e ela estava se fazendo difícil para que ele se apaixonasse, só podia ser isso.

E ainda por cima ela tinha a presunção de insinuar que tinha um amante! O que ela pretendia? Enlouquecê-lo? Sem conseguir resistir, pegou seu braço e virou-a, sentindo seu *Imperi* gelar rapidamente seu corpo. Encarou-a, esperando uma onda de choque ou qualquer outra coisa que ela usasse para se desvencilhar do seu aperto. Mas dessa vez estava dentro da mente dela. Sem acreditar, ele viu uma mente extremamente difícil de ler e manipular, mas agora que estava ali, sabia o que fazer.

Congelou os impulsos elétricos do cérebro dela, vendo algumas portas se abrirem para ele. Buscou a parte dos sentimentos. Precisava fazê-la amá-lo, pelo menos por enquanto.

E lá estava! Sentindo-se muito empolgado, puxou a garota para si, que não reclamou e parecia estar em outro mundo.

— Diga que me ama. – ele falou, dando um sorriso ao ver que seu trabalho estava feito.

Celebriant encarou-o e ele viu algumas ligações se fecharem. A maldita estava lutando! Bem, o que era óbvio que aconteceria, mas ele sabia lidar com mentes difíceis. Congelou outra parte dos impulsos e ela encarou-o, dócil.

— Eu te amo, Nicholas.

Não suportando mais a onda de desejo que o dominava, ele a beijou sentindo que ela respondia ao beijo tão bem quanto ele. Uma explosão surgiu dentro dele e não queria mais nada, além de continuar beijando sua noiva.

***

Celebriant parecia acordar aos poucos de um sono pesado. Não compreendendo muito bem, obrigou seu cérebro a funcionar. Onde é que ela estava mesmo? Não conseguia lembrar-se, mas tinha algo mais estranho que isso acontecendo. Ela estava abraçada em alguém?

Piscou os olhos e então percebeu. Estava beijando Moringan! O que significava aquilo? E o pior era que ela sentia que alguma coisa no fundo dela estava *mandando* que ela continuasse com o beijo. Lembrou-se dos olhos vermelhos que viu e tudo fez sentido. E o que fez foi a coisa mais sensata que podia ter feito: arremessou seu noivo contra o muro da casa dela.

Em instantes os seguranças estavam ali, e sem imaginar que fora ela quem jogou o noivo, um deles se colocou em volta dela, buscando da onde viera o golpe e o outro correu até Moringan, para ajudá-lo. Sentindo uma raiva tão absurda que sabia que não poderia se controlar, virou-se para o segurança.

— Fui eu que fiz isso!

O segurança não pareceu ouvi-la, prestava atenção em

Moringan, que vinha acompanhado do outro monstro gigante.

— Deixe-nos. – ele resmungou para os homens, que o obedeceram instantaneamente.

Ela não sabia o que faria. Matá-lo era seu desejo maior, mas sua *Intueri* nunca a deixara na mão daquele jeito e sentia-se impotente, frágil e com muita raiva.

— O que aconteceu, noivinha? – ele deu um sorriso cínico. — Até agora pouco você estava amando me beijar. Ou será que era isso que você sempre quis?

Não sabia o motivo, mas finalmente havia percebido o que estava a incomodando todo esse tempo: sua *Intueri* a deixara. Ela não sentia mais nada relacionado ao seu poder principal e cambaleou. Moringan se aproximou ao vê-la quase cair, mas ela levantou a mão para ele, em ameaça.

— Não se aproxime, seu cretino!

— Não estou te entendendo, meu amor! – ele continuou com aquele olhar cínico de quem sabe das coisas.

— Eu vou te matar! Eu juro! – ela rosnou, sentindo uma espiral de calor subir pela sua espinha e invadir seus braços.

Sentiu seus braços queimarem e quando olhou para eles, viu que serpentes luminescentes dançavam, soltando junto com a cor, faíscas elétricas. Olhou para o noivo e grunhiu, irritada. Ao ver os braços dela cobertos de fogo e saindo fagulhas de eletricidade, ele finalmente percebeu que tinha passado dos limites e se afastou um pouco surpreso.

— Estou indo embora, então.

— É melhor correr, moleque! Se eu te alcançar não vai sobrar nada de você!

Ele sumiu da visão dela muito rápido e ela sentiu seu mundo girar. A carruagem dele desceu o morro rapidamente e então, ela olhou para sua casa. Percebeu que estava no chão, aterrorizada. Sua *Intueri* a abandonara. Ela provocara tanto que foi abandonada pelo seu poder. Agora compreendera como foi fácil entrar no seu poder de *Kassan* na Masmorra, como ela passara dias sem ter sensações estranhas sobre as outras pessoas. Acabara. E parecia que uma parte dela estava dilacerada pela falta que o poder de *Intueri* fazia.

Sentiu que alguém estava prestando atenção nela e viu Saori no portão. Ao

ver o rosto da irmã, em segundos a menina estava ali, abraçando-a.

— O que houve Celi? O que aconteceu?

Celebriant balançou a cabeça, ainda sem compreender muito bem e a irmã segurou-a pelo rosto.

— Aquele maldito fez algo com você, não foi? O que ele fez?

— Saori... – a voz dela saiu num sussurro.

Estava com medo de dizer em voz alta o que acontecera, mas seu corpo começou a tremer e ela sentiu que morreria se não falasse com alguém.

— O que, Celi?

— Minha *Intueri* se foi. – ela encarou a irmã e não conseguiu ver mais nada, pois seus olhos se inundaram de lágrimas. — Se foi!

E, sem esperar por aquilo, Celebriant começou a chorar no ombro da irmã, que a apoiou e passou a mão em sua cabeça, parecendo tão estupefata quanto ela.

VII
A vida de *Kassan*

Oito meses depois

O FINAL DE SEMANA HAVIA FINALMENTE chegado e Celebriant estava grudada no livro de técnicas para aperfeiçoamento das habilidades físicas, que seu pai passara para ela na última aula.

Quando pequena tinha sido treinada pelo seu pai em artes marciais e habilidades físicas, tendo uma força e uma técnica de lutas melhor que muita gente. Mesmo tendo seu *Kassan*, ela precisava ter outros meios de se defender, caso seu poder não funcionasse ou não houvesse tempo para usá-lo. Como seu pai sempre lhe dissera, um corpo bem treinado era muito mais resistente aos ataques e poderia ajudar a aumentar seu poder.

Estava sentada nos jardins de sua casa, que finalmente parecia verde graças ao fim da Estação da Neve. Um criado que nunca havia visto antes se aproximou dela com uma bandeja de torradas e chá. Escondeu-se atrás do livro, fingindo que não o vira. O homem – que devia ser poucos anos mais velho do que ela – colocou a bandeja em cima da mesa e vendo que ela não falou nada, resolveu servir o chá. De repente ela sentiu algo arder em seu braço e levantou-se rapidamente, segurando o braço do criado com ódio.

Agora que estava perto dele, pode ver os cabelos loiros e olhos castanhos muito claros, quase como um mel desbotado.

Dolorida, ela encarou-o, e o criado percebeu então o que fizera ao ver o pequeno vergão que se instalara no braço dela.

— Senhorita, mil perdões! Eu só queria servir o chá! – ele parecia desnorteado, encarando-a e o vergão com o mesmo olhar de desespero.

— Quem é você? – ela perguntou soltando-o, antes que quebrasse algum

osso dele, mas ainda o encarando com irritação.

— Sou o novo criado da casa, Erik Otto, senhorita! – ele abaixou-se em uma reverência e seus cabelos loiros caíram sobre seus olhos trêmulos.

— Não sou uma senhorita. – resmungou ela, mais para si do que para o criado, e virou-se para sentar de volta.

— Certo, senhora.

Celebriant parou no meio da ação e piscou incrédula. Que insolente! Virou-se para reclamar, mas o homem havia sumido. Ela nunca o tinha visto na casa, e, portanto, deveria ser a nova leva de criados contratados pelos Moringan. Como se não bastasse ter que aguentar o noivo, agora teria que aturar outro insolente na sua vida. Ela só esperava que não precisasse encontrá-lo mais uma vez ou provavelmente não seria tão bondosa com ele.

***

Seu treinamento de *Kassan* estava avançando. Fazia oito meses que sua *Intueri* a abandonara, e ela nunca mais sentira seu poder de nascença. Era possível? Ser abandonada por um poder?... Era um poder muito sentimental, pensou. Ela tinha que ser uma *Kassan*. Aquele era seu destino. E se sua *Intueri* não concordava com aquilo e resolveu abandoná-la, não podia fazer nada.

Por outro lado aquilo a havia ajudado a dar um grande salto em sua vida de Oculta e em seu poder. Cada vez mais conseguia aprender coisas que sua *Intueri* ficaria “chocada” e a travaria. No primeiro mês tentou de todas as formas fazer sua *Intueri* voltar, mas não conseguira mais do que uma dor de cabeça. A partir dali, resolveu que iria se transformar em uma legítima *Kassan*. Se aquilo acontecera para ela, devia ter um motivo. E o que compreendera era que devia seguir o poder da família e não um poder que somente os Rebeldes tinham.

Claro que com a falta de sua *Intueri*, tivera que achar outras maneiras de fugir do *Imperi* de Nicholas. Fazia o máximo possível para não encará-lo e quando estavam a sós, sempre arranjava motivos para fugir ou brigar com ele,

para não dar chances para seu *Imperi* agir. Estudar também se mostrou uma forma bem eficiente e ela enterrou-se nos livros. Ele nunca mais conseguira manipulá-la, mas desde que conseguira, insistia que Celebriant o amava e aquilo era só uma fachada para fazê-lo se apaixonar por ela. Ela sempre ria muito daquela teoria, mas ele estava realmente falando sério, o que a deixava sempre mais preocupada.

Porém, aquela noite quando chegou ao treinamento, viu que a maioria dos grandes Ocultos estava reunido na casa de César Moringan, inclusive seus pais. Assim que a viram, chamaram e ela foi até eles e os cumprimentou, fazendo com que Nicholas já se postasse ao lado dela, tentando segurar sua mão.

— Boa noite, Celebriant! – César sorriu, se aproximando e beijou a mão dela.

A única coisa boa em perder sua *Intueri* era que ela não sentia mais nada sobre as pessoas à sua volta. Apesar de saber que César era cruel, ela não sentia mais aquilo o tempo todo.

O que era uma maravilha, já que tinha que passar pelo menos algumas horas do dia com o noivo ou em treinamento.

— O que está acontecendo hoje?

— Duas coisas importantes. A primeira é que vamos invadir uma vila próxima daqui que se infiltrou no governo Oficial e roubou alguns documentos para os Rebeldes! – falou Nicholas, parecendo tão excitado que o brilho nos olhos dele estava impossível de aguentar.

— E a segunda?

— É surpresa. – declarou seu pai, deixando-a tensa.

Assim que o restante dos alunos em treinamento chegou o professor apresentou os Ocultos mais velhos para quem não os conhecia e começou a explicar o que ia acontecer àquela noite. Não queriam reféns e nem demora. Queriam entrar na vila e exterminá-la, antes que os Rebeldes viessem ajudá-los.

Queriam mostrar aos moradores o que acontecia quando alguém se aliava aos insetos.

Celebriant sentiu seu poder de *Kassan* cutucar-lhe a mente. Sim, ela queria livrar o mundo daquele mal, nem que para isso precisasse matar o máximo que pudesse, e aquilo estava aumentando muito desde que sua *Intueri* a deixara.

Queria ser uma *Kassan* completa e servir ao Oculto com unhas e dentes. Pelo menos fora isso que entendeu, quando seu poder a deixou e não conseguia pensar em outra forma de superar a perda, além de se dedicar integralmente ao seu poder de família.

Foram a cavalo para a vila, com suas roupas negras e ocultando-se na escuridão da noite. Duas horas depois, chegaram ao seu destino. A vila estava silenciosa. Ficava afastada de Lander e era praticamente outra cidade, com uma pequena praça no centro e muitas moradias. As janelas estavam todas fechadas e a população parecia estar em sono pesado. Com cautela, deixaram seus cavalos próximos da entrada da vila, e silenciosamente, os Ocultos aproximaram-se.

Respirou fundo e seu poder dominou-a. Sentiu Nicholas ao seu lado e pela primeira vez, não teve tanta raiva dele.

Embora toda a opinião que Celebriant tinha do noivo, sabia o quanto ele era habilidoso. Naquele dia eles estavam no mesmo time e eram Ocultos em uma missão.

Eles se separaram em grupos e Nicholas seguiu com ela.

Com certeza queria ficar por perto para que não a atacassem e aquilo quase a fez rir. Como se alguém conseguisse acertá-la!

O lado que Celebriant seguira não tinha muita coisa. As casas eram poucas e algumas estavam até abandonadas. De repente, ouviu o barulho de choque do outro lado de onde estavam e percebeu que a luta começara. Naquele lado, ao contrário, a única coisa que eles perceberam foi uma movimentação estranha, e foi assim que ela viu alguns moradores tentando fugir e correu até eles. A maioria eram mulheres, crianças e idosos, mas havia alguns homens ali para protegê-los.

Nicholas veio com ela, e, sem esperar, começaram o ataque. Os homens se postaram a frente e Nicholas avançou para eles; Celebriant correu para os que

estavam fugindo. Com certeza não eram Rebeldes, só pela forma como agiam. Não tinham treinamento para lutar ou qualquer sinal de resistência. Eram apenas moradores assustados, tentando salvar suas famílias. Primeiro, matou os idosos, pois eram mais fáceis e deixou as mulheres e crianças para o final. Nicholas logo se juntou a ela e as mulheres formaram uma barreira na frente de seus filhos, detendo temporariamente os atacantes para que os filhos pudessem correr e fugir.

Celebriant sentiu uma coisa que nada tinha a ver com sua *Intueri*, mas sim com sua própria personalidade. Uma dor surgiu em seu peito e seu poder de *Kassan* vacilou e decaiu.

Ela viu a si mesma ali, com Saori fugindo ao fundo. Aquilo ela com certeza faria: salvar a irmã. Nicholas percebeu seu impasse e apontou para as mulheres, mandando que cuidasse delas. Respirando fundo, concentrou-se nas mulheres e matou-as rapidamente, tentando tirar da mente aquelas pequenas crianças que eram mortas por seu noivo ao fundo.

Assim que conseguiu terminar, Nicholas já estava do seu lado. Ela sabia que aquilo era correto, matar os que tentavam acabar com a paz do mundo. Estava sim, aos poucos, perdendo seus sentimentos, mas não se importava. O que ela queria era ser uma boa Oculta e pronto. Se para isso precisasse perder alguns sentimentos, não se importava. Afinal, os Ocultos estavam ali para o bem da humanidade, não? Uma causa maior que dispensava detalhes egoístas.

Logo se encontraram com os outros, que confirmaram o extermínio da vila e a recuperação dos documentos roubados.

Todos estavam bem humorados e contavam em detalhes e gestos como mataram suas vítimas. César aproximou-se dela e Nicholas, dando um sorriso interessado ao vê-los tão próximos.

— Eu vi de longe sua atuação, Celebriant, e estou notando que melhora sua habilidade numa velocidade incrível.

— Estou treinando muito ultimamente. – ela comentou indiferente.

— Espero que não seja com meu filho! – ele riu, achando graça da própria piada.

— Não, César. – ela garantiu, lançando lhe um sorriso muito diferente do que um dia fora. — Se fosse com ele, ele já estaria morto.

César deu uma olhada marota para o filho, que fingiu não ter ouvido o comentário da noiva e então se dirigiu a frente do grupo.

— Ocultos! Ainda não terminamos! – sua voz ecoou nas moradias vazias, como se mais alguém pudesse ouvi-lo. — Encontramo-nos em minha casa! Teremos uma comemoração especial hoje!

Um burburinho se instalou no local enquanto as pessoas seguiam para a casa dos Moringan com seus cavalos. A volta seria cansativa, pensou Celebriant. Mais duas horas cavalgando não seriam agradáveis. Nicholas estava ao lado dela, silencioso e Celebriant tentava ao máximo não olhar para o noivo.

Após quase uma hora, seus instintos de caçadora a alertaram e sentiu a aproximação de algo em sua mão. O mais rapidamente que pôde, virou o cavalo para o lado e olhou o que estava tentando se aproximar: Nicholas havia inutilmente tentado segurar sua mão, mas não tendo o controle do cavalo, caiu de sua montaria, assim que se soltou para pegá-la.

Celebriant não resistiu e começou a rir alto, mas ninguém olhou para trás, pois haviam se afastado para deixá-los a sós.

— Da próxima vez aprenda a se segurar em cavalo antes de tentar alguma manobra! – conseguiu dizer, em meio às risadas.

— Muito engraçado! – ele resmungou, subindo novamente no seu cavalo e seguindo-a emburrado.

Eles cavalgaram alguns minutos em silêncio após ela se acalmar do ataque de riso, e então Celebriant perguntou:

— Você sabe sobre o que isso se trata?

— Não sei. Meu pai está todo misterioso com essa história de *surpresa*. – respondeu ele, encarando-a ainda amuado.

***

Assim que chegaram à casa dos Moringan, perceberam que o salão de festas estava iluminado e já tinha um burburinho de gente lá dentro.

Não haviam nem adentrado ao salão direito quando duas mulheres – vestidas com roupas cerimoniais dos Ocultos – seguraram gentilmente o braço dela e pediram que a acompanhassem. Um pouco chocada, Celebriant e mais algumas moças foram levadas a uma sala ao lado. Antes de entrar na sala, conseguiu visualizar seu noivo sendo levado a uma adjacente ao salão, com mais alguns garotos. Várias criadas dos Ocultos estavam ali e começaram a trabalhar.

Pediram para que ela colocasse um vestido longo e negro, todo detalhado, que deixava os braços à mostra, e também que ficasse descalça, pois não precisaria dos sapatos. Terminado aquilo, eles começaram a pintar o rosto e os braços dela com alguns desenhos desconhecidos e então, soltaram seu cabelo, deixando-o cair pelas costas, e a acompanharam até a porta.

Os outros também haviam sido pintados e vestiam roupas diferentes. Nicholas logo se aproximou dela, possessivo e segurou sua mão. Logo depois eles foram chamados a entrar no salão e perceberam que tudo estava diferente.

As luzes foram apagadas, dando um ar sombrio e misterioso ao local. Todos os Ocultos estavam com uma capa grande e negra com capuz, tornando impossível reconhecê-los. Cada um também segurava uma vela vermelha acesa nas mãos e formavam um círculo em volta deles. Sem compreender muito bem Celebriant olhou para Nicholas, perguntando sem palavras o que estava acontecendo, mas este deu de ombros, sem também compreender.

Ao fundo do salão e sem participar do círculo, estava o Imperador dos Ocultos, sentado em seu trono, com sua longa capa preta com bordados vermelhos que reluziam mesmo com a pouca luz. Estava conversando naquele momento com um dos encapuzados, que assim que ouviu o que o Imperador tinha a falar, virou-se e pediu a atenção dos presentes.

— Atenção, Ocultos! – a voz ressoou no salão, e Celebriant reconheceu seu futuro sogro. — Como eu tinha dito, teremos uma comemoração muito especial hoje. – o silêncio reinou no salão, fazendo com todos prestassem atenção. — O

Imperador está muito contente com o desempenho dos nossos Ocultos em treinamento e resolveu conferir uma honra a alguns deles. Alguns de vocês, hoje, receberão a marca do Oculto e se tornarão, oficialmente, membros!

Chocada, Celebriant se segurou para que seu queixo não caísse. Receber a marca? Mas a maioria dos que estavam ali tinham somente dezesseis anos. E, a marca era recebida assim que completasse o treinamento com no mínimo dezoito!

Claro, apenas se a pessoa fosse digna de se tornar uma Oculta, tendo mostrado tudo aquilo que eles procuravam.

O círculo em volta deles começou a girar e ela sentiu que um dos criados agora arrumava os futuros membros do Oculto para formar outro círculo dentro daquele, fazendo com que Nicholas tivesse que soltar sua mão. Eles começaram a entoar uma música que ela nunca ouvira antes. Falava do que um membro do Oculto tinha pela frente, uma missão difícil de ajudar o mundo e manter a paz. Algo que dependeria muito do poder e da vontade da pessoa, e que aqueles que não quisessem se tornar membros, deveriam sair e nunca mais voltar. Apesar da letra ser bonita a melodia era sombria e baixa, algo que lembrava um sentimento ruim.

Mas sua *Intueri* não estava mais ali, portanto aquilo fez apenas com que se sentisse lisonjeada. Seu poder de *Kassan* sibilava pelas suas costas, parecendo imensamente feliz com a honra que ela estava recebendo. De repente, o círculo parou e a voz de César se fez ouvir novamente:

— Os primeiros a receber a honra serão aqueles que o Imperador mais aprecia. Nicholas Moringan e Celebriant Devoy dirijam-se ao centro do círculo!

O Imperador levantou-se e caminhou até os dois. Celebriant nunca vira o homem de frente e sentiu um poder e uma autoridade tão grandes que quase caiu de joelhos diante dele. Sua capa balançava suavemente quando ele parou e os bordados em vermelho brilhavam de uma forma que ardia seus olhos. Ele deu um sorriso muito parecido com o de César e abriu os braços, como se chamasse um filho para dar um abraço.

— Vocês dois são os primeiros a receberem a marca tão antecipadamente e devem estar se perguntando o motivo de tal ação. – ele encarou seu público, que não mexia um músculo de tanto que prestavam atenção. —Todos sabem que os poderes desses dois são mais do que especiais, são essenciais aos Ocultos. E eles mostraram, em treinamento e hoje à noite no extermínio da vila, que estão aptos a se juntarem aos Ocultos e fazer parte dessa luta contra o mal! Meus parabéns, meus jovens, e continuem nos mostrando o exemplo!

Assim que ele terminou de falar, sentiu que alguém estava atrás deles, segurando a parte de fora do seu ombro direito com a mão. Depois de um leve tremor no braço, percebeu que havia algo quente ali. Quando o homem retirou a mão, entendeu que onde ele encostara, estava agora a marca dos Ocultos: uma espada grande e em pé, com uma coroa acima de tudo e dentro da coroa, uma grande montanha desenhada.

Todos os Ocultos começaram a bater palmas para eles e meio sem jeito, Celebriant abaixou os olhos. Nicholas sorria e tinha voltado a segurar sua mão, levantando-a com a dele em agradecimento aos aplausos. Celebriant olhou em direção ao Imperador, que sorria e encarava os dois com algo que só podia ser descrito como júbilo. E, sem esperar Nicholas puxou-a e a beijou, em frente a todos, fazendo com que os aplausos aumentassem. Não podendo reagir do jeito que queria, ela deixou-se beijar pelo noivo, torcendo que para acabasse logo a tortura.

***

Celebriant estava em aula, mas ninguém prestava aten- ção. Todos estavam comentando, chocados, a notícia que o governo passara aquela manhã em um comunicado oficial: o terrorismo dos Rebeldes massacrara uma vila próxima da cidade de Lander, matando inclusive crianças e idosos. O jornalista parecia estarrecido com tamanha crueldade e ela percebeu que a vila fora a que os Ocultos haviam exterminado na noite em que ela recebera a marca. Sua boca

abriu-se em espanto. Sem ação e sem saber o que pensar, ela ouviu seu nome ser chamado. Um pouco desconcertada, viu que o professor estava na frente dela, mostrando alguém na porta.

— Srta. Devoy, sua mãe a está esperando na entrada da escola. Arrume suas coisas e vá encontrá-la. – ele falou, parecendo até compadecido.

Desorientada, ela arrumou suas coisas o mais rápido que pôde. Seus pais não gostavam muito que ela frequentasse as aulas e não se importariam em tirá-la no meio da aula, mas qual seria o motivo? Pensou em Saori e seu coração apertou.

E se tivesse acontecido algo com ela?

Andou o mais rápido que pôde até a entrada da escola, fazendo o máximo para não pensar em besteiras. Mas assim que viu o rosto de sua mãe, acalmou-se. Ela não parecia desesperada e nem querendo matar alguém, então provavelmente não acontecera nada com suas filhas.

— O que houve mamãe? – ela resmungou um pouco irritada por ter se preocupado a toa.

— Venha, minha filha. Preciso conversar com você.

A mãe segurou-a pelo braço como se fossem amigas e saíram, caminhando diretamente para uma carruagem negra, estacionada em frente à escola. Celebriant sentou-se ao lado dela e a carruagem começou a se movimentar na direção oposta a sua casa.

— Aonde vamos? – Celebriant perguntou, estranhando o caminho.

— Há uma coisa que você precisa fazer e tem que ser já. – a mãe a encarou significativamente, fazendo com que ela ficasse um pouco tensa.

— O que houve? – ela sussurrou.

— Tivemos um pequeno problema com um prisioneiro e com certeza você conseguirá retirar dele a verdade.

— Mas quem faz isso é o Moringan! – ela grunhiu, irritada. — E por que no meio da aula? Não podiam esperar até de tarde?

— É uma ordem, minha filha, uma ordem do Imperador.

E, sem dizer mais nada, Celebriant deixou-se arrastar pela mãe. Agora ela

era uma Oculta e tinha a marca, portanto era mais do que o seu dever obedecer ao Imperador. Quase quinze minutos depois, elas avistaram a casa dos Moringan no alto de um pequeno morro e ela encarou a mãe.

— O que estamos fazendo aqui?

— O prisioneiro está aqui, Celebriant.

Assim que entraram, César veio recebê-las, parecendo um pouco preocupado. Após os cumprimentos, seu sogro guiou-as até uma sala muito bonita, que tinha uma lareira desnecessariamente grande. Sem compreender muito bem, ele levantou o chão da lareira e ela pode ver que abaixo havia uma escada. Ele apenas fez um movimento para que as duas o seguissem, fazendo com que Celebriant ficasse um pouco preocupada. Qual era a importância daquele prisioneiro para que ficasse na casa dos Moringan e não na Masmorra, como todos os outros?

César, sua mãe e ela caminharam por um labirinto de corredores, fazendo com que Celebriant se sentisse tonta. Nunca conseguiria voltar sozinha se algum dia fosse ali.

Pararam abruptamente numa porta de aparência muito velha, com a madeira mofando e o espaço para passar comida embaixo totalmente enferrujado. Sem parecer se preocupar com a nojeira que estava aquilo, César abriu a porta, apontando para dentro.

— Celebriant, ele parece estar morrendo. Preciso que retire dele a visão que ele teve essa noite, antes que se vá.

— Mas eu não consigo entrar na mente dele, César.

— Eu sei, mas conseguirá usar sua *Intueri*, não é mesmo?

Ela engoliu em seco, fazendo um aceno afirmativo com a cabeça. Do que ele estava falando? Com certeza ele não saberia que sua *Intueri* tinha a abandonado, mas para que o poder primário dela ajudaria? Ela nunca havia sido treinada a usar seu poder primário, mas o tom que seu futuro sogro usara parecia ser de alguém que conhecia o uso do poder. O prisioneiro era um *Intueri,* pelo que seu sogro comentara e ela sentiu-se tensa. Um pouco chocada, mas sentindo seu

poder de *Kassan* obrigá-la a tentar, entrou na cela.

As paredes eram de pedras frias, o chão coberto do que parecia musgo e um cheiro ocre de urina e sangue se misturavam no lugar. Um pouco nauseada, ela procurou o prisioneiro e o viu enrolado em correntes de ferro enferrujadas. Parecendo sentir que alguém estava na cela, o prisioneiro se mexeu, fazendo com que ela se assustasse.

— Não tenha medo, Celebriant. – César comentou. — Ele é velho e não poderá fazer nada a você. Nós vamos lhe dar privacidade e a esperamos aqui fora!

E, sem avisar, ele encostou a porta, fazendo a cela mergulhar em uma escuridão um pouco mais profunda. Aquilo era a primeira coisa na vida dela que lhe deu calafrios, e não era de medo, mas sim de nojo. O homem preso mexeu-se novamente e seu rosto se iluminou com uma pequena fresta de luz da porta.

— Então você veio, menina.

Alguma coisa dentro dela remexeu-se, fazendo-a dar um passo para trás, horrorizada. O homem estava muito velho e machucado, mas ela podia perceber que aquilo era pelo que ele estava passando e não por sua idade. Ele pareceu sorrir um sorriso sem dentes, e tentou aproximar-se um pouco mais dela. Recuperando-se um pouco, Celebriant se empertigou e enfrentou o homem que continuava a encarando, maravilhado.

— Você sabe por que vim aqui, então. – ela falou, deixando seu poder de *Kassan* a postos. — O que viu ontem, velho?

— Não sabe? – ele pareceu pensar, preocupado e então abriu a boca, horrorizado. — Você tem tanto medo assim de sua *Intueri*, menina?

— O quê? – ela retrucou, chocada, e aproximou-se do velho, sentindo a conhecida serpente de fogo percorrer-lhe as costas. — Velho, eu quero saber o que você viu ontem!

— Nunca pensei que te veria dessa forma... – ele pareceu pensar em outra coisa e seus olhos desfocaram. — Achei que conseguiria...

— Acho que você está me confundindo. – ela levantou a mão em forma de

gancho. — Deixe que eu lhe dê um incentivo.

Um pouco irritada com o velho, ela respirou fundo e seu poder dominou-a. Era uma *Kassan* e devia torturar o prisioneiro até que ele lhe contasse a verdade. Rapidamente, concentrou suas forças e fez o movimento de gancho com o braço, entrando pelas entranhas dele e mandando ondas de eletricidade para seu corpo. O velho começou a sufocar, se debater e a gritar no chão. Ela aproximou-se mais dele, per- guntando novamente o que foi que ele vira na noite anterior, e, sem avisar, o homem encostou sua mão no braço dela.

O velho ofegou e ela retirou o braço, fazendo com que ele começasse a tossir e vomitar. Onde o homem a tocara agora estava formigando, como se o seu braço estivesse parado numa posição nada agradável. Assim que os sons de vômito haviam cessado, percebeu que o homem a encarava, novamente com um olhar maravilhado.

— Você não é como eles. – ele sussurrou, para que somente ela ouvisse, mas parecendo aliviado. — Por que está aqui?

— Do que está falando? – ela grunhiu, sentindo-se um pouco tonta.

— Você tem a *Intueri*, por que a nega?

Seu coração deu um salto no peito e ela começou a suar frio.

— Não fui eu quem a negou, ela me abandonou. – ela sussurrou, sentindo a dor da perda voltar.

— Isso não é verdade, menina. – ele balançou a cabeça, parecendo falar com uma criança.

— E o que você sabe sobre mim? – ela quase riu com a pretensão do velho.

— Eu sei que seu destino está traçado, basta você segui-lo. – ele encostou-se num banco que deveria ser usado para cama e suspirou. — Simples assim.

— Eu estou seguindo meu destino, seu inútil! – ela grunhiu o mais baixo que conseguiu. — Estou sendo a melhor Oculta que já apareceu e vou continuar sendo, lutando para livrar o mundo de *vermes* como você!

— Vai voltar Celebriant. – ele pronunciou aquilo com um tom que fez os ossos dela congelarem.

Ouvir seu nome da boca do prisioneiro, fez com que ela se afastasse chocada. Como sabia seu nome?

— Eu sei seu nome porque já te conheço... Assim como você também me conhece.

Irritada, ela levantou o braço, mandando golpes para o homem, que caiu no chão, se contorcendo de dor.

—Pare de falar asneiras, velho! Se coloque em seu lugar! Diga-me, o que você viu ontem à noite?

Ele estava tentando falar alguma coisa e ela parou de torturá-lo, ouvindo.

— Você... Vai... Ver o... Que eu vi. – ele tomou um grande gole de ar e sentou-se, se encostando à parede e a encarando profundamente. — Sabe... O que são... Os Escolhidos?

Aquela pergunta não fazia sentido, mas ao mesmo tempo algo dentro dela pareceu acordar. Já havia ouvido aquilo há muito tempo, mas não fazia ideia de onde. Um pouco chocada virou-se, abriu a porta da cela e saiu daquele lugar miserável.

— Ele não quis me contar. – ela falou um pouco irritada.

— Só ficou falando um monte de bobagens. Mas ele não está morrendo, está fraco. Se realmente quiser ele vivo, seria bom melhorar as condições para ele. Lugar e comida já fariam uma boa diferença.

— Oh... – César pareceu surpreso com o comentário dela, mas não pareceu se importar muito. — Obrigado, Celebriant, pela sua ajuda.

— Acho melhor voltarmos para sua aula, filha. – sua mãe segurou o braço dela, acompanhando-a pelos corredores. —

Eu avisei o diretor que você voltaria logo.

— Disse para ele que alguém morreu? – ela perguntou, assim que entraram novamente na sala bonita dos Moringan.

— Disse que tinha um tio seu muito doente que queria vê-la antes de morrer. Eles não fazem muitas perguntas para nós. – ela falou, lançando-lhe um sorriso orgulhoso.

Deixou-se levar pela mãe, se perdendo finalmente em pensamentos. Aquele prisioneiro devia ser algo muito importante para os Ocultos. Apenas os prisioneiros que eles queriam por perto ficavam na casa de um dos Ocultos, mas o que um velho daquele poderia oferecer além de suas precárias visões? Ela não conhecia ninguém que tinha *Intueri* para lhe explicar como seu poder – ou melhor, ex-poder - funcionava e encontrar alguém com *Intueri* naquele estado a fez pensar um pouco no que estava vendo.

Voltou para escola a tempo da última aula e o professor não brigou com ela, provavelmente sabendo que ela tinha ido dar adeus a um tio que estava morrendo. Sentou-se em sua cadeira, sentindo-se um pouco estranha. Seu estômago começou a roncar como se estivesse com fome, mas não sentia nada além de um leve enjôo.

A aula passou muito mais rápido do que esperava e quando o sinal bateu, ela foi a primeira a se levantar e correr para fora da escola. Queria ir para sua casa. Não estava se sentindo muito bem. Os enjôos pioraram e ficou tentando lembrar qual foram as últimas coisas que havia comido para descobrir se tinha motivo de tudo aquilo.

Foi andando o mais rápido que pôde para casa. O tempo estava nublado e anunciando chuva. De repente, um vento gelado cortou-lhe a face e ela parou na rua deserta, olhando em volta. Nem uma folha se mexia. Um pouco ressabiada, voltou a andar e sentiu algo dentro dela se mexer. O que era aquilo? Havia algum bicho dentro dela? Talvez realmente estivesse começando a ter uma intoxicação alimentar. Um pouco preocupada, resolveu que iria para casa o mais rápido que pudesse. Se estivesse começando a ficar doente, era melhor ir descansar.

Assim que alcançou o morro da propriedade dos Devoy, viu alguém na borda do penhasco, na altura da casa. Estava muito longe e ela levitou para o próximo nível, chegando cada vez mais perto. Sim, realmente alguém estava ali, mas ela achava que nunca havia visto aquela pessoa antes. Ao chegar ao último nível em frente da sua casa, seu coração parou. Encarava um homem alto, loiro e com olhos de um castanho muito diferente do que ela estava acostumada por ali. O

problema não era o homem em si, mas o sangue que pingava dele como se fosse água. Horrorizada, deu um passo para trás, e sentiu um solavanco tão forte em seu peito que não conseguiu nem pensar. Estava na borda do penhasco e sem querer, caiu de costas na escuridão.

Sentia que seu corpo caía cada vez mais rápido, enquanto sua mente parecia ir ao mesmo ritmo. De repente, seu corpo desapareceu e o que ela via não tinha nada a ver com o seu mundo.

Seus olhos focavam um chão de uma forma tão intensa que ela quase não conseguia respirar. O chão era coberto de musgo, o cheiro acre de urina e sangue voltou às suas narinas com a força de uma martelada. Sentindo-se estranha, mas sem dor nenhuma, encarou o prisioneiro na casa dos Moringan, parecendo vê-lo com outros olhos.

— Sabe o que são os Escolhidos? – ele repetiu, encostando a mão no braço dela e fazendo-a ofegar.

Agora se lembrava! Ela conhecia o velho. Tinha sonhado com ele tantas vezes quando era pequena que sua mãe chegou a mandá-la parar de inventar histórias. Uma coisa maior do que ela mesma surgiu em seu peito, fazendo-a cair no chão, na frente do prisioneiro.

— Eu disse que voltaria Celebriant. – o velho falou, dando um sorriso desdentado.

Seu próprio rosto boiou a sua frente, fazendo com que ela perdesse um pouco a firmeza. Viu algumas imagens distorcidas. Guerra, luz e trevas. Muito sangue. A imagem dela cruzava com de outro menino, parecendo ter mais ou menos a sua idade com os cabelos loiros, mas vestindo-se de forma mais precária. Viu a si própria com roupas de luta do Oculto e ao mesmo tempo aquilo se transformou na mesma roupa precária do menino loiro, e então os dois estavam em cima do símbolo do Oculto, parecendo conquistadores.

Céus, o que era aquilo? Ela nunca tinha visto aquele tipo de coisa e então o mundo repentinamente pareceu girar. Na frente dela havia um exército enorme. Eram tantas pessoas que ela não conseguia ver o fim. Todos vestiam as roupas

que ela vira na mente do velho na casa dos Moringan. À frente deles, o menino loiro a encarava, fazendo a mesma pergunta que o velho: “Sabe o que são os Escolhidos?”. Do outro lado, pôde ver outro exército, mas as pessoas ao contrário dos outros, estavam com roupas impecáveis e negras. À frente desse exército reconheceu a si mesma, ao lado de um Nicholas muito mais velho. Viu também um lugar estranho que parecia ficar nas Montanhas Azuis e que era vagamente familiar para ela.

De repente, as pessoas sumiram, e havia muitas luzes e movimento, e ela conseguia captar muitas mensagens ao mesmo tempo em que sua mente rodava em compreensão.

Sentiu-se afundar naquele mundo, e deixou seu corpo para trás, usando uma coisa que ela nunca imaginara que tinha: sua alma.

VIII
O aviso de Saori

NICHOLAS CORREU PARA O HOSPITAL ASSIM que soube. Estava na escola e quem o informou sobre o ocorrido foi o inútil do diretor. Não conseguira tirar muitas informações dele, mas agora que estava no hospital saberia o que realmente estava acontecendo.

A irmã mais nova de Celebriant, Saori, com oito anos agora, estava sentada ao lado da mãe e da outra irmã, Lune, e parecia que havia chorado muito ao contrário da mãe e da irmã mais velha, que apenas pareciam estar preocupadas. O pai dela estava ao lado de seu pai, ambos parecendo absortos em pensamentos.

— Nicholas! – falou seu pai, ao vê-lo chegando. — Venha cá.

— O que houve pai? Onde ela está? O que aconteceu?

— Sente-se aqui e podemos conversar...

— Não quero conversar! Onde ela está? – ele quase gritou, sentindo-se impotente.

— Está em coma. – falou ele abruptamente, apontando uma cadeira para que o filho se sentasse.

— Coma? Mas o que houve com ela? – ele perguntou desesperado, ignorando o pedido do pai.

— Não sabemos ao certo. – contou o pai de Celebriant que tinha se aproximado dos dois ao ver que Nicholas estava se exaltando. — Um dos criados estava fazendo seus afazeres quando a viu chegando à casa. Disse que ela parecia transtornada e que logo depois caiu de costas do penhasco, aparentemente sem fazer nenhum esforço para se salvar e, então, pulou atrás dela, conseguindo pegá-la antes que se chocasse no chão.

Nicholas abriu a boca, chocado e finalmente sentando-se.

Aquilo parecia a descrição perfeita de um suicídio.

— Mas o que aconteceu para que ela caísse? Ela se jogou?

— Não sabemos. – disse seu pai, colocando a mão no ombro do filho.

— Já checou o criado, Sr. Devoy? – perguntou Nicholas, encarando o sogro.

— Sim, Nicholas. Quando ele chegou com nossa filha nos braços dentro de casa, foi a primeira coisa que fizemos. Mas ele a salvou, ela poderia ter morrido, se não fosse ele.

Sua cabeça girava, sem encontrar respostas. Ainda sem compreender, encarou os dois homens a sua frente com um pouco de desconfiança.

— E como ela entrou em coma se não se machucou no abismo? – perguntou, de repente, fazendo com que o Sr. Devoy sentasse ao seu lado.

— Os médicos acreditam que ela entrou em choque por algum motivo, mas não encontraram nenhuma causa biológica. – falou seu pai, ao ver que seu sogro não conseguia mais dizer nada. — Seus sinais vitais estão estáveis, mas está inconsciente, em coma profundo e eles não conseguem encontrar a causa. – explicou, parecendo bem preocupado.

— Então são uns incompetentes! – ele grunhiu, levantando-se irritado. — Chame algum médico decente, pai! O nosso *Curare*!

— Nicholas, agora se acalme. – seu pai o encarou com firmeza. — Nosso *Curare* está aqui, juntamente com os outros.

Não há muito que fazer. De acordo com eles, temos que esperar que ela acorde.

Esperar! Será que ninguém ali entendia o que se passava na cabeça dele? Ele não podia esperar para saber o que ia acontecer à sua noiva.

— E isso vai demorar quanto tempo?

— Eles não podem afirmar, já que nunca viram casos assim.

— Eu quero vê-la. – ele exigiu desesperado, encarando o pai. — Eu quero vê-la!

— Eles ainda não deixaram ninguém entrar, Nicholas e...

Não queria mais ouvir nenhuma palavra. Queria ver com os próprios olhos o que havia acontecido com Celebriant.

Ela caíra mesmo? Fora empurrada? Ou então, essa era a última hipótese que

ele pensaria: será que ela teria tentado se suicidar?

Avistou ao longe a entrada para o quarto onde provavelmente Celebriant estava. Com certeza não o deixariam entrar, então usou seu *Imperi* no primeiro enfermeiro que encontrou e obrigou-o a lhe permitir passagem. Depois de lavar suas mãos e colocar uma roupa limpa, o enfermeiro o acompanhou até o quarto onde sua noiva estava. Viu de longe os cabelos longos e castanhos caídos em cima do travesseiro.

Ela respirava sozinha, parecendo somente adormecida.

Entrou no quarto, enquanto o enfermeiro em quem ele usara seu poder explicava o motivo aos outros de Nicholas estar ali dentro .

Sentou-se ao lado dela, observando seu rosto pálido. Alguma coisa em seu peito ardia e não queria que ela morresse.

Apesar de ela sempre ser irritante e metida, ele havia aceitado o noivado e agora percebia que queria esse casamento. Afastou os pensamentos com a mão e respirou fundo. Não sairia dali.

Ficaria ali até que ela acordasse, não importava quantos dias isso poderia levar.

***

A luz retornou aos seus olhos novamente. O que era aquilo? Algum tipo de aviso? Um sinal?

Finalmente estava conseguindo sentir suas pernas, e estas pareciam estar cheias de agulhas que espetavam suavemente todo seu corpo, nada muito dolorido, mas extremamente incômodo. Sentiu que seus olhos estavam abertos e lacrimejantes e piscou um pouco.

Aquele não era o mundo que ela estava até pouco tempo atrás. Seu cérebro ainda funcionava de maneira estrondosa, mas ela conseguia agora sentir seu corpo. O que havia acontecido? Lembrava-se muito pouco, apesar de ter sido uma avalanche tão grande de emoções e sentimentos, e não compreendia o que

era realidade ou ilusão... Ou seriam visões?

Era isso então! Seu estômago deu uma leve movimentada e ela olhou para baixo, sem acreditar.

De tudo o que viu, o mais estranho era o lugar onde ela estava. Como havia saído da frente de sua casa? Não se lembrava de ter ido para algum outro lugar, no entanto estava ali, numa cama macia e em um cubículo entre muitos do local. Sentou-se tão rápido que quase arrancou a agulha do soro de seu braço. Olhou em volta e percebeu que estava num hospital, cercada de aparelhos. Ao seu lado e segurando uma de suas mãos, estava um menino de cabelos negros bagunçados, dormindo profundamente. Sem acreditar, tirou sua mão dali, fazendo com que Moringan levantasse a cabeça, assustado. Ele demorou alguns instantes para perceber o que tinha acontecido, mas quando viu Celebriant sentada na cama, levantou-se num pulo.

— Você acordou! – exclamou, parecendo ter visto um fantasma.

— Quanta inteligência. – ela retrucou, revirando os olhos. — O que está fazendo a...

Não pôde terminar de falar, pois Nicholas abraçou-a tão forte que ela quase sufocou.

— Me solta, Nicholas! O que pensa que está fazendo? Sem respondê-la, e dando um sorriso enorme, ele correu para fora do cubículo. Ela viu, pela janela de vidro, o noivo correr até alguns enfermeiros que estavam passando ali na frente, e parecia estar falando freneticamente com eles. Um deles olhou para dentro, direto para os olhos dela.

Uma avalanche de informações tomou conta da sua mente, sobre o enfermeiro e sua mãe doente e todos os problemas que ele passava em casa. Ele era bom, mas estava se corrompendo para poder crescer no hospital e, quem sabe, um dia ser um médico renomado e poder mandar a mãe para um local decente.

Quando percebeu, o enfermeiro estava na frente dela, com Nicholas ao seu encalço, parecendo tão estupefato quanto ele.

— Como está se sentindo? – ele perguntou, checando alguns aparelhos.

— Bem. Onde estou?

— No hospital. O médico já vem atendê-la!

E, sem dizer mais nada ele saiu, parecendo infeliz.

Celebriant respirou fundo, dando um meio sorriso. O que significava aquilo? Estava imaginando coisas? Sua *Intueri* voltara?... Percebeu que Nicholas ainda estava na mesma posição desde que o enfermeiro saíra e com um sorrisoenorme, e só agora pôde reparar como ele estava.

Não parecia ser o Moringan que ela conhecia, sempre bem arrumado, com as roupas impecáveis e o olhar decidido.

Agora ele estava com os cabelos desgrenhados, com olheiras tão grandes que lhe davam a aparência de alguém que não dormia há dias. Suas roupas estavam amassadas e seus olhos passavam um sentimento que ela nunca pensou que um dia viria a perceber em seu noivo. Tudo isso não a deixou feliz, como seria a reação a se esperar de uma noiva diante dessa amostra de devoção, mas sim extremamente assustada.

A porta do quarto se abriu novamente e um médico entrou às pressas. Ignorando as reclamações dela, deitou-a novamente e começou a examiná-la, avaliando cada centímetro do seu corpo. Ele estava com medo de alguém, provavelmente sua família implorando por respostas ou então os Moringan, já que Nicholas ainda estava ali, prestando atenção em cada movimento que o médico fazia.

Assim que terminou sua checagem, o médico a encarou e sentou-se na cadeira ao lado da cama, pedindo que Moringan os deixasse um pouco a sós. Parecendo não gostar muito, ele informou que avisaria à família que ela tinha acordado, e o médico só pediu que esperassem do lado de fora até que ele conversasse com ela.

— Bom dia, querida. Sabe seu nome? – ele perguntou assim que Nicholas saiu fechando a porta.

— Celebriant Devoy. O que estou fazendo aqui?

— Sabe o que é aqui?

— Um hospital. – respondeu, sentindo-se idiota.

— E o que você lembra antes de acordar?

Muita coisa, ela pensou, um pouco preocupada. Tanta informação e ao mesmo tempo não conseguira compreender nada. Sua *Intueri* voltara e se soltara das amarras que ela própria havia feito dentro de si mesma para se autopunir pelos seus erros. Mas o que ela ia dizer ao médico? Ele iria com certeza falar com sua família e provavelmente os Moringan também saberiam sobre a história. Não podia simplesmente contar o que realmente acontecera.

— Lembro-me de estar na frente de casa... E então acordei aqui. – ela falou, simplesmente, esperando estar fazendo um ar perdido. — O que aconteceu comigo?

— Você estava chegando a sua casa e caiu do penhasco. – falou ele, encarando-a estranhamente. — Um criado seu a salvou, antes que batesse no chão, mas você já tinha entrado em choque. Esteve em coma há mais de uma semana. Não se lembra de nada?

— Não. – ela falou, fingindo-se um pouco desnorteada.

— Não lembro mesmo.

— Você realmente caiu ou se jogou? – ele perguntou abruptamente, em um sussurro.

— Como? Me joguei? – Celebriant encarou o médico com desconfiança. — Eu já disse que não me lembro de ter caído, a última coisa que lembro é de estar em frente de casa.

— Tudo bem. – ele encarou-a profundamente, parecendo muito desconfiado. — Se você lembrar-se de algo, nos avise.

Agora vou conversar com seus pais e assim que possível eles virão vê-la!

Ele levantou-se, ainda com o ar preocupado, e saiu do quarto. Celebriant respirou fundo e sentou-se novamente.

Mais de uma semana? Céus! Realmente, agora entendia porque sua cabeça zunia tanto. Mais de uma semana recebendo informações... Aquilo era para

acabar com qualquer um. Quase dez minutos depois viu a porta do quarto se abrir numa velocidade incrível, e assustou-se ao ver sua irmã Saori abraçando-se a ela e chorando compulsivamente.

Sua mãe, seu pai e Lune entraram logo depois. Os Moringan estavam atrás deles, abraçando Nicholas e sorrindo para ela. Sentindo-se um pouco preocupada, mas não querendo se preocupar deixou que seus pais a abraçassem. Ficou ali conversando com eles, até que o médico pediu que a deixassem descansar e ela ficou sozinha, perdida em pensamentos.

***

No dia seguinte, os médicos lhe deram alta falando que estava ótima. Não conseguiram encontrar nada de errado e Celebriant continuou com sua história de que não se lembrava do que tinha acontecido. Tinha quase certeza que o médico não acreditou, mas como não tinha motivos para segurá-la ali, deixou que fosse.

Ainda não havia ainda conversado com Saori desde que a vira no hospital, e precisava muito falar com a irmã. Queria contar para ela que sua *Intueri* estava de volta e sentia que devia conversar também sobre o que tinha visto.

Sua mãe a levou para dentro de casa, onde todos os criados estavam a postos para recebê-la. Suas irmãs e seu pai também estavam ali e se aproximaram ao vê-la entrar. Um pouco envergonhada com tudo aquilo, ela abraçou sua família e agradeceu aos criados com um aceno de cabeça.

— Celebriant, esse foi o criado que te salvou.

Ela olhou para o criado insolente e levantou as sobrancelhas, intrigada. Então tinha sido ele quem a salvara, que coincidência!

— Muito obrigada. – ela falou, abaixando a cabeça numa reverência.

O criado abaixou-se numa reverência ainda maior e sorriu.

— Não fiz mais do que minha obrigação.

Sem saber o que falar, Celebriant desviou o olhar do criado e olhou para os

pais, que pareciam satisfeitos com a atuação dela.

— Estou um pouco cansada ainda mamãe, posso ir para o meu quarto? – ela falou, fingindo bocejar de cansaço.

— Claro querida, deixe que eu levo você até lá! – a mãe apressou-se em ajudá-la.

— Mãe, se não se importa, eu gostaria que Saori me levasse.

— Claro que não me importo. – ela sorriu e Saori se colocou ao lado da irmã. — Qualquer coisa me chame!

— Certo. – ela sussurrou, enquanto subia as escadas com a irmã mais nova do lado.

Instantaneamente sentiu-se melhor do que jamais estivera. Estava louca ao pensar que sem seu poder primário estaria melhor. Antes se sentia cada vez mais afundada em coisas pesadas, mas agora era como estar livre. Saori a encarou profundamente assim que entraram no quarto e ficou em silêncio, esperando a irmã falar.

— Voltou, Saori! – ela sussurrou, dando um sorriso enorme. — Minha *Intueri* voltou!

— Voltou! – a irmã deu um sorriso como o dela e abraçou-a, fazendo com que as duas caíssem na cama.

As duas começaram a rir juntas, baixinho e então se sentaram na cama com as pernas cruzadas. Celebriant estava muito curiosa sobre tudo o que acontecera na ausência dela e não queria que a irmã deixasse de lhe contar.

— Sei que está curiosa... – Saori sussurrou, fazendo com que seu sorriso sumisse. — Aqui as coisas não foram tão fáceis.

— Como assim? – Celebriant sentiu um calafrio no estômago e aproximou-se da irmã.

— Quando o criado chegou com você no colo foi a coisa mais terrível de presenciar. Papai ficou maluco, achou que o criado tinha te machucado, mas pelo jeito esse criado é esperto! Conseguiu falar com o papai antes que ele o atacasse e então explicou o que tinha acontecido, foi aí que papai e mamãe ficaram mais

preocupados ainda.

— Por quê?

— Bom, porque, pela descrição de Otto, você tinha tentado se matar.

— Como é? – Celebriant quase gritou, mas conseguiu se segurar. — Me matar?

— Sabe Celi, ele contou que você parecia desnorteada, que simplesmente se atirou do penhasco de costas! Todo mundo achou que você tinha se jogado e tinha batido a cabeça, por isso estava em coma. Mas eles te levaram correndo para o hospital e os médicos falaram que não... – ela respirou fundo e então a encarou profundamente. — O que realmente aconteceu?

— Saori, o que eu vou te dizer você não pode contar para ninguém.

— Sabe que pode confiar, Celi.

— Eu acho que entrei em coma por causa das minhas visões. Eu vi muita coisa, mas não compreendi muito bem o que aconteceu. Eu falei para os médicos que eu não lembrava o que tinha acontecido e não vou dizer nada mais sobre isso.

— Visões? Que tipo de visões?

Celebriant abriu a boca para responder, mas foi impedida por duas batidas secas na porta que a fizeram pular de susto.

Um pouco preocupada, pediu quem era e sua mãe abriu uma fresta para comunicar:

— Filha, seu noivo está aqui em baixo e quer vê-la.

— Moringan está aqui? E o que ele quer?

— Não seja rude, Celebriant! – sua mãe encarou-a com desaprovação. — Ele passou todos os dias no hospital com você! Se ajeite e desça para vê-lo! Depois você poderá descansar!

E, sem dizer mais nada, sua mãe saiu do quarto, fechando a porta. Celebriant olhou para Saori e sentiu seu estômago revirar.

— O que houve, Saori?

— Não sei se devo lhe contar, mas logo depois que seu noivo grudou em

você no hospital, o pai dele, o tal de César, veio aqui em casa.

— Aqui em casa? Fazer o quê?

— Parece que seu noivinho não acreditou no que o criado tinha falado para o papai e resolveu usar o poder dele contra o Otto para mostrar o que ele tinha visto. O problema é que ele achou que o criado não seria suficientemente verdadeiro e resolveu torturá-lo.

— Ele torturou o criado? – ela fixou os olhos na irmã, em choque. — Como?

— Na verdade, Lune torturou, enquanto ele o manipulava... – ela falou, horrorizada. — Eu nunca tinha visto algo tão horrível na minha vida, mas eles não conseguiram descobrir nada Celi, além do que já tinha sido dito! Se ele já havia contado a verdade, para que fazer aquilo?

Celebriant ficou em silêncio, pensativa, enquanto sua irmã a encarava com olhos lacrimejantes. Apesar de o noivado estar “firme” e ela saber que teria que casar com Nicholas dali alguns anos, lhe dava enjoo só de imaginar-se vivendo com ele. Ele era rude, cruel e arrogante e cada vez mais ela tinha certeza que casar com ele a mataria por dentro. Só não havia compreendido porque Lune havia se metido nessa história. Saori ainda olhava fixamente para ela, mas sorriu para a irmã mais nova, tentando tranquilizá-la.

— Não se preocupe, Saori. Tudo vai se ajeitar. Eu vou descer e ver o Moringan e depois conversamos.

— Celi, só me prometa uma coisa.

— O que, Saori?

— Tome cuidado com o seu noivo. Ele é muito perigoso e pode te machucar! – ela se aproximou da irmã, com o olhar preocupado. — Não deixe que ele te machuque!

— Não se preocupe pequena! – Celebriant deu um meio sorriso e levantou-se da cama, se espreguiçando. — Eu sei me cuidar.

IX
O grande insolente

ESTAVA DE FOLGA E MUITO CANSADA DE ficar sem fazer nada. Celebriant não podia mais treinar graças ao seu período de “coma”, e Nicholas estava vigiando cada passo dela para que cumprisse o que os médicos orientaram. Seu treinamento fora adiado e pelo que ela soube, seria substituído por algo mais específico, como estudar estratégias de combate, e também aprenderia novos golpes e habilidades assim que estivesse em condições. Tinha sido muito fácil ser uma *Kassan*, sentir o poder subir por suas costas e deixar-se levar. O difícil era encarar sua consciência de que estava tudo *muito* errado. Depois que sua *Intueri* voltara, sabia que estava com muito mais problemas. Antes não conseguia realizar o que precisava sendo uma *Kassan*, pois sua *Intueri* não deixava. Porém, agora sabia que a *Intueri* não iria incomodá-la tanto, graças à evolução do seu *Kassan*, mas com certeza voltaria com muitas crises de consciência toda vez que tivesse que agir pelo Oculto.

Seu esconderijo nas árvores atrás da casa era um ótimo refúgio para quando queria pensar sobre qualquer coisa.

Ninguém saía da propriedade sem autorização depois do seu acidente, mas pelo menos ali, no lugar dela, ninguém a incomodava. Como ela ainda estava na propriedade, os *Seepers*, seus novos seguranças, não perceberiam que ela estava fora do refúgio de dentro da casa e não iriam atrás dela.

Pegou um pouco de neve no chão e estava tentando acertar o mais longe possível com seu poder de levitação quando sentiu alguém do seu lado. Confusa, e esperando não ser nenhum segurança, levantou o braço na direção da pessoa para atacá-la, mas abriu a boca, incrédula ao ver quem era. O criado insolente, aquele que começou a chamá-la de senhora toda vez que a via graças ao primeiro encontro deles há alguns meses atrás, e também aquele que impediu que ela morresse ao cair do penhasco, estava de pé ao lado dela encarando-a seriamente.

— Otto? – ela falou, ainda com a mão levantada na direção dele.

— Sim, senhora.

— Não sou uma senhora. – ela grunhiu, encarando-o com um olhar feroz e abaixando o braço, mas tentando não se irritar muito com aquele que lhe salvara a vida.

— Então agora você é uma senhorita? Que pessoa mais maluca é você! – ele disse, lançando-lhe um sorriso brincalhão.

— Você sabe com quem está falando, moleque? – grunhiu Celebriant, tentando ao máximo não apontar o braço para a cabeça dele e limitando-se a lançar outro olhar feroz.

— Na verdade, sei sim. – ele sorriu e abaixou-se para ficar na altura dela. — Com uma *Intueri*, assim como eu.

— Como disse? – ela começou a rir, virando-se para olhar para o outro lado.

— E eu não sou um moleque, sou seis anos mais velho que você. – ele falou, com orgulho, como se isso explicasse tudo.

— E é um criado! – retrucou, pegando mais um punhado de neve e jogando na cara dele, e, incrivelmente, acertando em cheio... — Achei que a maioria dos *Intueri* conseguiam prever os movimentos do inimigo!

O criado limpou a neve e encarou-a, sorrindo.

— Conseguimos sim, mas achei que deixá-la me acertar a faria se sentir melhor.

— Você é um Rebelde? – ela perguntou, levantando a mão novamente e preparando-se para atacá-lo.

— Ainda nascem alguns *Intueri* fora dos Rebeldes. – ele apontou para o próprio peito, simplesmente.

Celebriant encarou-o longamente e resolveu ignorá-lo. Já tinha o agradecido assim que voltou, e não queria que ele achasse que podia cobrá-la por isso. Ele não fizera mais do que a obrigação de um criado, mas ela precisava agradecê-lo, por isso o fez. Voltou a jogar bolas de neve para frente, encostando-se na árvore.

— O que faz aqui? – ela perguntou abruptamente, ao perceber que ele ainda

estava agachado ao lado dela.

— Quer que eu saia?

A pergunta fez Celebriant abrir e fechar a boca várias vezes para mandá-lo ir embora. Quem era aquele moleque que ousava invadir seu esconderijo e incomodá-la com perguntas e respostas insolentes? Mas alguma coisa a deixou, pela primeira vez na vida, tranquila. Saber que ele era um *Intueri* também a fazia se sentir melhor, como uma fuga de todas suas preocupações. Sabia que aos olhos dos seus pais ela nunca poderia estar conversando com um criado desse jeito, mas o que eles poderiam saber? Ali era o esconderijo dela e duvidava que alguém fosse encontrá-los.

— Ok, pode ficar, mas sem papo furado. – ela condicionou, jogando cada vez mais bolas de neve para o nada.

— Ok. – o criado concordou e sentou-se na árvore ao lado dela. — Sua família parece gostar muito de você.

Celebriant encarou-o um pouco chocada. Ele parecia ter excluído a última parte das condições. Encarou-o e ele sorriu, pegando um punhado de neve e jogando como ela para frente. Sem saber se ria ou o mandava ir embora, resolveu que precisava de um descanso e ele parecia ser totalmente uma distração.

— Até pouco tempo atrás eu era totalmente um desperdício.

— *Intueri* não são muito bem aceitos por aqui, não é mesmo?

— E somos aceitos em algum lugar? – ela perguntou, vendo que acabara com boa parte da neve em volta dela.

O criado ficou em silêncio, parecendo absorver as palavras. Ela encarou-o e percebeu que ele olhava longe, perdido em pensamentos. Seu estômago deu um solavanco e sentiu um desespero e um sentimento que era muito parecido com angústia. Antes que pudesse compreender o que tinha visto, ele voltou a olhá-la e sorriu.

— E a sua família não se preocupa com você? – ela perguntou, sentindo que era isso que deveria fazer.

Ele pareceu piscar um pouco e encarou-a. Pelo visto, Celebriant acertara em cheio: ele estava pensando na família.

Seu coração começou a palpitar, sabendo que ele também perceberia o que ela sentiu. Nunca havia conversado com um *Intueri* antes, e aquilo estava se revelando uma experiência muito interessante.

— Eu não morava aqui e queria algo melhor. Então saí procurando.

— E ser criado é algo melhor? – perguntou ela, sem acreditar.

— De uma família como a sua posso passar para um criado pessoal, ou quando crescer, um segurança... Isso poderia ser um pouco melhor que um criado, não acha?

Algo disse a Celebriant que aquilo não era verdade, mas ela ficou quieta. Fazia muito tempo desde que sentira vontade de conversar com alguém que não fosse Saori ou até sua mãe, e Otto parecia ser alguém interessante.

— Não acha que ser um criado seja um bom emprego, não é? – ele deu outro sorriso sem sentido para ela.

— Não acho. – ela concordou, sentindo-se leve.

Há quanto tempo não era sincera com alguém? Será que algum dia ela foi assim? Não, ela pensou. Nunca fora assim.

Qualquer sensação relacionada aos seus sentimentos e desejos era completamente sufocada dentro de si mesma. Nunca pudera ser ela mesma, desde que nascera. Guardava tudo para si, tudo em segredo absoluto. Inclusive estava com medo de voltar às suas atividades no Oculto, pois teria que deixar sua *Intueri* de lado toda vez que precisasse usar seu *Kassan*.

Lá, não poderia deixar que seu poder principal interferisse e era isso que a estava preocupando. Negar seu próprio poder de nascimento era algo que ela nunca ouvira alguém falar e acreditava que era a única que se sentia assim.

— Você é uma Oculta.

Aquilo não fora uma pergunta e ela encarou-o, crispando as mãos ao longo do corpo e sentiu que seu poder de *Kassan* queria se preparar para matá-lo, pois a criadagem geralmente não sabia sobre essas coisas, mas um formigamento de

sua

Intueri abaixou o nível do *Kassan*, impedindo-o de se formar.

Algo lhe dizia que ela não devia atacá-lo e que algo dali seria importante para ela.

— Não vai precisar me matar. – ele falou, ao perceber a luta dentro dela. — Eu sei de muitas coisas que os outros não sabem. Eu compreendo mais rápido e tenho certeza que você sabe do que estou falando.

— E como chegou a essa conclusão?

— Não sei. Apenas veio à minha mente. Estou errado? – ele aproximou-se, parando mais próximo dela.

— Não sei. Estou errada em pensar que você é um Rebelde? – ela encarou-o de volta.

Celebriant ouviu seu nome ser chamado do outro lado do muro e espantou-se. Nem lembrava que estava do lado de casa. A conversa com o criado a deixara perdida.

— Acho que teremos que guardar algumas dúvidas para depois. – ela murmurou, levantando-se sem olhar para ele e quando resolveu olhar, ele tinha sumido.

— Maldito. – resmungou ela, mas sorriu em seguida.

Pelo jeito tinha alguém no mundo real que sabia sobre os Ocultos e nele pairava a dúvida de ser um Rebelde. Sua preocupação era nula a respeito disso: qualquer que fosse a ideia dele, não iria fazer efeito. Se ele tentasse contar aos seus colegas sobre que tipo de família eles eram, ela contava sobre ele ser um possível Rebelde. E quem sairia perdendo nessa história seria ele. Dando um suspiro, levitou até o outro lado do muro, sentindo-se mais leve do que quando entrara por ele um tempo antes.

***

Assim que chegou em casa depois de um almoço nada agradável na casa dos

Moringan, subiu para o seu quarto, pronta para fugir ao seu esconderijo assim que pudesse.

Nicholas estava cada dia mais impossível e ela estava se sentindo agoniada. Cada vez mais a palavra casamento estava deixando-a louca e seu único refúgio era esconder-se.

Não havia muita neve naquele dia, pois já estava esquentando. O tempo em Lander era sempre meio maluco, mas ela gostaria que tivesse nevado na noite anterior, pois agora poderia se distrair. Um pouco chateada, resolveu dar uma olhada no penhasco e acabou sentindo uma vertigem graças à altura.

Nunca apreciara alturas, mas sempre que estava levitando para ir para casa ou por qualquer motivo, aquela sensação de medo lhe fazia se sentir viva. Sua *Intueri* agora ficava a cada segundo cutucando sua mente com algumas visões e também ela não estava conseguindo dormir direito graças aos seus pesadelos, portanto qualquer coisa que desviasse a atenção dela sobre isso era bem vinda.

Não que seus sonhos fizessem muito sentido. Começara a ver um laço, que era pequeno e insignificante crescer e se tornar um laço de presente bonito, com muitas fitas coloridas caindo ao longo dele. Assim que o laço estava mais lindo do que ela jamais pensara ver algum dia, alguém o desmanchava e o destruía, fazendo com que seu coração apertasse e ela acordasse ofegante.

Outro sonho que não parava de perturbá-la era o de uma árvore, muito bonita e que ficava num campo verde e comprido, quase sem fim. Mas quase sempre ela acordava assim que tentava descobrir o que aquela árvore significava.

Celebriant respirou fundo, esticou seus braços e fechou os olhos, deixando o ar morno encher seu pulmão e aproveitando a sensação de liberdade quando sentiu a aproximação de alguém. Muito rápido, ela virou-se e pulou para trás, apontando o braço na direção de quem chegara, mas não a tempo suficiente, pois a pessoa já estava atrás dela segurando o braço que ela levantara.

Olhou para trás e bufou, irritada. Era o insolente que a segurava! Mexeu seu braço para retirá-lo do aperto, mas ele encarou-a com o olhar sério.

— Não posso deixar que tente se matar de novo, senhorita. Isso seria terrível

de presenciar.

— Eu não quero me matar, seu idiota! – ela grunhiu, conseguindo soltar seu braço.

— Me perdoe senhorita, mas naquela posição, na borda do penhasco! – ele se afastou ao ver a expressão dela. — Eu só não te segurei antes porque fiquei com medo que se jogasse se percebesse minhas intenções.

— Não ouse mais me tocar! – ela resmungou, alisando o braço onde ele segurara antes.

— Se a senhorita tentar se matar novamente, eu terei que impedi-la.

— Eu não quero me matar! – ela retrucou, irritada.

— Não quer? Bom, então agora eu já sei. – ele deu um sorriso, deixando-a mais irritada.

— O que está fazendo aqui?

— Estou de folga hoje e resolvi dar uma olhada na vista aqui de trás. É linda não é?

Celebriant bufou e sentou-se no chão, fingindo que o criado não estava ali. Ao contrário de se intimidar, ele se sentou também e lançou um sorriso para ela.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Já fez muitas, não acha? – grunhiu, irritada.

— O que você sabe sobre os Rebeldes?

Olhou para ele, sentindo sua *Intueri* balançar no estômago.

— Como? – perguntou, ainda sem compreender.

— Rebeldes. – ele repetiu, parecendo ansioso.

Ela sentiu seu estômago revirar e suspirou. Sua *Intueri* lhe dizia claramente para continuar essa conversa, mas estava cada vez mais ressabiada. Não tinha certeza do porquê, porém sua *Intueri* nunca falhara e ela resolveu que dessa vez iria ouvi-la.

— Bom, que eles são Rebeldes e querem destruir a estabilidade que temos? – ela falou.

— Hum... O que mais? – ele parecia até risonho com o comentário dela.

— O que mais? – ela encarou-o, confusa. — Que eles são maus e existem porque queriam que o Escolhido deles dominasse nosso mundo?

— Uau, essa eu não sabia.

O comentário foi tão distraído que até Otto perceber o que tinha dito, Celebriant já tinha escutado.

— Como é?

Ele respirou fundo e passou a mão nos cabelos, parecendo um pouco perdido. Percebeu então que, por cima da camiseta dele havia um colar com um pingente pendurado. Antes que pudesse tentar ver o que era o pingente, ele encarou-a e guardou o colar dentro da camisa, dando um pequeno sorriso.

— É algo importante para mim. – ele explicou, ao ver que ela o olhava com surpresa. — Ganhei de alguém muito especial.

Tentou, então, compreender o que ele sentia, mas sua *Intueri* apenas dizia para continuar conversando com ele. O criado ficou alguns minutos em silêncio e parecia perdido em pensamentos quando virou o olhar para ela e falou:

— Eu conheço um pouco o mundo dos Rebeldes. Tinha um amigo que viveu entre eles, mas morreu há muito tempo. – ele parou, encarando-a profundamente. — Os Rebeldes não são maus assim. Quem sabe um dia eu te mostre isso, o que acha?

— Hum... Quem sabe? – ela falou um pouco preocupada.

— Bom, agora eu tenho que voltar lá para dentro. Apesar de ser meu dia de folga, tenho algumas coisas para fazer.

— Certo. – ela assentiu, ainda aturdida.

— Posso voltar aqui mais vezes?

— Tanto faz. – ela resmungou, fingindo desinteresse.

O criado deu um sorriso e saiu dali, deixando Celebriant um pouco preocupada. O que aquilo tudo significava?

X
O invasor

Dois anos depois

HAVIA UMA áRVORE MUITO BONITA ALI.

Ela sentia que a tinha cultivado há alguns anos, mas não fazia muito sentido ser uma árvore. Aproximou-se, sentindo o vento balançar suavemente suas folhas e fazer aquele barulhinho bom.

Assim que encostou sua mão no tronco de madeira clara, ele começou a escurecer. Sentia que algo pegajoso estava nos seus dedos e olhou mais de perto. Um líquido escuro descia de um rasgo na árvore, fazendo com que ela sentisse enjoo.

O cheiro acre de sangue inundou-lhe as narinas e ela tentou tirar a mão da árvore, mas parecia que seus dedos haviam sido grudados ali. Apavorada, ela começou a gritar e a se remexer, até que sentiu duas mãos segurarem seu rosto suado.

— Celi! Celi!

Abriu os olhos e viu que Saori estava em cima dela, encarando-a temerosa. Estava com onze anos agora e a cada dia ganhava mais traços de mulher, mas ainda tinha um corpo de menina. Sua irmã caçula ainda não tinha revelado um poder específico e nem ela compreendia muito bem o que acontecia. Há algum tempo elas duas até pensaram que Saori não tinha poderes, mas ela desenvolvera a *Speede* e aquilo era um sinal de que ela tinha um poder. Os olhos dela, de um castanho mel piscaram novamente e Celebriant limpou o suor da testa, tirando delicadamente as mãos da irmã do rosto.

— Eu estou bem, Saori.

— Se estivesse não tinha gritado daquele jeito! – sussurrou ela, parecendo preocupada. — Ainda bem que não deu tempo de acordar a mamãe, senão seria

um problema para explicar.

— Eu diria que estou nervosa com o casamento. – resmungou Celebriant, levantando-se e indo se olhar no espelho.

Estava acabada. Com dezoito anos e a pouco mais de um mês de se casar, tinha duas olheiras enormes, seu rosto estava ensopado de suor e sentia-se fraca. Seus cabelos castanhos e longos estavam molhados e caíam desarrumados pelas suas costas. Parecia que estava com uma gripe feia, mas a verdade ela sabia: eram as suas visões e sonhos que estavam a destruindo, deixando-a com aparência de doente.

— O que não deixa de ser verdade. – comentou Saori, deitando-se na cama da irmã.

Celebriant respirou fundo e foi até o banheiro, jogando um pouco de água no rosto e no pescoço. Estava uma noite fria, mas sentia calor. Voltou ao quarto e fechou a porta. Saori ainda estava ali, a encarando.

— Celi, vou dormir com você essa noite.

— E o que vai dizer amanhã para mamãe?

— Oras... Eu ainda tenho onze anos! Posso muito bem dizer que fiquei com medo do vento ou coisas assim. – ela falou, dando um sorriso maroto. — Agora, venha cá! Vamos dormir juntas!

Celebriant sorriu e correu para debaixo das cobertas com a irmã. Pelo menos com ela ali, sabia que dormiria tranquila.

***

Já fazia um ano desde que terminara seus estudos – não que eles tivessem feito muita diferença na sua vida, já que não passavam de fachada, e já estava atuando como Oculta há dois anos. Mais de três vezes por semana ia jantar na casa dos Moringan. O casamento estava marcado para dali um mês e meio e Celebriant sentia o estômago revirar toda vez que eles iam acertar algum novo detalhe. Seu noivo, Nicholas, havia mudado muito fisicamente. Estava com o

corpo mais musculoso, os cabelos agora passavam dos ombros e estavam sempre muito bem arrumados. Tinha se transformado em um homem e continuava sendo o maior partido da cidade, inspirando a inveja de muitas por ser ela quem iria casar-se com ele.

Havia parado de tentar manipulá-la, mas agia de uma forma totalmente terrível com ela. Se não conseguia um beijo ou qualquer outra coisa que pedisse, se tornava violento.

Muitas vezes ela teve que lutar para fugir das suas investidas e a cada dia se enojava mais de imaginá-lo como marido. Mas agora o tempo era curto e Celebriant sentia um aperto na garganta, que se fechava cada vez mais.

Naquele dia, assim que o jantar terminou, ela ficou um pouco mais conversando com os sogros e deu a desculpa de sempre: que seus pais queriam passar mais tempo com ela antes que ela se casasse.

— E eles têm razão! – concordou César, sorrindo. — E você tem que aproveitar, daqui a pouco mais de um mês você será uma Moringan!

Dando um sorriso falso e despedindo-se dos sogros, ela fez um sinal para seu segurança pessoal e ele a seguiu.

Nicholas foi com ela até a porta, mas agora ele não se atrevia a tentar segui-la.

— Boa noite, Celebriant. – ele cumprimentou, dando um sorriso cínico. — Não vou ganhar um beijo hoje?

— Boa noite, Nicholas. – ela sorriu também, fazendo um aceno com a mão e virando-se para sair.

— Não vai escapar, sabe? Daqui a pouco terá que me beijar, querendo ou não! – ele falou para ela, que estava se afastando rapidamente.

Não estava com vontade de responder as provocações do noivo e seguiu em frente, com seu segurança ao seu lado.

— A senhorita não vai querer ir de carruagem? – perguntou ele, ao ver que ela passara direto.

— Que tal andarmos até em casa hoje?... Está uma noite bonita.

Ele aquiesceu e os dois continuaram caminhando, em silêncio, até que ele falou abruptamente:

— Senhorita, posso fazer uma pergunta?

Ele a encarou com os olhos castanhos muito claros e deu um sorriso, fazendo com que ela erguesse as sobrancelhas.

Após o incidente do penhasco, Celebriant ficou sabendo que Nicholas exigira que ela tivesse um segurança pessoal para acompanhá-la. Ao ver que Otto sempre fora muito discreto e que a tinha salvado, resolveram dar o cargo a ele, o tornando assim um companheiro diário.

Os dois conversavam muito por horas a fio. Ele também se tornara uma ótima ajuda para treinar seus movimentos de combate e também golpes, de luta e poderes.

— Claro, Otto.

— Você e seu noivo, são namorados?

— Somos noivos, não namorados. – ela falou, amuada.

— Por quê?

— Eu nunca os vejo juntos. Estão, ou brigando ou afastados.

Celebriant deu de ombros, estranhando um pouco a conversa.

— Eu tinha uma namorada. – ele contou, após alguns minutos.

— E o que aconteceu com ela? – perguntou Celebriant ao perceber o passado na frase.

— Ela está viva. – ele falou, dando um sorriso triste e apertando algo debaixo da camiseta. — Mas eu vim para cá, então nos separamos. Sei que ela está me esperando, mas acho melhor não criar esperanças falsas em mim, pois não sei se volto para onde eu morava.

Sem compreender muito bem o rumo da conversa, ela ficou apenas atenta. De repente, Otto a encarou e ela sentiu. O amor que ele tinha por essa namorada era uma coisa difícil de explicar. Nunca tinha visto nada igual. Seus pais se casaram por conveniência e se gostavam por isso também.

Ela pensara, há muito tempo atrás, que podia amar Nicholas um dia ou então

os dois se amarem, mas aquilo ela nunca tinha visto. Paixão, desejo, amor, cumplicidade, afeto... Como alguém conseguia sentir tudo aquilo por uma pessoa? Aquilo realmente existia?

— Sei que pode sentir. Por isso que perguntei se eram namorados.

— Fale-me dela. – Celebriant pediu, sentindo-se encantada por aquele sentimento e querendo cada vez ouvir mais.

— Ela é linda! – ele sorriu, fazendo com que duas covinhas aparecessem nas suas bochechas. — Ela é muito forte também!

Nunca vi alguém tão inteligente e tão humilde como ela é. Sempre disposta, sempre animada...

Celebriant ficou ouvindo a descrição da menina, sentindo todo o amor que Otto colocava nas palavras para aquela garota que estava longe dele, mas que ele amava e nunca iria esquecer. Sentiu-se leve e ao mesmo tempo algo dentro dela pesou. Ela nunca sentiria aquilo. Estava fadada a viver com um homem que odiava e desprezava e não via escapatória naquele labirinto.

Deixou que ele falasse até que chegassem a casa. Deu um sorriso para ele assim que pisou na porta, então ele chamou-a.

— Mesmo lugar amanhã? – ele sussurrou, apontando para o esconderijo dela.

— Sim! – ela sussurrou de volta. — Vou dar uma surra em você!

— Veremos! – ele deu uma leve risada, fazendo com que ela revirasse os olhos em resposta.

No dia seguinte, Celebriant acordou cedo e logo depois de comer com seus pais à mesa, foi para os fundos da casa.

Disfarçadamente, pulou o muro, indo ao seu esconderijo. Sentiria falta daquele canto quando morasse na casa dos Moringan. Talvez ela encontrasse algum esconderijo lá também, só para poder fugir sempre que quisesse. Não que fosse conseguir fugir, mas não queria pensar nisso agora.

Otto a esperava ali, olhando as montanhas cobertas de neve. Celebriant aproximou-se sorrateiramente e tentou acertar uma bola de neve na cabeça dele,

mas só conseguiu acertar a orelha esquerda, pois ele se virou a tempo.

— Dois pontos! – ela falou, dando um sorriso cínico. — Acertei a orelha.

— Está melhorando. – ele disse, parecendo um pouco abatido.

— Está tudo bem você?

— Não consegui dormir direito essa noite, então quem sabe você consiga me acertar mais vezes hoje.

— Posso esperar você descansar para te acertar mais vezes hoje. Assim você não vai dizer que eu consegui porque você estava debilitado.

— Não seja boba. – ele pegou uma bola de neve do chão e jogou nela, errando de propósito.

Desde que ele se tornara seu segurança pessoal, Otto estava ensinando-a como usar sua *Intueri* em batalhas, além de treinar sua parte física também. Tinha melhorado muito nos últimos dois anos de treino e agora até conseguia acertá-lo de vez em quando, mas Otto era muito melhor do que ela nessa parte.

Ele mandou que ela fechasse os olhos e ela o fez. Sentiu então seu estômago incendiar. Toda vez que fechava os olhos sua *Intueri* aparecia três vezes mais forte e ela conseguia captar muito mais de olhos fechados do que abertos. Conseguiu desviar da primeira bola de neve, da segunda, da terceira...

No fim, perdeu as contas de quantas desviara, mas dessa vez ela tinha conseguido se livrar de todas, o que nunca tinha acontecido até então. Ao perceber que as bolas pararam, abriu os olhos e viu Otto mais pálido do que o normal.

— Você não está bem, não é?

— Não se preocupe. Acho que estou resfriado. – ele fez um pigarro com a garganta, como que para comprovar o que tinha falado. — Podemos deixar esse treinamento para outro dia?

— Claro.

Otto continuou encarando-a e perguntou, subitamente:

— Lembra que eu lhe disse uma vez que te contaria mais a respeito dos Rebeldes?

Aquela pergunta fez com que tivesse que pensar alguns minutos, até lembrar-se de quando começaram a conversar.

Há dois anos atrás ele lhe falara sobre os Rebeldes.

— Sim, eu me lembro.

— Posso falar disso hoje?

— Não estou entendendo, Otto. – ela se aproximou dele, preocupada. — O que você sabe sobre os Rebeldes?

— Bom... O que vou lhe falar vai parecer inútil e sem sentido, mas acredito que um dia irá compreender melhor. – ele suspirou e praticamente se jogou no chão para se sentar, fazendo um sinal para que ela fizesse o mesmo. — Quero que me escute e não julgue de onde tirei essas informações, certo?

— Certo. – ela resmungou um pouco desconfiada, mas sua *Intueri* dizia que devia ouvi-lo.

— Esse mundo que conhecemos agora, onde o governo domina e escolhe quem tem o melhor poder, existe há tantas centenas de anos que todos estão acostumados a ele. E, desde que o primeiro Presidente surgiu, eles desprezam o poder *Intueri* como se fosse lixo. Não havia utilidade em um poder como o nosso, era algo tão irrisório que não pertencia nem a classe baixa. Naquela época existiam mais *Intueris* do que hoje, que são raros mesmo dentre os Rebeldes. Você já deve ter ouvido a história do por quê existem os Rebeldes?

— Sim, eu ouvi. Um deles, a quem chamavam de o Escolhido, queria o poder para si e o governo eliminou, ele e sua vila.

— Nem todos, como você deve saber. A vila já sabia do ataque e mandaram alguns dos seus fugirem e se esconder.

E então, o governo atacou e matou todos que ficaram ali. Sem conversas, apenas o ataque direto. Assim, aqueles que se esconderam foram buscando os outros *Intueris* pelo mundo para se esconderem da tirania do governo. O grupo, se autointitulou de Guerreiros, mas assim que o governo descobriu que havia uma resistência, começaram a chamá-los de Rebeldes, para que o mundo visse que eles eram o lado mau.

Do que ele estava falando? Sem responder à pergunta muda dela, ele virou-se, com a testa franzida, e ela viu as gotas de suor na nuca dele se transformarem em sangue. Sem compreender, ia chamá-lo quando sua mente dominou-a com o sonho daquela árvore, daquela árvore sangrando.

— Celebriant, – ele falou o nome dela pausadamente, fazendo-a voltar a si e encarar os olhos castanhos do amigo.

— Você acredita em destino?

—Não sei em que acredito Erik. – ela sussurrou, sentindo-se tonta.

— Há certas coisas que estão destinadas a nós e não podemos mudá-las. Muitas delas nós temos escolhas, muitas não. Depende do que temos que passar nesse mundo. – ele respirou fundo e encarou-a mais profundamente. — Existem também pessoas que estão ligadas por um destino. Pessoas que tem um destino em comum e não tem como fugir dele.

Como por exemplo, nós dois: quem poderá dizer que não temos um destino pré-traçado e que nosso encontro não foi por acaso? – ele deu um pequeno sorriso.

— Não estou compreendendo. – ela falou, sentindo algo muito estranho naquele sorriso.

— Um dia vai compreender.

Sentiu-se enjoada repentinamente e percebeu que Otto também sentia o mesmo. Alguma coisa estava acontecendo com ele também. Ela tinha certeza que ele também estava tendo visões, mas ela não ia obrigá-lo a contar. Também tinha as suas e não gostava de comentá-las com ninguém, exceto Saori, pois ela era a única que sabia de tudo sobre isso e era uma boa confidente.

— Agora eu tenho que ir. – ele falou, parecendo distante.

Sem esperar por uma resposta dela, ele se afastou, fazendo seu estômago arder e a sua confusão aumentar ainda mais. Respirou fundo e levitou até o outro lado do muro.

Precisava se livrar daquelas visões ou então compreendê-las logo, antes que enlouquecesse.

Um mês depois

A festa estava uma chatice, ela sabia disso. Os Ocultos brindavam a nova vitória contra uma vila de outro país que havia sido exterminada por se saber que estavam ajudando aos Rebeldes. Não importava o motivo, os Rebeldes eram caçados como bichos e as pessoas com quem eles mantinham contato eram destruídas. Qualquer movimento que parecesse aos Ocultos que uma vila era ajudante dos Rebeldes, fazia com que fossem exterminados. Também eram presos, torturados e, quando não tinham mais valia, mortos. O que ela andava vendo ultimamente a deixara desorientada. Ela percebera uma coisa que não compreendia ainda muito bem: a razão dos Rebeldes se esconderem era os Ocultos. Mas por quê? O que eles fizeram para serem tratados assim? Isso suas visões não podiam responder e sentiu que algo terrível estava acontecendo e ela estava do lado completamente errado. E, pior ainda, não podia mudar de lado, pois era tarde demais.

Entretanto não era por causa disso que estava sentindo-se estranha. Havia algo dentro dela que estava incomodando mais do que aquilo. Ela realmente não queria ter ido à festa, mas sua *Intueri* dizia que era algo mais complexo do que

simplesmente faltar. Estava andando sem rumo no salão da casa dos Moringan quando sentiu a aproximação de alguém.

Em sua direção, e com certeza indo falar com ela, vinha seu futuro sogro, César. O casamento seria dali uma semana e Celebriant ainda não se acostumara com essa ideia nada agradável. Um pouco incomodada, ela virou-se e apertou a mão dele, sentindo o choque de sua maldade e do que viria pela frente.

— Minha querida, que prazer em vê-la! Fico feliz que possa ter comparecido à nossa casa!

— Não perderia essa festa por nada. – ela deu um sorriso que esperava não parecer petulante.

— Não, certo? – ele deu um sorriso cínico e apontou para uma sacada. —

Podemos conversar por alguns minutos?

Ela acenou com a cabeça, concordando, e sentiu seu corpo pesar. O que quer que ele quisesse conversar com ela não seria nada agradável.

Chegaram à sacada e Celebriant perdeu o fôlego: nunca tinha visto algo tão bonito em toda a sua vida. O jardim de sua casa era bem cuidado e formoso, mas não era nada comparado ao jardim dos Moringan. Havia várias fontes de água, arbustos floridos e que pareciam brilhar naquela noite, provavelmente estavam realmente brilhando por algum efeito comprado por eles, flores enormes e de todas as cores. Tudo isso era coberto por vidro transparente, pois aquelas flores eram de outro país, que não nevava. O pai de Nicholas pareceu perceber os olhos dela e deu uma risada.

— Concordo com seus pensamentos. É muito lindo! – ele mostrou as flores, coloridas. — Tudo organizado por Yone, ela é ótima para decorações. Toda festa ela gosta de mudar o visual do jardim. Tenho certeza que quando vier morar conosco ela adoraria sua ajuda.

— Muito lindo mesmo. Mas, acho que eu não teria a capacidade que ela tem para decorações. – comentou Celebriant, agora encarando o futuro sogro. — O senhor queria conversar?

— Já disse que prefiro que me chame de César, Celebriant.

— Certo, me desculpe, César.

O sogro deu um sorriso muito contente com a obediência dela e então olhou para o jardim, se apoiando na sacada de costas.

— O que você tem em mente para seu futuro, Celebriant?

— Para meu futuro?

Ela sentiu uma lufada de vento que nada tinha a ver com o tempo. Estavam chegando ao motivo de eles terem vindo ali, e aquilo lhe deu náuseas. Não que ela não soubesse seu futuro: ele estava na outra sala, sendo paparicados por todos e se chamava Nicholas Moringan.

— Sim, querida, um futuro brilhante você deve esperar, mas não se continuar apenas no Exército normal.

— Não entendo. – ela disse, tensa.

— Bom, há algo que você, esposa de Nicholas deve saber. – ele pareceu saborear aquele momento. — Meu filho está sendo treinado pelo Imperador para ser seu sucessor.

Celebriant encarou o sogro, chocada. Sucessor?

— Nosso Imperador não tem herdeiros. – ele respondeu, ao ver a expressão dela. — E como é um grande *Imperi* e meu filho também pode o ser, está sendo treinado por ele. Mas isso é segredo, certo? – ele deu um sorriso, mas continuou. — O que estou dizendo é que o Imperador tem muito contato comigo, minha querida, e ele me pediu para lhe fazer uma proposta.

— O Imperador? – ela perguntou, ainda chocada, mas

César entendeu aquilo como respeito.

— Sim, o nosso Imperador quer você ao lado dele, Celebriant!

— Mas eu já estou do lado dele, não?

— O que eu quero dizer é que nosso Imperador percebe que seu poder principal pode ser de grande ajuda na evolução do país. – o homem declamava agora, como se estivesse falando para uma plateia cheia de gente. — Foi-se o tempo em que os *Intueri* eram considerados Rebeldes e mereciam o pior.

Você nasceu em uma família de Ocultos e está entre nossos melhores soldados. O Imperador deseja ter uma pessoa como você ao lado dele, Celebriant! Literalmente ao lado dele... – ele aproximou-se dela, segurando seus ombros. — O que acha?

Antes que ela pudesse responder, um burburinho muito forte tirou a atenção de César para o salão de festas, o que foi uma benção para ela, pois se aquilo não acontecesse ou desmaiaria ou vomitaria em cima do futuro sogro.

— Mas o que é isso? – resmungou ele, segurando o braço de Celebriant delicadamente, mas com firmeza. — Venha querida, vamos ver o que está acontecendo.

César puxou-a com rapidamente e com firmeza pelo salão. Assim que encontrou Nicholas, entregou-a para ele, pedindo que cuidasse de sua noiva por

alguns instantes.

Celebriant sentou-se, ainda abatida, e Nicholas segurou sua mão, abaixando-se do lado dela.

— Está se sentindo bem?

— Sim, Nicholas, não se preocupe. – a voz dela saiu como se tivesse acabado de acordar, mas ela não se importou.

O noivo puxou uma cadeira e sentou-se ao seu lado, puxando Celebriant para um abraço forçado, que ela não teve forças para negar. Ainda enjoada, começou a reparar no que tinha causado o burburinho e seu coração parou de vez.

Sem respirar, viu que eles carregavam alguém amarrado pelo salão e ela levantou ao ver quem era, soltando-se do abraço apertado do noivo.

Não! Pensou, empalidecendo no mesmo instante. O que ele estava fazendo ali, amarrado daquele jeito? Não deveria estar lá fora, reforçando a segurança? Não foi por isso que o trouxera?

— Atenção, Ocultos. – a voz de César era fria a dura. —

Estamos aqui com um pequeno invasor.

Erik Otto parecia não conseguir se mexer, mas seus olhos vasculhavam o salão, procurando alguém. Totalmente sem ação, Celebriant lembrou-se de respirar tarde demais, e sentiu suas pernas amolecerem. Sentiu que o noivo a segurava e a observava atentamente. Sem conseguir prestar atenção ao que César Moringan falava aos Ocultos, virou-se para encará-lo, ainda nauseada. Os dois se olharam por alguns segundos e Celebriant sentou-se. O que ele estava fazendo ali?

— O pegamos tentando invadir nossa casa. Parece que é um Rebelde. – respondeu Nicholas à pergunta silenciosa dela.

Celebriant respirou fundo, apertando as mãos com força. Não, Erik!

— Você quer se vingar? – falou Nicholas, tão perto de seu ouvido que ela conseguiu sentir os cabelos negros roçarem no rosto dela.

— Moringan, não se aproveite da situação. – resmungou ela, empurrando-o para longe. — E sim, eu quero me vingar desse *insolente*.

Sem dizer uma palavra, ele saiu de perto, deixando-a imersa em pensamentos. O que Erik estava pensando ao invadir a casa dos Moringan? Há algum tempo Celebriant desconfiava que o amigo fosse ou foi um Rebelde, de tanto que ele sabia e conhecia sobre o mundo dos Guerreiros, como ele os chamava, mas não compreendia exatamente o que ele fazia entre os criados de uma família de Ocultos. Sempre que ela per- guntava alguma coisa, ele desviava o assunto ou buscava outra coisa para incomodá-la. Mas sempre sentira que aquilo que ele escondia era o motivo exato do porque ele estar ali, e a vontade de tê-lo pressionado mais apossou-se dela. Antes que pudesse cometer uma loucura, Nicholas voltou e deu um sorriso.

— Ele é seu. – falou, apontando para um cômodo. — Está preso na sala ao lado e terá toda a privacidade para, *anh...*

Conversar com ele.

Agradeceu ao noivo e levantou-se, firmando as pernas e indo direto aonde ele mostrara. A porta estava guardada com seguranças e parecia que a sala estava coberta com um escudo de proteção, com certeza impedindo que qualquer um entrasse ou saísse sem permissão. Eles a deixaram passar sem nenhuma pergunta, e ela entrou, encarando dois olhos castanhos conhecidos.

— Ah, então é você. – ele falou, dando um sorriso.

Ele estava muito machucado. Várias queimaduras se perdiam pela sua pele, em toda a parte visível do corpo.

Seu olho estava um pouco inchado, mas ele parecia bem, apesar de tudo, como se eles estivessem no esconderijo dela conversando sobre coisas aleatórias.

— Erik! – sussurrou ela, sentindo-se empalidecer novamente ao ver que o chamara pelo primeiro nome.

— Oh, não chore! – ele falou, irônico. — Isso seria terrível de presenciar.

— Até parece que eu iria chorar por você, panaca. – ela revirou os olhos, aproximando-se dele. — Eu vou te tirar daqui. Vou dar um jeito de você sair—

— Não, Celebriant.

O choque das palavras dele, de ouvir seu nome, fez com que ela se

aproximasse mais, sem compreender.

— Eles vão te matar, seu idiota! – ela grunhiu, irritada.

— É isso o que você quer? Aliás, o que você estava pensando ao invadir a casa dos Moringan?

— Meu pai! – ele falou tão intensamente que ela sentiu seu corpo se contorcer com sua dor. — Meu pai está preso aqui há quase dez anos!

— Preso? Aqui? – ela perguntou, um pouco confusa, mas compreendendo rapidamente.

O pai de Erik era o prisioneiro que ela torturara há anos atrás. Mas, se ele estava preso há dez anos, como sonhara com ele desde pequena? Então, sua *Intueri* mostrou-lhe o óbvio: ela havia visto o homem da forma como o conheceria. Mesmo que ele não estivesse preso na época ou naquele estado, ela previu como o veria. Ele pareceu perceber que ela ficara desnorteada e falou mais baixo ainda.

— Ele falou com você, hoje, não? Aquele César Moringan? – ao ver a expressão de choque dela, ele sorriu. — Sobre você ingressar ao lado do maldito Imperador deles?

— Como você sabe que...

— Eles perceberam, Celebriant! Lembra o que eu te disse sobre os *Intueri* serem um monte de merda para os Ocultos?

Esqueça! Há dez anos eles perceberam que os *Intueri* têm um poder muito útil, principalmente quando levado para o lado da Profecia!

— Como que...

— Meu pai foi capturado e preso para servir de Oráculo para aquele maldito Imperador há dez anos! E agora que está velho e morrendo, eles perceberam que tem alguém do lado deles que possui esse mesmo poder, e que serviria de bom grado aos propósitos deles! Não entende, garota? Você agora passou de coadjuvante para principal! Você será a grande estrela do Imperador!

Sem conseguir mais segurar, Celebriant despejou todo seu jantar em um canto da sala. Ainda nauseada e tonta, ela limpou a boca com as mãos trêmulas e

encarou Erik.

— Você sabe disso, não é? – ele falou, com olhos com- preensivos. — Você sentiu o que eles querem fazer com você?

— Sim, Erik. – sua voz estava rouca e ainda tremia. — Há muito mal por aqui.

— Vá embora antes que seja tarde, por favor.

— Antes eu vou tirar você daqui.

— Você não compreende a grandiosidade do que fiz? – ele deu um sorriso que tentava ser cínico, mas para ela parecia somente um sorriso frustrado. — Eu entrei na casa dos Moringan, estava na cela do meu pai quando eles me encontraram.

Eu passei por tudo, mas me distraí quando o vi doente do jeito que ele está e por causa disso que eu estou aqui. Não seja tola, eles vão me matar depois de me torturarem publicamente.

— Eu nunca deixaria que eles o matassem! Eu não suportaria ver isso! – ela aproximou-se dele novamente.

— Eu sei. – ele fez uma pausa, respirando fundo e olhando profundamente nos olhos dela. — E é por isso, que quem me matará, será você.

Celebriant piscou os olhos, aturdida. Será que ela entendera certo?

— Sim, você entendeu certo. Você vai até o tal do chefe lá fora e vai dizer que você quer me matar. Você quer me torturar e me matar. Você, Celebriant.

— Eu nunca farei isso! – ela conseguiu dizer, ainda em choque.

— E vai deixar que arranquem pedaços de mim na frente de todos os Ocultos? Vai deixar que eles me torturem e só me matem quando eu estiver no fundo do poço? Vai aguentar ver isso?

Nauseada, ela afastou-se dele, se apoiando numa pilastra da sala, e fechou os olhos, certa que vomitaria novamente.

— Me mate Celi, por favor! Sei que estou sendo egoísta e mau com você... Mas, é a última coisa que te peço.

Os momentos em que passara com Erik voltaram à sua mente e ela abriu os

olhos para afrontar o amigo. Ele estava encarando-a profundamente e parecia bem. Mesmo sabendo que morreria em alguns dias no máximo, parecia feliz.

— Céus, Erik, você quer me destruir! Não precisava se encrencar desse jeito para morrer, era só ter me provocado um pouco mais! – ela falou e ele soltou uma gargalhada baixa.

— Mais uma coisa. – ele deu um pequeno sorriso ao ver o olhar de espanto dela e levantou o pescoço. — Pegue meu colar.

— Como?

— Meu colar, Celi. Ele é seu. Cuide dele, pois sabe o quanto ele é importante para mim.

Trêmula, ela aproximou-se dele, evitando olhar nos seus olhos, e tirou o colar, segurando delicadamente em sua mão.

— Obrigado, Celi. Serei eternamente grato a você por isso.

Sentindo que não conseguiria ficar ali por mais tempo, ela saiu da sala, procurando por César. Ele estava perto da mesa das bebidas e ela foi direto até ele, sem nem pensar direito. Seu corpo ainda tremia e não sabia se conseguiria continuar andando por muito tempo, portanto fez o possível para chegar logo. Ao ver que ela se aproximava, seu sogro sorriu e dispensou seus acompanhantes.

— Fiquei sabendo que o invasor pertence aos Devoy. – disse ele, encarando-a com seus olhos azuis e fazendo-a ter que se segurar para não vomitar novamente.

— Eu aceito a proposta do Imperador, César.

Ele piscou, parecendo se perder em pensamentos e sorriu radiante.

— O Imperador ficará muito satisfeito com você, Celebriant.

— Mas eu tenho uma condição.

— O que quiser minha querida!

— Quero que me deixe fazer as honras e matar nosso invasor.

César aproximou-se, encarando-a nos olhos e abaixou-se lentamente, com a boca entreaberta. Sem entender, Celebriant paralisou, mas o homem apenas levou sua boca ao ouvido dela.

— Temos um trato, minha querida.

E, sem dizer mais nada, ele afastou-se dela, deixando sem perceber, uma Celebriant arrasada para trás.

XI
A decisão de Celebriant

TUDO ERA COMO UMA FESTA, COM pessoas conversando e rindo, se divertindo com o que logo veriam ali.

Aquela arena era um palco de execução e Celebriant nunca tinha ido até lá. Havia uma parte de chão batido no patamar mais baixo, onde as lutas aconteciam. Em volta da arena circular havia cadeiras, milhares delas, divididas por classe. Estava sentada em uma das cadeiras altas, mais elaboradas e adornadas para receber pessoas ilustres, e ao seu lado Nicholas segurava sua mão com firmeza. À sua frente, muitos Ocultos estavam sentados de acordo com sua profissão e classe. Obviamente, Celebriant, sua família e os Moringan estavam no patamar mais alto, ao lado do Imperador.

O Imperador levantou-se, fazendo com que todos parassem de conversar e se levantassem. Ele abriu os braços, mostrando sua capa completamente negra e lisa, e deu um sorriso cativante. Fez, então, uma reverência, que foi seguida por todos os Ocultos, e mandou que se sentassem. Começou a falar e Celebriant tentou prestar atenção, mas sentia-se tão fora de si, tão perdida, que não conseguiu perceber exatamente o que era dito. O que ela pegou em essência falava sobre mostrar aos Rebeldes, que o que eles faziam era errado, e que o caminho dos Ocultos era o correto. Assim que ouviu seu nome, Celebriant levantou-se, gerando uma onda de aplausos. A hora do espetáculo finalmente chegara e ela não sabia se conseguiria.

Estava vestida nas suas roupas de luta oficiais, totalmente negras: calça colada, botas baixas e de cano longo e uma blusa justa que tinha um desenho mais aberto para revelar sua marca de Oculta. Seus cabelos longos estavam presos num rabo de cavalo, mas a sensação era que ela inteira estava presa. Pulou lá de cima, caindo levemente no chão de terra batida e seus olhos pousaram sobre o homem que estava no meio da arena.

Erik estava, se isso fosse possível, mais machucado. Seu olho direito quase não abria com o hematoma que se formara ali, e parecia que as queimaduras em seus braços haviam crescido. Estava amarrado à cadeira com os braços para trás, e uma nuvem azul boiava em volta dele, impedindo-o de usar seus poderes. Quando a viu ali, ele encarou-a profundamente por debaixo dos cabelos loiros bagunçados e ela pode vê-lo dar um sorriso.

Sentiu que todos os olhos estavam voltados para ela.

Uma *Kassan* iria torturar e matar um dos Rebeldes e aquilo era com certeza algo que os Ocultos não viam há muito tempo. Respirando fundo, ela deixou que a serpente de calor percorresse suas costas e encarou Erik. Sua visão se embaçou e pode ver que, ao fundo, uma árvore se projetava por cima do homem.

Celebriant não queria torturá-lo, mas sentiu o olhar dele e mandou ondas de eletricidade para seus braços, que começaram a brilhar como faíscas acesas. Pode sentir como presas, a emoção da multidão ao vê-la agir. Sem esperar, ela avançou para Erik, que continuava a encará-la fixamente.

Antes que pudesse alcançá-lo, mandou as ondas para a nuvem azulada, que piscou inutilmente, mas não resistiu. Correu libertando os braços dele e voltando onde estava inicialmente.

— Lute, *verme*. – ela falou, tentando ao máximo por um pouco de ódio em sua fala.

Conseguiu ouvir, ao longe, a multidão vibrar. Havia passado aquela noite imaginando como conseguiria matá-lo.

Tinha pensado principalmente em como *não* matá-lo, mas sabia que isso era impossível. Ainda não conseguira entender como estava ali, fazendo aquilo, mas decidira algumas coisas.

Não iria simplesmente deixá-lo sentado e torturá-lo. Queria que ele lutasse pela vida dele, mesmo ela sabendo que no fim ele a deixaria matá-lo. Queria que ele mostrasse ao mundo dos Ocultos o que era ser um Guerreiro e que não morresse como um covarde. Pensou que assim talvez ela conseguisse matá-lo, mas ao vê-lo se levantar vagarosamente seu corpo enrijeceu.

Percebeu uma movimentação acima de sua cabeça e ergueu a mão para eles. Viu Nicholas descer até o nível mais baixo, provavelmente pensando em interferir caso Erik tentasse alguma coisa contra ela. Muito *gentil* da parte dele, mas Celebriant não pretendia deixar que interferissem.

Ela iria cuidar daquilo, de uma forma que não precisasse machucar tanto o amigo ou pelo menos que pudesse matá-lo com dignidade.

Celebriant esticou seus braços para fora, fazendo com que as faíscas começassem a estourar com mais intensidade.

Pensou que sua *Intueri* gritaria e praticamente a mataria por dentro, mas a dor em seu peito não era do seu poder primário. Até agora ele não havia negado o direito de matar Erik. Como sempre, ela não tinha nenhuma escolha. Sempre escolhiam para ela: o noivo, a vida e, agora, Erik a escolhera como assassina.

Jogou-se para cima dele, não suportando mais vê-lo parado ali. Erik se defendeu de alguns golpes, mas ela não desistiu e acertou a barriga dele, fazendo-o voar por cima da cadeira e despedaçá-la. Atrás dele viu novamente como uma visão, um lugar nas Montanhas Azuis que ela duvidava ser possível. Era uma montanha, mas ao mesmo tempo algo tão grande e escondido que parecia não haver uma entrada.

Enquanto ela encarava aquilo abobada, ele levantou-se devagar e voltou a encará-la, parecendo não compreender a intenção dela. Celebriant deu um grunhido de raiva e jogou-se contra ele, acertando cada vez mais golpes e fazendo com que ele começasse a vacilar.

— Lute! – ela gritou, sentindo seu coração palpitar de dor. — Lute seu desgraçado!

Ela precisava fazê-lo compreender! Ele não iria morrer como covarde, ela não ia deixar! Iria fazer com que Erik mostrasse aos Ocultos o que era ser um bravo Guerreiro, que era como eles se chamavam na realidade. Não eram Rebeldes, e sim Guerreiros.

Ao aviso de sua *Intueri*, instantaneamente Celebriant jogou seu corpo para trás, desviando de algo que Erik lançara nela. Parecia ser um pedaço da cadeira

destruída, mas ao olhar melhor ela percebeu que não era nada. Era apenas o vento em forma de lança, ou algo do gênero. Encarou o amigo e ele deu um sorriso, fazendo um aceno imperceptível com a cabeça. Ele compreendera o que ela queria fazer e isso fez com que sentisse seu corpo sumir. Seus olhos seguiram para a árvore de sua visão, que se tornava mais nítida a cada instante.

O que aquilo significava?

Desviou-se novamente de um golpe de Erik, que final- mente estava lutando. Lembrou-se de como costumavam treinar os golpes no esconderijo dela, em como Erik sempre vencia no começo, graças ao desenvolvimento de sua *Intueri*.

Naquele momento sentia-se uma inútil. Como nunca aproveitara mais a presença dele? Por que as coisas deveriam ser assim?

Enquanto os dois finalmente lutavam com força, Celebriant pôde perceber que uma visão que sempre tivera apareceu novamente: um Erik mais jovem, com mais ou menos doze anos estava ali, aparecendo e desaparecendo rapidamente. Piscou um pouco e quase foi acertada por um golpe do amigo.

Os dois praticamente dançavam na arena, deixando uma leve fumaça de pó pairar sobre eles. Respirou fundo, fazendo o possível para ver um inimigo à sua frente, não conseguindo mais do que uma dor de cabeça. Erik continuava tentando acertá-la, sempre errando por pouco, provavelmente porque ele não estava tentando de verdade. E então, a multidão começou a gritar algo, muito forte. Quando conseguiu perceber do que se tratava, quase não conseguiu continuar.

— Morte! Morte! Morte!

De súbito, o calor em suas costas subiu em forma de serpente para seus braços e ela viu que havia realmente duas serpentes de fogo em seus punhos. Seu *Kassan* respondera aos gritos pedindo a morte de Erik, fazendo com que a luta se tornasse completamente injusta. Assim que conseguiu uma brecha, ela atirou nele uma das serpentes, que o empurrou com tanta força que ele voou para o outro lado da arena.

Sabia que não tinha o machucado seriamente, até porque ele já estava

seriamente machucado, mas vê-lo ser jogado daquela maneira fez seu peito arder tão forte que ela quase caiu. Erik levantou-se e recomeçou a atacá-la, e, quando estavam muito próximos e somente os dois poderiam ver, ele lhe lançou um sorriso que ela nunca mais esqueceria.

Os movimentos dele começaram então a ficar mais lentos e fracos. Erik estava diminuindo o ritmo da luta para que ela percebesse que ele estava se entregando. Não queria lutar com ela assim como ela também não queria lutar com ele, e mostrava que desejava o golpe final.

— Mal posso esperar para que peguem sua irmãzinha. – falou ele, de repente, fazendo com que a árvore de sua visão começasse a quebrar.

A voz dele estava arrastada, como se estivesse já fora do corpo, mas não foi por isso que ela se assustou. Por que ele havia falado aquilo? A plateia começara a vaiar, o que tornava a conversa mais fácil para eles dois.

— Vão torturá-la, sabia? – ele deu uma risada baixa, lançando rajadas de vento perigosas.

— Do que está falando, *inútil*? – ela deu o que esperava ser um sorriso cínico.

— Aquela sua irmãzinha, como é mesmo o nome? – ele fingiu pensar e lançou-lhe um olhar sombrio. — Saori.

À menção do nome dela fez com que Celebriant sentisse seus pés afundarem no chão. Ele não estava mais lutando, mas resolvera provocá-la! Queria vê-la com raiva para matá-lo!

Como ele era estúpido! Ela tinha planejado matá-lo durante a luta, de uma forma honrada! E agora ele ficava fazendo cena, como se precisasse fazê-la sentir ódio.

Sua *Intueri* estava inquieta e então ela viu: Saori, caindo num buraco negro, esticando as mãos para alcançá-la, mas Celebriant não conseguia segurá-la e ela caia, sumindo na escuridão. Lembrou-se então do que Saori lhe falara, há muitos anos, quando seu noivado com Nicholas foi firmado.

A irmã implorara para que ela não caísse na escuridão e então alguma coisa

fez sentido: quando estivera sem sua *Intueri* e somente com o poder de *Kassan*, Celebriant caíra na escuridão e virara uma pessoa sem sentimentos.

— Eu vou te matar antes. – ela grunhiu, esperando que ele entendesse que não ia aceitar provocações.

— Cuide bem da sua irmãzinha. – ele falou, lançando uma rajada de vento muito forte.

Celebriant se virou, desviando, porém Erik foi muito rápido para seu lado. Sentiu que Nicholas estava se levantando e se jogou contra Erik, com os braços em chamas. Os dois se chocaram, em um abraço furioso, e ela apertou os braços dele, encarando-o.

— E cuide *dele* também. – ele pediu, aproveitando a proximidade dos dois e sussurrando para que somente ela ouvisse. — Obrigado, Celebriant.

Sentindo seu peito arder e seu *Kassan* subir de uma forma que ela nunca sentira, jogou Erik para longe, e então cruzou os antebraços em forma de cruz, apontando para ele, que percebeu sua intenção e fingiu que não conseguia se levantar.

Respirando fundo, ela encarou o amigo pela última vez e, com um grito de dor, lançou a cruz de fogo nele.

Erik manteve o sorriso no rosto ao receber o golpe, e caiu tão lentamente que Celebriant poderia jurar que ele fez de propósito. Seu corpo se dobrou e em um último suspiro, ela o viu bater no chão, com os braços abertos e olhos vidrados para o céu. Atrás dele, a árvore encheu-se de sangue, de um rasgo em forma de cruz vindo do seu centro, no que parecia ser o coração dela. E, então, desapareceu por completo. Um súbito clarão de compreensão surgiu em sua mente e ela ofegou: a árvore era Erik. Era sua amizade com ele, construída através de anos de convivência. Era seu amor por ele, o amor de uma amizade. Naquele momento ela finalmente percebera o quanto sentiria a falta daquele homem e o quanto a amizade com alguém além de sua irmã havia sido importante.

Sem se conter, Celebriant caiu de joelhos no chão e fechou os olhos,

segurando a onda de sentimentos que passavam por ela. Sua *Intueri* não a condenara pelo que fizera, mas seu coração estava derretendo. Não sabia se conseguiria abrir os olhos algum dia ou se conseguiria chorar o suficiente para matar a dor que sentia. Céus, por que aceitara aquilo?

Sentiu a aproximação de Nicholas antes mesmo dele encostar nela. Levantou-se, fazendo um sinal de que não precisava de ajuda e encarou seus olhos azuis.

— Estou bem.

Sua voz saiu estável e seu sorriso convenceu a plateia.

Uma avalanche de palmas encheu o estádio e Nicholas acompanhou-os, olhando-a admirado. Ele gostara daquilo.

Gostara de vê-la matando e ela simplesmente não achava que um dia conseguiria se olhar no espelho novamente.

Deixou-se levar para ser paparicada por todos os Ocultos, mas sentia necessidade de ficar sozinha. Evitava ao máximo olhar para o lado onde o corpo de Erik estava. Agora não poderia fazer mais nada por ele. Seu corpo era dos Ocultos, e eles dariam um fim nele. Sua vontade era de correr até onde o corpo estava e dar-lhe um enterro digno, mas já fizera sua parte.

Viu então, que Saori estava ali, contendo as lágrimas e a encarando profundamente. Ela precisava sair com a irmã daquele lugar, pois somente ela poderia ajudá-la naquele momento. Agradecendo a todos que ainda a aplaudiam, ela informou aos pais que precisava ir para casa se lavar e pediu que a irmã caçula a acompanhasse. Nicholas não gostou da ideia, mas antes a fez prometer que voltaria sem demora.

Então saíram de mãos dadas, caminhando o mais rápido possível para casa.

Assim que chegaram a um lugar mais afastado, Saori segurou seu braço e usou seus dotes de *Speede*, fazendo com que chegassem em segundos à casa dos Devoy. Quando seus pés pisaram no terreno familiar, sabendo que não tinha ninguém ali, ela desabou. Seus joelhos novamente atingiram o chão e ela gritou. Lágrimas saíram sem que ela pedisse, soluços balançavam seu corpo de uma

forma que ela nunca achou que seria capaz de fazer e seus gritos parecia o de um animal ferido.

A irmã estava ao lado dela, segurando seus ombros delicadamente. E então Celebriant olhou para ela, sentindo-se um lixo.

— Você tem que... Entender... Saori. – ela conseguiu falar, entre fungadas. — Eu fiz...

— Você fez o que tinha que ser feito. – a irmã concordou, também chorando. — Eu sei que não queria... Ou melhor, se não soubesse, teria visto agora. Não se culpe Celi...

— Vou me culpar, sim, Saori! – ela falou, sentindo os soluços voltarem. — Quero carregar essa culpa para o resto da vida! E isso não é o suficiente para me punir!

— Não, Celi! Pare!

Celebriant levantou-se, um pouco cambaleante, mas andou até seu quarto, com Saori em seu encalço. A irmã não compreendia. O que ela fizera a destruíra. Quanto mais teria que matar daquele jeito?

Jogou-se em sua cama, sentindo-se imobilizada. Não queria se mexer e muito menos pensar. Queria morrer ali, para quem sabe, ter alguma paz. Lembrou-se, então, do que Erik falara pouco antes de morrer: *cuide bem dele também*. Quem era *ele*? Só podia ser uma pessoa, que ambos conheciam: o velho pai de Erik, preso no porão dos Moringan. E Celebriant sentiu, nessa hora, que precisava tirar o velho de lá, mesmo que fosse a última coisa que fizesse.

***

O casamento seria dali a dois dias. Sua mãe estava tão preocupada com os preparativos que nem notou que a filha não estava comendo direito e não estava saindo como de costume. Ou, se notou, provavelmente achou que era nervoso pelo casamento. Ou ainda, Saori poderia ter falado para ela, pois incrivelmente não estava sendo incomodada na última semana em que seria uma Devoy. Dali a

dois dias seria a esposa de Nicholas Moringan e seu estômago revirou novamente.

Escutou vozes alteradas do lado de fora do quarto e, quando pensou em tirar a cabeça para fora dos travesseiros para ver o que estava acontecendo, a porta do quarto se abriu abruptamente. Celebriant olhou para as duas pessoas na porta e revirou os olhos. Nicholas estava ali, com Saori ao seu encalço, provavelmente tentando impedi-lo.

— Eu quero falar com você, Celebriant! – anunciou Nicholas, encarando Saori com raiva.

— Eu já disse que o que você *quer* não vale comigo, Moringan! – alertou a garota, encarando-o com um olhar cínico e parecendo muito sua irmã mais velha naquele momento.

— Saori, tudo bem. – Celebriant falou, ouvindo sua voz mal usada nos últimos dias arranhar a garganta. — Deixe-nos.

Dando um sorriso triunfante para Saori, Nicholas fechou a porta do quarto e aproximou-se dela, ficando sério ao ver o estado em que ela se encontrava.

— Por que ainda está na cama?

— Porque eu quero. – ela resmungou, cobrindo-se melhor. — O que quer?

— Eu vim ver como você está, oras! – ele deu uma risada curta, e aproximou-se da cama. — E quem sabe namorar um pouco...

— Moringan. – ela grunhiu, encarando-o fixamente.

— Saia daqui.

— Eu vou, meu amor. – ele deu uma risada, não parecendo preocupado com a grosseria dela. — Eu só vim avisar que vou viajar hoje e só volto no dia do casamento.

— Ah, é? Que bom para você. – ela comentou, voltando a se deitar. — Agora me deixe dormir então.

— Não quer nem saber para onde eu vou? – ele aproximou-se dela, encarando-a chocado.

— Não. Vá em paz, Moringan.

“E não volte, de preferência!”, completou em pensamento, deitando-se na cama. Sua *Intueri* avisou e ela levantou o braço, segurando com força as duas mãos de Nicholas que vinham em sua direção. Ele deu um grunhido de ódio e soltou-se, antes que ela pudesse mandar qualquer golpe nele.

— Aproveite seus últimos dias de Devoy, Celebriant, porque daqui a dois dias eu vou poder finalmente te ter por completo. E vou abusar desse poder!

E, irritado, ele virou-se para sair do quarto. Ela apenas se acomodou melhor na cama, se encolhendo de uma forma que, no fim, parecia um bolo de cobertas. Não sabia exatamente o porquê, mas deveria esperar. Seus sonhos e visões estavam aumentando, mas ela não conseguia compreender. A visão de Erik mais jovem e a visão das montanhas continuavam a aparecer em seus sonhos e ela simplesmente não queria pensar muito. Erik estava morto, e aquilo provavelmente era sua consciência a maltratando pelo que fizera.

Celebriant precisava sumir. Morrer seria o ideal, assim ela não precisaria mais sentir aquela sensação de vazio e solidão, de que nunca mais conseguiria fazer algo... Mas havia Saori para cuidar. O que seria da irmã se ela morresse? Não queria nem pensar no assunto. Pareceu que seu devaneio ficara longo e sem sentido e então, abruptamente, olhou para o relógio e se assustou. Já estava quase anoitecendo e ela precisava tomar um banho. Céus, será que ela adormecera?

Seu corpo se moveu e ela sentiu-se tirar os sapatos e as roupas de dormir, e andar até o banheiro ao lado do seu quarto. Ligou o chuveiro e entrou debaixo da água gelada.

Resolveu ficar um pouco ali, se torturando. Sentia que cada fagulha de tortura que pudesse se oferecer não seria suficiente, mas sempre que fazia isso seu coração não permitia que ela parasse. Ligou a energia, fazendo com que a água esquentasse.

Ela merecia congelar até a morte... Ou quem sabe não seria tortura o suficiente? Ficou imaginando tudo o que ela poderia sofrer e sentiu-se melhor, na medida do possível. Saber que matara o único amigo que tivera em toda sua

vida – tirando Saori – era difícil compreender.

Por que aceitara matá-lo? O pior, é que ela sabia que no fundo, jamais suportaria vê-lo ser torturado pelas mãos dos Ocultos e nunca se perdoaria por não ter aceitado o último desejo de Erik. Aquilo sim era ser *nobre*. Ela nunca precisara ser nobre com alguém e sentia que aquela decisão pesaria para sempre em sua vida.

— Celebriant!

A voz desesperada de sua mãe encheu seus ouvidos, fazendo com que ela desligasse o chuveiro e se enrolasse na toalha. A mãe entrou no banheiro, parecendo aliviada por encontrá-la.

— Achei que tinha saído!

— Desculpe-me, mãe. Eu estava no banho. – ela apontou para si, mostrando a toalha.

— Então se vista e venha até a sala. Vai precisar sair.

— Sair?

— Sim. Vamos logo!

Um pouco confusa, mas curiosa, vestiu-se o mais rápido que pôde. Encontrou seus pais de pé na sala, esperando-a impacientes.

— O que houve? – ela perguntou assim que eles a olharam.

— Vamos indo, Celebriant. – falou seu pai e ela sentiu um calafrio percorrer seu corpo. — Te contamos no caminho.

Os três entraram juntos na carruagem negra e então seu pai começou a contar. O velho prisioneiro da casa dos Moringan estava mal. E, ao que parecia, ele não parara de falar o nome dela desde que tentaram tirar algumas informações dele. Um pouco chocada e muito preocupada, ela sentiu seu estômago arder ao ver a casa dos Moringan se aproximar pela janela. Felizmente o noivo não estava em casa e apenas César estava ali para recebê-los.

Caminharam pelos corredores sujos e chegaram à cela do prisioneiro. Ela pôde ouvir que ele ainda resmungava, e seu sogro abriu a porta, dando um lampião para ela iluminar o lugar. Estava tudo mais sujo do que ela havia visto

antes.

O cheiro de urina e sangue estava agora misturado ao cheiro de vômito e o velho pai de Erik estava deitado no chão, parecendo não ter forças nem para sentar.

— Precisamos que tente retirar dele, o local onde os

Rebeldes se escondem Celebriant. Acha que consegue?

— Posso tentar. – ela ouviu-se dizer, com a voz dura.

— Muito bem. – ele sorriu, fechando a porta da cela atrás dela.

O homem remexeu-se no chão, falando o nome dela.

Sentiu seu estômago revirar e ajoelhou-se ao lado do homem assim que sentiu os pais e César se afastarem.

— O senhor está bem? – ela sussurrou o mais baixo que pôde para que ninguém além dos dois ouvisse.

— Ah! – ele encarou-a e seus olhos pareceram brilhar.

— Celebriant!

— Sim, sou eu. – ela falou, engolindo em seco e evitando olhar para o velho.

Aquele era o pai de Erik, e ela estava tensa. Não sabia exatamente como agir. Queria fazer o que o amigo havia lhe pedido antes de morrer, mas não sabia se conseguiria aguentar o sofrimento do velho ao descobrir que ela tinha matado seu filho. Sentiu um formigamento em seu braço e percebeu que o homem a tocava.

— Não se culpe menina. – a voz dele saiu num sussurro doente. — O que está feito, está feito e não há como mudar o passado. Mas o futuro se pode mudar menina, e é por isso que eu queria que você viesse aqui.

— Eu prometi ao... – ela engoliu em seco e tirou os olhos do velho, mas ele balançou a cabeça e colocou o dedo sujo nos lábios dela.

— Isso é passado, menina... Agora quero que veja seu futuro.

Celebriant sentiu um solavanco no estômago e a cela sumiu. Um mapa apareceu em sua cabeça, e ela viu uma linha tracejar até um ponto cem quilômetros ao leste da casa dela.

Confusa e sem compreender, a visão foi se aproximando e o que ela viu a fez ofegar: era o esconderijo dos Rebeldes. E na visão mostrava cada entrada dele, onde os vigias se encontravam e toda a movimentação. A visão mudou rapidamente para a mesma que ela sempre via: o Erik mais jovem, com quatorze anos e ela, ao lado dele com as mesmas roupas que os Rebeldes usavam. O mundo girou novamente e ela viu-se entre dois exércitos: de um lado ela e o Erik mais jovem, com roupas precárias, estavam à frente e, do outro lado, ela e Nicholas, com roupas de luta dos Ocultos. Seu cérebro rodopiava com as informações, entretanto agora ela compreendia. Finalmente sabia o que havia sido destinado a ela. Apesar de ainda não entender o que o Erik mais jovem tinha a ver com tudo aquilo, sabia o que tinha que fazer. Sempre tivera uma escolha: podia continuar ao lado dos Ocultos e se juntar a Nicholas, ou então seguir o seu real destino, que era ao lado dos Rebeldes e das pessoas com o mesmo poder primário que o dela.

Sempre soubera, no fundo, que não aguentaria ser uma *Kassan* para os Ocultos. Seu poder primário nunca deixara que ela fizesse algo sem pesar sua consciência e, naquele momento, um grande vácuo abrira-se à sua frente. De repente, a visão

novamente deu um solavanco em seu estômago e ela se viu na mesma cela, mas ao que parecia há muito tempo. O pai de Erik estava mais jovem e apenas com a barba mal feita e tinha à sua frente o Imperador dos Ocultos, também parecendo mais jovem. Eles pareciam discutir e então Celebriant viu como foi que o homem havia ficado naquele estado doentio: assim que ele se negou a lhe dar informações, o Imperador usou seus poderes de *Imperi*, muito mais desenvolvidos que o de Nicholas, e entrou na mente do pai de Erik. A cena mudou para a noite anterior, onde o Imperador e Nicholas estavam juntos, tentando ao mesmo tempo retirar o local onde se escondiam os Rebeldes, e, com uma força não esperada, o pai de Erik conseguiu impedir que os dois vissem aquilo e por isso estava tão fraco. Ela entrou em desespero ao vê-lo cair no chão assim que os dois homens pararam de manipulá-lo, mas então ele começou a

chamar o nome dela sem parar.

Deu um grande suspiro de alívio quando as visões terminaram e sentia-se tremer. Agora que o efeito da visão tinha passado, estava apavorada. Não conseguia imaginar como faria para seguir o que tinha visto. Olhou, então, para o pai de Erik e segurou um grito. O homem estava com os olhos abertos, com as pupilas dilatadas, e tinha um sorriso fixo no rosto, visivelmente morto. Ao que parecia, havia gastado toda a sua energia para dar a ela aquelas informações, e agora estava deitado no chão, com a mão ainda sobre o seu braço.

— Não! – ela sussurrou, ainda sem acreditar. — Ele me pediu para cuidar de você! Não morra!

Sentiu seu coração apertar-se contra o peito e deixá-la sem ar. Deveria tê-lo tirado dali antes, assim que matara Erik deveria ter seguido o desejo dele! Se tivesse feito aquilo poderia ter impedido outra morte. Novamente, ela matara alguém, não diretamente como fizera com Erik, mas sim, ela era a culpada pela morte do pai do amigo também.

Sem saber direito para onde estava indo, levantou-se, desnorteada. Ainda sentia a cabeça girar e as pernas tremerem, mas devia ser forte. Precisava ser forte, pois teria que mentir para César e seus pais sobre o que vira.

— E então? – perguntou César assim que ela saiu da cela, parecendo perceber quão pálida ela estava.

— Ele morreu. – ela informou, percebendo que sua voz estava nítida e firme, e não parecia mentirosa. — Estava muito fraco e não consegui retirar mais do que alguns vislumbres de um oceano, algo muito vago e sem sentido. Infelizmente, ele morreu antes que eu pudesse tentar mais.

César pareceu um pouco decepcionado, mas não o suficiente para deixar de sorrir para ela.

— De qualquer forma, agora temos você e não precisaremos mais depender de pessoas inúteis como esses vermes.

Celebriant conseguiu acenar em afirmação antes de seu estômago se remexer em desaprovação. Agora compreendia melhor ainda o que seria para o

Imperador, e o que aconteceria se ela não quisesse cooperar com ele. Olhou para trás e viu a porta da cela do prisioneiro, ainda aberta, pois agora ele não poderia mais fugir. Sentiu que alguém se aproximara dela e virou-se, vendo o rosto de César a centímetros do dela.

— Quer se livrar do corpo para mim, Celebriant? Sei que gosta de *queimar* as coisas! – ele deu uma gargalhada e seus pais o acompanharam.

— Claro César. – ela deu um sorriso que esperava parecer cínico.

— Então, nos vemos lá em cima. Vou preparar um vinho para comemorarmos!

Dando um sorriso, César lhe entregou um mapa para que ela pudesse sair dos corredores sem se perder e, sem dizer mais nada a ela, os três saíram conversando, deixando-a sozinha no meio do corredor mal iluminado. Olhou então para a porta onde o corpo do pai de Erik jazia e sentiu seu coração apertar novamente, e a mesma dor que sentira quando matara Erik se apoderou dela.

Quanto tempo mais aguentaria aquilo? Todas aquelas mortes! Tudo o que era obrigada a fazer! E sempre sentir sua *Intueri* condená-la pelo que fazia. Será que isso era certo? O que ainda podia fazer para perceber o que estava debaixo do seu nariz? Agora sim, não tinha mais desculpas.

Compreendera bem demais o que tinha que fazer, mas antes, daria um enterro decente ao pai de seu melhor amigo, algo que não pudera fazer por ele.

Entrou na cela e acendeu mais dois lampiões, deixando tudo bem iluminado. Retirou as correntes e algemas que prendiam o homem e deitou-o no chão, ajeitando seus braços em forma de cruz na frente do peito. Um desenho apareceu em sua mente e ela procurou a volta até achar uma pedra que pudesse escrever naquele chão e pôs-se a trabalhar. Em volta dele desenhou um círculo, fazendo com que a cabeça do homem estivesse ao norte e seus pés ao sul. Um pouco afastado do primeiro círculo, desenhou outro e no espaço entre os dois círculos, desenhou tudo aquilo que lhe vinha em mente e que a pedra lhe deixava desenhar: símbolos que lhe lembravam folhas com traços mais finos, flores e traçados tribais. Quando terminou, sentiu-se renovada. Aquilo era um enterro

digno de um dos líderes dos Guerreiros, algo que ela nunca soubera, mas provavelmente sua *Intueri* lhe mostrara.

Levantou-se solenemente, e concentrou todas suas forças no corpo do homem à sua frente. Sentiu que a serpente de fogo de seu *Kassan* lhe dominou, e seus braços se levantaram fazendo com que a cela se iluminasse mais ainda com o fogo que cremava o corpo do pai de Erik com vontade.

Celebriant saiu da cela para que não ficasse com aquele cheiro horrível nas roupas e ficou observando do lado de fora o corpo dele se desintegrar e sumir. Pelo menos havia dado um enterro digno ao pai de Erik, apesar de sua culpa por não tê-lo salvado antes não desaparecer. Assim que o fogo se extinguiu, sentiu seu estômago remexer com o que vinha pela frente. Tinha dois dias para decidir como escaparia daquele mundo que não lhe pertencia mais.

XII
O casamento

CELEBRIANT OUVIU UM BARULHO SECO DE algo caindo, então o grito de sua mãe e deu um pulo de susto na cama. Olhou para o relógio em cima do criado mudo e suspirou. Eram somente nove da manhã. Não dormira nada à noite e quando finalmente tinha pegado no sono, foi acordada.

Lentamente, levantou-se e foi escovar seus dentes.

Olhou para sua imagem refletida no espelho e virou os olhos. Tentava ao máximo não ver seu reflexo, a não ser quando fosse necessário. Aquele seria o grande dia e ela estava com vontade de vomitar.

Celebriant se arrumou e parou na porta do quarto, respirando fundo, e a abriu, indo para o andar de baixo. A casa dos Moringan estava uma correria. A família dela havia dormido ali naquela noite para ajudar nos preparativos da cerimônia, que seria no salão de festas da casa. Empregados iam e vinham levitando e arrumando enfeites, os gritos de sua mãe ecoavam pelas paredes e perfuravam sua cabeça, já dolorida, como agulhas. Ansiosa, passou direto para os jardins, ainda estava enjoada demais para comer alguma coisa e encontrou sua mãe, que ralhava com uma empregada ao lado dela.

— Eu já disse, sua imunda! Coloque quatro rosas em cada enfeite! – Mizuki berrou, irritada e então percebeu a filha e dispensou a empregada. — Oh! Já acordada? Achei que ia dormir até mais tarde hoje! – ela abriu um sorriso enorme e abraçou Celebriant.

— Não consegui dormir. – ela disse, simplesmente, abraçando a mãe sem vontade.

— Eu imagino! Deve estar nervosa, afinal é seu grande dia!

— É... Isso mesmo mãe. – ela deu um sorriso nervoso e se afastou.

— Eu entendo como é isso, filha, mas verá que depois de casar-se com

Nicholas como esquecerá de nós! Vida de casada é maravilhosa!

— Pois é. – ela falou relutante. — Mãe, posso pedir uma coisa?

— Claro, querida, o que quiser!

— Eu queria que a Saori me ajudasse a pôr o vestido de noiva. – ela pediu, sentindo sua *Intueri* rugir de satisfação. — Eu sei que você adoraria fazer isso, mas Saori é minha dama de honra e eu queria que quando vocês me vissem fosse uma surpresa.

— Oh, não sei, Celebriant! – a mãe colocou a mão no ombro dela, pensativa. — Será que Saori vai conseguir te ajudar de forma apropriada?

— Claro, mãe, ela viu todas as provas do vestido com você. – ao ver que ela ainda pensava, Celebriant implorou.

— Por favor, mãe!

— Bom, se é isso que você quer, por que não? – a mãe deu de ombros. — Assim tenho mais tempo para me arrumar.

– disse ela, sorrindo. — Avise então Saori para ir junto com você nos rituais de preparação da noiva, assim ela tem mais tempo para te ajudar, certo?

— Certo. – Celebriant falou, ainda mais enjoada ao ouvir sobre os rituais. — Até mais tarde, então.

Entrou na casa e encostou-se na parede, sentindo as pernas tremerem e suas mãos suarem. Desse jeito ela não conseguiria. Estava apavorada demais e sentia que a cada instante alguém perceberia o que ela estava planejando e a entregaria, e tudo se perderia. Limpou as mãos suadas na calça e subiu as escadas, indo direto para o quarto onde a irmã estava na casa dos Moringan.

Saori estava sentada na cama, com um livro aberto em cima das pernas e nem percebeu que Celebriant entrou. Por alguns instantes, ela resolveu admirar a irmã. Ela estava mais alta e os olhos castanhos amendoados eram sérios. Seus cabelos pretos e longos caiam em cima do travesseiro. Ainda na porta do quarto, ela deu duas batidas leves e Saori deu um pulo, encarando-a.

— Posso entrar? – perguntou Celebriant, ainda na porta.

— Eu estava concentrada! – ela resmungou, fingindo irritação e ao vê-la

entrar murmurou. — E então?

— Nossa mãe pediu para você ir para ao preparatório comigo.

— Muito bem! – ela correu até a porta e a fechou. — Celi, temos que ser cautelosas, mas com certeza vamos conseguir!

Celebriant respirou fundo, olhou pela janela do quarto e se assustou ao ver o jardim todo pronto para seu casamento.

Perto dos fundos da casa estava sendo montado o altar e ela pode reconhecer César conversando com seu pai. Seu noivo estava um pouco mais afastado, mas parecia ter percebido que ela estava ali, pois não tirava os olhos da sua direção. Sentiu que ele pensava com todas as letras que aquela noite ele a teria e aquilo a deixou tão enjoada que fez com que ela caísse sentada na cama do quarto.

— Celi, você está bem?

Ela não estava bem, mas aquilo a animou. Não poderia suportar um casamento daqueles e nunca deixaria que Nicholas a tivesse. Já sabia o que fazer e sua *Intueri* berrava instruções na sua mente. Porém estava com medo. Apavorada, na verdade. O que ela ia fazer iria marcá-la para sempre e com certeza marcaria sua família. Não tinha mais desculpas agora.

Se ela realmente queria fazer um bem para si e para sua irmã, teria que criar coragem. Levantou-se, tentando encarar Saori com um olhar divertido.

— Vamos começar, então!

***

Celebriant estava maquiada e vestida de noiva e sua mãe não resistiu e foi até o quarto vê-la – como elas haviam imaginado que faria – e só não chorou de emoção porque também estava pronta para o casamento. Saori expulsou-a do quarto e mandou que seu pai viesse somente quando ela chamasse.

Finalmente, quando estavam somente as duas ali, ela encarou a irmã mais nova e sentiu seu corpo tremer de medo.

— Coragem, Celi. – a menina falou, ajudando a irmã a retirar o vestido de

noiva.

Finalmente chegara a hora que as duas haviam planejado durante dois dias. Fora pouco tempo para preparações, mas Saori mostrou-se excelente. Celebriant iria fugir para as Montanhas a cavalo, seguindo primeiramente para Eututre, o país vizinho, para então tentar encontrar o esconderijo dos Rebeldes como ela vira que tinha que fazer. Sentia-se bem ao pensar na fuga, sua *Intueri* fazia-lhe cócegas de felicidade ao se imaginar longe desse mundo que ela conhecia, mas mesmo sabendo que era aquilo que devia fazer, sentia um pavor sem igual. E se não conseguisse? E se a capturassem? Não podia nem pensar naquilo que suas pernas derretiam de medo.

Respirou fundo e sorriu ao ver-se sem o vestido de noiva.

Com roupas de frio e botas de neve, finalmente sairia daquela casa. Colocou o colar que Erik lhe dera no pescoço, pegou sua mochila e Saori segurou seu braço.

— Pronta? – ela perguntou, encarando a irmã com um olhar preocupado.

— Com certeza!

Saori usou seus dotes de *Speede* e desceu com a irmã as escadarias, saindo pela porta da frente. As duas seguiram até a estrebaria, onde seu cavalo estava selado, esperando-a. A irmã a ajudou a subir e pediu que confiasse nela, que simplesmente andasse para fora da propriedade e não seria notada. A bílis lhe subiu a garganta ao ver a irmã correr para fora e então fez seu cavalo andar. Ao passar pelos seguranças, eles não olharam para ela um instante sequer, como se Celebriant fosse invisível. Não compreendia o que Saori havia feito com eles, mas assim que passou pelos portões, fez seu cavalo correr.

Quase cinco minutos depois, as duas se encontraram na saída da cidade. Celebriant desceu do cavalo, sentindo seu coração martelar no peito, e abraçou sua pequena irmã.

— Vou sentir falta de você. – ela disse, preocupada.

— Eu já disse que volto te buscar. – Celebriant sorriu, dando um abraço apertado e um beijo na irmã. — Eu prometo.

— Eu acredito. – ela deu um meio sorriso e olhou para trás. — Eu vou... Tenho uma encenação pela frente. Tem certeza que vai ficar bem, Celi?

—Tenho. Agora vá!

Celebriant viu a irmã desaparecer em sua corrida e olhou a frente, para o caminho que deveria seguir. Agora que estava ali se sentia mais confiante. Apesar de seu coração ainda estar apertado pela morte de Erik e do pai dele, sabia que estava no caminho certo, então tentava não pensar muito no que viria no futuro. Menos apavorada, mas sentindo aquela sensação de urgência dominá-la, respirou fundo, passou a mão no peito, onde sabia que o colar de Erik estava, e subiu novamente em seu cavalo, pondo-se a andar.

***

Nicholas estava impaciente. Celebriant já deveria ter descido, e a única coisa que acontecera naquele meio tempo era que seu pai fora chamado pelo pai da noiva por algum motivo. Sentindo-se preocupado e irritado, resolveu que iria até lá em cima ver porque a noiva estava demorando tanto.

Entrou no quarto onde ela tinha ficado na mansão e todos os que estavam presentes o encararam em silêncio.

Sem compreender muito bem, viu que seu pai e seus futuros sogros estavam ali, parecendo preocupados.

— O que aconteceu? Onde está Celebriant?

— Não sabemos. Celebriant e Saori desapareceram e há sinal de luta no quarto, apesar de nossos seguranças não terem visto nada. – disse seu pai, sério.

— Como é? – ele rugiu, raivoso. — Ela desapareceu?

Nicholas sentiu tanto ódio de Celebriant que achava que não iria suportar. Mesmo não sabendo o que acontecera, sabia que, o que quer que ela estivesse fazendo, seria para provocá-lo. E ele não conseguia mais ser relevante com aquilo.

— E os seguranças não viram e nem ouviram nada?

— Não. – respondeu seu pai, parecendo tão contrariado quanto ele.

— São uns incompetentes! – ele grunhiu. — Onde estão os *Seeper*?

— Estão provavelmente lá fora, Nicholas.

— Eu vou atrás dela. – ele murmurou, arrancando a flor em sua lapela e atirando no chão.

— Nicholas, não seja precipitado! – dessa vez fora sua mãe, Yone, que falara.

— Isso é assunto meu. – ele encarou a mãe e a mulher deu um passo para trás, submissa.

E, sem dizer mais nada, dirigiu-se à saída da casa. Percebeu que logo que saiu do quarto seu pai começara a falar, mas não tinha interesse naquilo. Precisava encontrar aquela maldita *Intueri*. Um dos *Seeper* se aproximou ao vê-lo chamar e então ele mandou que achasse Celebriant. O poder *Seeper* não era tão significativo porque não poderia dar uma localização precisa da pessoa. Eles precisavam sentir o sangue dela, algo que naquele instante só podiam sentir *dentro* dela. Se ela se machucasse seria muito mais fácil de achar e Nicholas torcia por isso a cada instante. Onde quer que ela estivesse, que sofresse, pois ele estava sofrendo. O homem pareceu entrar em transe por alguns instantes e então lhe explicou que sentia uma presença há cinco quilômetros ao norte da casa dos Devoy, indo ao que parecia em direção ao país de Eututre.

Sem esperar, usou sua habilidade de *Speede*, não conseguindo nem pensar direito. Será que ela estava sendo mesmo sequestrada ou havia fugido? Não conseguia nem imaginar na hipótese de ela ter fugido com *alguém*. Só de a ideia passar por sua cabeça sentia seu sangue ferver, e, se fosse essa a verdade, sua Celebriant com certeza morreria naquela noite.

***

Celebriant sentiu uma aproximação muito rápida pela esquerda e parou seu cavalo, descendo instantaneamente.

Sua *Intueri* machucou-lhe o estômago e ela já sabia quem era, antes mesmo de reconhecer os cabelos negros. Nicholas parou em sua frente e olhava em volta, parecendo procurar alguém. Quando constatou que ela estava sozinha, encarou-a novamente. Ele estava com tanto ódio que a primeira coisa que ela fez foi deixar a mão livre, preparada para lutar. Nunca vira o noivo com aquela expressão... e naquele momento sentiu um frio no estômago que nada tinha a ver com sua *Intueri*. Então, o viu se aproximar lentamente, parando a meio metro dela.

— *Você!* – ele grunhiu, apontando o dedo em riste. — O que você está fazendo?

— Estou indo viajar, não percebeu? – ela sorriu cínica.

— É que eu resolvi ter uma lua de mel sozinha, Moringan.

— O que você quer? – ele grunhiu, crispando as mãos ao longo do corpo. — Provar o quanto é esperta? Morrer?

Celebriant sentiu o aviso de sua *Intueri* e antes de ver os olhos azuis de Nicholas ficarem vermelhos, lançou-lhe ondas de choque, fazendo com que ele a encarasse novamente, dessa vez parecendo cauteloso.

— Seus pais estão preocupados, Devoy! – ele falou, numa voz controlada, mas ela sabia que estava se segurando para não atacá-la. — Se queria mostrar aonde podia chegar, já mostrou! Agora, vamos voltar. – ele aproximou-se muito rápido e conseguiu agarrar seu braço.

Seu braço se encheu de fagulhas, mas dessa vez Nicholas não soltou, e então ela fez com que ele se enchesse de fogo, obrigando que o noivo a soltasse, mas foi por apenas alguns segundos. Sua *Intueri* avisou e ela abaixou-se, pois Nicholas tentara socá-la. Sentindo seu poder de *Kassan* subir-lhe a coluna, jogou uma bola de fogo nele, que se desviou e ergueu os braços em sinal de paz.

— Eu não quero brigar com você, Celebriant. – ele propôs um pouco ofegante. — Vamos para casa, meu amor, para nossa casa! – ele olhou para ela com um olhar suplicante, um olhar desejoso, algo que a fez sentir enjôos só de ver. — Eu entendi, você queria me provocar, mostrar que estava certa e eu

compreendo. Mas agora vamos voltar. Certo?

Celebriant encarou Nicholas e, sem conseguir se segurar começou a gargalhar. Apesar de saber que aquilo somente enfureceria o homem, não estava preocupada. Não precisava mais fingir ser alguém que não era, fingir que não se importava de passar o resto da vida ao lado daquele garoto mimado. Ela podia agora ser quem ela era e dizer o que realmente sentia.

— Eu nunca voltaria para aquela casa! – ela desdenhou, encarando-o com um sorriso maldoso no rosto. — E principalmente, eu nunca me casaria com você, nem que fosse a última opção que eu tivesse!

— Estou lhe avisando... – ele continuou a encarando com ódio. — Você vai se arrepender disso, Devoy!

— E o que você pensa em fazer para me levar daqui? Me arrastar pelos cabelos? Seu poderzinho não funciona e sabe que se tentar me levar pela força, eu não vou me conter. – ela deu uma risada e aproximou-se, em pose de luta. — Saiba que eu nunca me casaria com você, Moringan, mesmo que eu fosse me tornar uma Oculta! Eu nunca conseguiria olhar nessa sua cara mal encarada, *pirralho*!

Tudo foi tão rápido que ela agiu por instinto. Percebeu que seu cavalo se afastou e então, Nicholas atacou, jogando alguns golpes que ela nunca tinha visto, mas que conseguiu desviar graças a sua *Intueri*. Jogou sua bolsa em um canto mais afastado enquanto lutava. Quanto mais ele atacava, mais ela revidava, e sabia que aquilo não acabaria. Ele só pararia ou quando a manipulasse e pudesse levá-la para casa, ou quando a matasse. E como ele sabia que ela não voltaria, a intenção de matá-la estava deixando-a com problemas.

— Não consegue receber um não, noivinho? – ela o provocou, sentindo-se bem com isso.

— Você está morta! – ele berrou, perdendo totalmente o controle.

Nunca havia lutado tão fervorosamente com ele, e sempre estivera certa que ganharia, mas já não tinha mais essa certeza. Por alguma razão, ele estava muito forte.

Provavelmente porque estava com muito ódio e isso era culpa dela e suas provocações baratas. Em instantes, ele acertou o ombro dela e sem perceber, Celebriant estava no chão.

Levantou os braços em forma de cruz, para se proteger, mas para seu assombro, Nicholas estava parado em pé no meio da neve pálida sem mexer um músculo. Um vento que anunciava tempestade começou a bater, e ela não conseguia olhar direito para seu ex-noivo. Sem compreender muito bem, ela encarou-o, procurando algum sinal de vida. Estava respirando, sim, mas parecia em outro mundo. Levantou-se e o que viu a fez dar um passo para trás de susto.

Saori estava atrás dele, com os olhos vermelhos, visivelmente usando *Imperi* em Nicholas. Encarou a irmã mais nova, mas ela não tirava os olhos do cérebro do seu ex-noivo.

— Saori? – sussurrou, chocada.

— Celi, o que você ainda está fazendo aqui? – a voz dela saiu estranha, mas preocupada. **— Corra!**

— Mas o que..

— Sem explicações agora, Celi! Vai, anda, antes que os outros te alcancem! Você tem que fugir! Prometo-lhe explicar tudo depois!

Sem perder tempo, mas ainda assustada, pegou sua bolsa que largara a alguns metros, subiu em seu cavalo e correu. A noite já havia caído por completo, sua visão limitando-se a luz da noite, pois a neve não parava de cair. Uma tempestade muito feia se aproximava e Celebriant começou a se preocupar. Após quase meia hora de cavalgada na escuridão, reduziu o ritmo, senão o pobre cavalo não aguentaria.

As nuvens no céu começaram a escurecer cada vez mais, deixando tudo tão difícil de enxergar que ela teve que fazer o cavalo andar muito devagar. Precisava encontrar um lugar para ficar quando a tempestade desabasse, o que não demoraria a acontecer. Estava cavalgando havia quase uma hora quando sentiu que devia parar. Deu um pouco de água e comida para seu cavalo e, então, pegou uma tocha seca que havia feito em casa e a acendeu, iluminando um

pouco onde estava. À sua frente havia um precipício, que não parecia ter fim. O pior era que se estendia por alguns quilômetros dos dois lados e ela não tinha idéia de como prosseguir. De súbito, sentiu um vento morno soprar-lhe no ouvido e percebeu que, alguns metros longe dela havia um caminho. Sabendo que era ali que devia ir, resolveu que, antes de entrar, iria deixar algo para Nicholas.

Pegou alguns pertences a mais que colocara na mochila porque tinha sonhado com aquilo, e começou o trabalho.

Sabia que aquilo poderia ajudar, então havia trazido duas mochilas, uma para armar seu plano e outra para carregar seus mantimentos e do cavalo. Apesar de não achar que resolveria por muito tempo, aquilo distrairia Nicholas e era provável que ele pensasse que ela tinha caído no precipício. Cortou seu braço também, manchando tudo o que podia com seu sangue.

Aquilo distrairia os *Seepers*, principalmente, pois o cheiro do seu sangue ali seria tão grande que até eles reencontrarem seu rastro demoraria um pouco. Rasgou então alguns pedaços de roupa com uma faca e prendeu-os na borda do precipício e, sem pensar duas vezes, jogou sua mochila extra (manchada com seu sangue) no buraco escuro. Ouviu alguns minutos depois que ela havia alcançado o fundo, e então pegou um dos pedaços de roupa e amarrou no corte para fazê-lo parar de sangrar.

Sentindo que deveria se apressar, desceu com o cavalo pelo caminho não tão estreito e íngreme, segurando-se nas bordas. Parecia ser um caminho usado regularmente, pois era relativamente fácil de descer. Quando estava quase alcançando o fundo do precipício, percebeu que ali tinha uma pequena caverna onde os dois poderiam ficar enquanto a tempestade caísse. Com a tocha em mãos, enrolou-se no casaco e se esquentou. Assim que tinha se acomodado, a tempestade caiu. Era tanta neve que ela não conseguia nem olhar para fora de onde estava, e, sentindo o cansaço invadi-la, caiu em um sono inquieto.

***

Nicholas abriu os olhos e viu o rosto de seu pai. Sem compreender muito bem, percebeu que estava deitado em sua cama e que tinha mais alguém, provavelmente um médico, conversando com ele.

— O que está acontecendo? – ele resmungou, sentindo sua cabeça arder.

— Filho! – sua mãe apareceu, parecendo preocupada.

— Está bem?

Sem nem responder à mãe, Nicholas se levantou e olhou em volta. Estava em seu quarto na mansão dos Moringan, e não compreendia como havia chegado ali. Lembrava alguma coisa sobre Celebriant, mas também não tinha certeza do quê.

— Acharam Celebriant? – perguntou ele, fazendo com que seu pai o encarasse.

— Não. Mandaremos uma equipe de busca amanhã, Nicholas.

— Amanhã? – ele grunhiu, irritado. — Como assim?

— Temos uma tempestade de neve nunca vista por aqui e ao que parece ela continuou seguindo para Eututre, então nossos colegas irão fazer uma busca assim que receberem o recado... O que pode demorar a chegar com essa tempestade.

Nicholas saiu debaixo das cobertas com um pulo e correu até a janela para verificar se a tempestade estava mesmo tão forte assim. Ao perceber que não conseguia enxergar nada graças à força da tempestade ele bufou, mas não falou mais nada. Realmente a tempestade estava destruindo Lander de uma maneira que ele nunca tinha visto antes e, daquela forma, não conseguiriam nem sair de casa.

— Como eu cheguei aqui? – ele perguntou ao pai, que o encarou estranhamente.

— Andando. Você não conseguiu encontrar Celebriant e viu que a tempestade se aproximava... – o pai se aproximou ao ver a expressão do filho. — Não lembra?

— Está tudo meio embaçado... – ele falou, sentindo-se preocupado. — Eu

não me lembro de muita coisa. Por que esse médico está aqui? Por minha causa?

— Não... A menina mais nova dos Devoy passou mal...

Parece que tentou achar a irmã e se perdeu no meio da tempestade, mas agora está bem.

— E como eu vim parar na cama?

— Você disse que ia descansar, não lembra? – o pai pareceu preocupado e aproximou-se do filho. — Está tudo bem mesmo, Nicholas? Sei que foi um grande choque para você.

— Só ficarei bem quando eu encontrar a Celebriant, viva ou morta. – grunhiu.

Sem se importar com o olhar preocupado do pai, Nicholas grudou a testa na janela e resolveu ficar olhando a tempestade.

Não compreendia muito bem o que tinha acontecido e tinha vagas lembranças em sua mente de ter visto Celebriant e inclusive lutado com ela, mas agora isso não importava mais.

Do jeito que a neve caía lá fora até ela deveria estar escondida, onde quer que estivesse.

XIII
A fúria do Imperador

SENTIU UMA DOR EM PONTADA NAS COSTAS e levantou-se, assustada. Havia dormido em cima de uma pedra, e, graças a isso, estava toda dolorida. O sol apontava no horizonte, e a neve ainda caía, apesar de mais fraca.

Definitivamente Celebriant havia dormido demais. Quando adormecera estava pensando em ficar acordada, esperando a neve parar, mas agora havia perdido muito tempo.

Comeu rapidamente algo antes de sair da caverna onde estava e então se pôs a subir a estrada que levava ao outro lado do penhasco, puxando o cavalo pelos arreios, que também era largo e de fácil utilização. Mesmo que deixasse rastros, a neve ainda caía e, com certeza, seus passos seriam apagados.

Colocou o capuz de lã e seguiu pelo caminho totalmente branco. A ideia era chegar até próximo de Eututre, há quase oitenta quilômetros dali e então seguir em direção ao esconderijo dos Rebeldes que viu em sua visão. Se fizesse um esforço conseguiria fazer aquilo ainda naquela semana, então subiu em seu cavalo e se pôs a cavalgar. O tempo era curto quando os Ocultos a procuravam por todo o lugar.

***

No dia seguinte, assim que a tempestade de neve se acalmou – embora não houvesse evidência que pararia tão cedo, começaram as buscas pela Oculta desaparecida. Nicholas foi junto com seu pai e os *Seeper* que, apesar de afirmarem que sentiram algo há mais ou menos oito quilômetros da onde estava, era quase a mesma informação que falaram na noite anterior.

Nicholas ainda estava coberto de ódio por Celebriant. O que tinha passado

pela cabeça dela em ir embora? Será que ela não percebia que mesmo fugindo, um dia seria encontrada?

Não compreendia muito bem o que se passava na cabeça de sua noiva, mas alguma coisa lhe dizia que ele estava perdendo algo naquela história, pois ele não conseguia se conformar por não ter conseguido torná-la *dele*.

Ainda não se lembrava como chegara a casa. Lembrava-se perfeitamente do ódio que sentiu quando descobriu que Celebriant havia fugido e de como correu com toda sua força assim que o *Seeper* lhe dera a informação da direção, mas depois disso tudo em sua memória virava um borrão. Sabia que Celebriant não poderia ter feito qualquer coisa com ele a não ser machucá-lo fisicamente ou se desviar de seus golpes, mas algo lhe dizia que aquele lapso em sua memória era culpa dela.

Levaram quase o dia inteiro para encontrar o local que eles procuravam, pois a tempestade de neve piorava a cada instante. Sentindo-se confiante, Nicholas aproximou-se da borda de um precipício. Ali em cima, os *Seeper* encontraram alguns pedaços de roupas e, lá no fundo, a mochila de Celebriant.

Nicholas decidiu descer também e verificar por conta própria o que havia lá embaixo. Estava tudo escuro e mesmo com a luz da tocha que carregavam não era suficiente para iluminar todo o local. Reparou, então, que havia um pequeno espaço entre as pedras, que poderia perfeitamente ser usado como abrigo, onde havia um pouco de sangue no chão.

Seguindo um caminho que levava ao outro lado do precipício, sentiu-se temeroso. Se ela estivesse machucada, mas ainda fugindo, teria conseguido escapar da tempestade? Algo dentro dele queria que ela estivesse viva e bem, apesar de que o outro lado desejava que morresse de uma forma muito dolorosa.

Não sabia ao certo o que sentia, e suspirando, percebeu que a noiva não tinha parado um instante sequer desde que saíra de casa. Sentindo seu ódio crescer-lhe pela espinha, desceu para o precipício e voltou para a borda do outro lado, caminhando até seu pai.

— Um dos *Seeper* tem certeza que ela caiu no precipício. – o pai dele falou,

encarando o filho com preocupação. — O que você viu por lá?

— Parece que ela realmente caiu, mas ficou algum tempo numa pequena caverna lá embaixo. Havia uma tocha apagada e um pouco de sangue.

— E para onde ela foi?

— Não tenho certeza, mas tem um caminho que segue para o outro lado do precipício e por onde pretendo seguir.

Como se para fazê-lo sentir-se pior, as nuvens no céu começaram a escurecer, trazendo aquele ar de tempestade.

Suas vestes começaram a balançar fortemente no vento, fazendo com que o frio aumentasse. Tremendo, ele grunhiu irritado, quando ouviu seu pai chamar os homens para irem embora. Pelo jeito, cairia outra tempestade aquela noite e Nicholas sentia-se cada vez menos confiante e com mais ódio, se aquilo fosse possível. Pensou que, se continuasse daquele jeito, nunca encontrariam Celebriant, viva ou morta.

Dez dias depois

Celebriant acariciou o lombo do cavalo, que bufava com o cansaço. Suas provisões estavam acabando e, consequentemente, as do cavalo também. Depois de viajar por dez dias, ele estava terrivelmente cansado. Os dois paravam para descansar sempre que avançar se tornava uma tortura, e ultimamente o tempo de descanso havia aumentado consideravelmente. O pobre cavalo não estava acostumado a caminhar pela neve, e mais de dez dias era algo que estava chegando a seu limite.

Já era noite quando pôde ver, ao longe, uma vila. Assim que chegou perto o suficiente, percebeu que pertencia ao país de Eututre, graças às pequenas bandeiras que balançavam com o vento. As tochas estavam iluminando a entrada para a vila, e, sem pensar muito bem, cavalgou naquela direção. Sentindo-se mais animada, viu que a pequena vila estava praticamente vazia. Cobriu a cabeça com o capuz e aproximou-se do que parecia ser uma pequena estalagem.

Sabia pouco sobre as pessoas de Eututre, mas não viviam muitas pessoas por ali, pois era o país mais frio que eles tinham. Sua capital, Nobe, era mais populosa, mas bem afastada das Montanhas, ao contrário de Lander. Entretanto, se comparada a qualquer outro país, sua população era quase insignificante.

Sentiu que não seria reconhecida e aproximou-se da estalagem. O homem estava tão cheio de roupas quanto ela, e pareceu curioso sobre sua chegada. Ela não falou nada em especial e pediu um quarto, pagando o quanto foi pedido, mas fazendo com que ele ouvisse sua reclamação sobre o valor de um pequeno quarto. Levou seu cavalo ao estábulo, onde havia comida e água e era muito aconchegante. Logo o cavalo nem se lembraria mais do que era o frio, portanto era a vez dela de se esquentar. Comeu uma refeição, a mais simples de todas, e deitou em sua cama na estalagem, tentando dormir um pouco.

Acordou de súbito com algo zunindo em sua cabeça. Ha- via *Seepers* por ali e estavam muito perto. Precisava ir embora naquele instante e uma inspiração veio instantaneamente.

Desceu as escadas e pediu ao dono da estalagem mais comida para a viagem, pois ela partiria pela manhã. Pagando tudo com uma feição de desgosto, subiu aos seu quarto e arrumou sua mochila. Assim que conseguiu, esgueirou-se para fora do lugar sem ser percebida e correu até seu cavalo.

Apesar de ele ter lhe ajudado muito, já não podia mais carregá-lo com ela. Tinha um pouco de receio, pois não sabia como seria recepcionada no esconderijo dos Rebeldes ou como era o lugar em si, mas sabia que deveria continuar a pé e sozinha. Não estava tão longe assim. E o cavalo ficaria naquele pequeno conforto, que logo viriam buscá-lo. E encontrariam uma bela surpresa.

***

Os dias que se seguiram ao desaparecimento de Celebriant foram ainda mais frustrantes para Nicholas. Os *Seepers* não conseguiram achar nenhum rastro dela graças as várias tempestades de neve, mas sua esperança reapareceu quando lhe

informaram que sentiram sua presença em uma vila em Eututre. As notícias demoraram dois dias para chegar, mas o que eles trouxeram fez com que Nicholas não soubesse o que fazer: Celebriant estava morta.

De acordo com o dono da estalagem da vila, uma moça deu entrada com um cavalo havia dois dias. Ela passara a noite e avisou que sairia no dia seguinte. No meio da noite, porém, ela saíra com seu cavalo, sem avisar ninguém. No outro dia, o cavalo foi visto andando pelas redondezas e estava como ele descreveu coberto de sangue, que foi confirmado como sendo o sangue de Celebriant.

Eles ainda tentaram encontrar o corpo, mas saber exatamente onde ele estava seria impossível. Escavar toda a neve daquela região, com duas camadas pós-tempestade cobrindo-a seria como achar uma agulha no palheiro. Até localizaram um rastro de sangue perto de uma cadeia de pequenas montanhas, mas não puderam prosseguir, pois as tempestades naquela região estavam muito mais fortes que as dali. Portanto, só havia uma notícia naquela história toda: nunca mais veria sua noiva viva.

Aquilo o chocara mais do que ele queria admitir. Desejara tanto aquela mulher como esposa que não sabia mais o que faria. Passara cinco anos noivo dela, cinco anos alimentando um desejo que ele não chamava de amor, pois isso era coisa para os fracos – e não poderia saciá-lo. Uma onda de ódio se apossou dele e sem pensar muito bem, começou a bater na primeira pessoa que encontrou. Estava com tanto ódio que não conseguia enxergar nada, além da vontade de destruir tudo o que encontrasse, sentindo cada pedacinho dele doer por dentro. Queria que, se fosse para ela morrer, que fosse ele quem a matasse, mas não assim, sem ele ter vencido.

Sentiu duas mãos fortes o segurarem e parou, bufando.

Seus seguranças o prendiam com força e percebeu que alguns criados e dois *Seeper* estavam no chão, inconscientes. Respirou fundo e fez um sinal para seus seguranças, que o soltaram, mas não se afastaram. Ouviu seu pai mandando os homens para o hospital e dispensou os que não haviam sido machucados, encerrando finalmente a busca. Não iriam buscar um corpo, pois mesmo sendo

isso que ele desejara aquele corpo não tinha mais vida. Não era mais a irritante da noiva dele, e sim um pedaço de carne congelada. Naquele instante, ele estava se sentindo um lixo. Resolveu então, que iria com seu pai avisar aos Devoy sobre a morte da primogênita deles e se eles quisessem, poderiam fazer um enterro simbólico, mas Nicholas não iria participar. Estava convicto em destruir qualquer ligação que tinha com a filha mais velha dos Devoy.

Dois dias depois

Celebriant nunca sentira tanto frio em toda sua vida. Sua boca não parava de bater. Seu corpo tremia tanto que mal conseguia andar, e sabia que naquela noite não conseguiria dormir com tanto frio, apesar de estar usando todas as roupas que tinha e mais um cobertor que havia roubado da estalagem.

Achava que, naquele instante, conseguia compreender o que as pessoas sem casa passavam.

Havia caminhado muito naqueles dois dias, sem parar, e tão logo a noite chegou, chegou também uma nova tempestade. Ali não havia uma caverna para que ela pudesse se proteger da neve, mas grandes pedras que pareciam ter caído de cima das montanhas. A paisagem não passava de neve pura, e, com toda aquela tempestade, ela não conseguia enxergar um palmo a frente. As pedras a protegiam parcialmente do vento, mas o frio continuava intenso.

Sua ideia parecia ter tido efeito: não sentira mais a presença dos *Seeper*, e algo lhe dizia que não sentiria mais. A ideia fora um tanto tola de início, mas como o poder dos *Seeper* se baseia no sangue resolveu deixar parte dela ali, e quem sabe, com sorte a dariam por morta. Grande parte do sangue era de um pequeno animal que encontrara nas redondezas e o resto era dela. Uma ideia genial, pois com certeza eles só sentiriam o cheiro do seu sangue, e, consequentemente, não imaginariam alguém que perdesse tanto sangue na neve poderia sobreviver. De qualquer forma, agora estava ali, mais próxima do seu destino do que nunca.

Olhou dentro da sua mochila e suspirou, preocupada.

Teria que chegar ao esconderijo dos Rebeldes o mais rápido possível, ou ficaria sem comida. O que tinha dava para mais uma refeição muito fraca, e sua água estava congelada. Havia comido um pouco de neve para saciar sua sede, mas não conseguia colocar algo tão gelado em sua boca. Pensara que conseguiria achar o caminho para o esconderijo dos Rebeldes naquela noite, mas não sabia exatamente quanto faltava para alcançar seu destino, pois a tempestade dificultava sua visão.

Agora que estava ali, com fome, frio e sede, sentia-se muito injustiçada. Por que ela tinha que nascer com dois poderes tão opostos? Não que não gostasse dos seus poderes, mas ter os dois sempre se chocando um contra o outro era difícil de aguentar, e, no fim, fora por causa disso que abandonara sua vida inteira e se aventurara naquele caminho.

Ela devia estar maluca quando resolveu largar tudo, apenas confiando que saberia achar o caminho. Tinha o mapa inteiro em sua mente, mas ao ver aquele monte de neve e sentir seus ossos gelarem com o frio, não conseguia perceber qual era o caminho que deveria seguir. Não conseguia se concentrar o suficiente em sua *Intueri*, apesar de volta e meia ela estalar e mostrar o caminho a seguir. Pelos seus cálculos, devia estar muito próxima do esconderijo e precisava encontrá-lo o quanto antes. O único problema era saber se teria forças para aguentar mais um dia de caminhada constante, sem água e com pouquíssima comida.

Quando estava achando que a noite não teria mais fim, sentindo-se exausta e cansada, viu que a luz do sol começara a brilhar por trás das nuvens escuras. Aos poucos a tempestade foi se acalmando, dando lugar ao sol brilhante e ao céu com nuvens esparsas. Apesar de estar do lado das Montanhas, ainda precisava caminhar. Obrigou-se a levantar, mas caiu novamente no chão. Suas pernas tremiam demais, sentia um frio muito grande, apesar de estar agasalhada. Era como se o vento atravessasse seu casaco e congelasse sua pele, e então percebeu que suas mãos estavam arroxeadas, duras e também tremiam. Respirou fundo e

conseguiu se colocar de pé. Obrigando-se a continuar, recomeçou a caminhada, tremendo.

Já havia caminhado pelo que aparentaram horas. O sol não esquentava nada e já havia desaparecido entre as nuvens.

Os tremores pareciam ter desaparecido – provavelmente porque ela estava se movimentando – mas o frio continuava ali, fazendo-a sentir-se uma pedra de gelo. Apesar disso, começara a perceber que seus músculos estavam começando irremediavelmente a travar e, aos poucos, seu cérebro estava falhando. Já não compreendia muito bem onde estava indo, apesar de suas pernas continuarem a caminhar. As lembranças começaram a ficar confusas em sua mente...

Onde estava indo mesmo?

O sol começou a sumir atrás da montanha e Celebriant estava tão sonolenta e abatida que não conseguia pensar. Já não se lembrava para onde deveria ir, nem o que tinha de tão importante para fazer quando chegasse, e, de repente, perdeu o movimento das pernas, caindo na neve. Olhou para frente e viu as Montanhas Azuis, imponentes e deu um sorriso perdido, sem saber exatamente por que. Sentiu-se totalmente sem forças. Não conseguia mover seus músculos e uma pressão no peito não a deixava respirar direito. Parecia que as montanhas tinham ganhado a batalha e Celebriant, finalmente, poderia descansar em paz.

***

Os Devoy estavam no cemitério da cidade de Lander, velando um caixão vazio. Não havia mais nenhum Oculto ali.

Nem Nicholas havia comparecido e Lune sentia-se bem com aquilo. Sua irmã, aquela que roubara sua vida, estava morta.

Aquilo era o que ela chamava de merecimento. Celebriant merecia ter morrido do jeito que morreu e naquele momento sentia-se feliz. Não tinham mais escolha, pois ela era a única *Kassan* além de seus pais.

Olhou para sua mãe e seu pai, que encaravam o caixão com uma tristeza fria. Era óbvio que eles odiaram a notícia que, ao que parecia, sua filha mais velha

fugira no dia do casamento com o filho dos Moringan, sozinha, e então morrera por isso. Eles estavam odiando a primogênita e com certeza desejando que ela estivesse sofrendo muito naquele instante. A única ali que realmente parecia sentida pela morte de Celebriant era Saori.

A menina estava inconsolável. Quando Nicholas Moringan anunciou que Celebriant estava morta, Saori entrou em choque. Sabia que a irmã mais nova era totalmente grudada na irmã mais velha e ao ver o desespero da pequena, ficou com um pouco de inveja. O que Celebriant tinha demais que inspirava aquele tipo de reação nas pessoas? Até mesmo Nicholas, que sempre parecera uma pedra de gelo, estava com um olhar parecido com o de seus pais quando contou que sua noiva havia morrido. Como se ele realmente tivesse perdido algo. Aquilo estava errado! Ela só era uma desprezível *Intueri* Aquela com um poder a mais e inútil e a quem todos faziam cena quando a viam, pois ter dois poderes era incrível! Como se realmente fosse incrível ter um poder que não ajudava em nada e não tinha utilidade em uma batalha. Ser uma *Kassan* era o que importava, e Lune agora era a única das filhas dos Devoy a ter esse poder.

Lune sabia que seria muito difícil os Moringan perdoarem seus pais por sua filha fugir. Sabia que eles apelariam para o Imperador, e ele, sem clemência, destruiria os Devoy.

Apesar disso, Lune tinha um plano. Seus pais poderiam afundar, ela não se importava. Eles a largaram há cinco anos, quando Celebriant desenvolveu seu poder de *Kassan*. Não, eles não mereciam ser ajudados. Sua confiança em Celebriant deveria ser paga com as devidas consequências. Lune é que não pagaria pelo erro de outros. Havia recebido a marca dos Ocultos logo depois de Celebriant, pois era uma ótima *Kassan*, mas nunca se destacara tanto graças à sua irmã. A partir daquele instante não teria mais alguém para roubar-lhe o trono.

Assim que o enterro terminou, pediu a sua mãe se poderia ficar algum tempo sozinha e ela lhe indicou uma carruagem negra, mas não falou nada. Parecia indiferente agora que seu sonho de ser uma grande Oculta reconhecida havia morrido. Sentindo-se muito feliz, Lune entrou na carruagem e pediu que a

levassem à casa dos Moringan, onde com certeza encontraria quem procurava.

Ao chegar, foi recepcionada pelo criado e então perguntou se poderia falar com Nicholas.

O ex-noivo de Celebriant desceu as escadarias com um ar cansado e abatido, mas com o mesmo olhar frio e superior que sempre tivera. Quando viu quem era que o esperava, deu um sorriso cínico.

— Ora, ora, se não é uma das Devoy.

Lune apenas o cumprimentou com um aceno de cabeça, mantendo-a erguida.

— Não adianta implorar por perdão, garota, isso não diz respeito somente a mim! – ele disse, como se soubesse de tudo o que acontecia.

— Não vim aqui para *implorar*. – ela deu uma risada, fazendo-o encará-la. — Ao contrário, tenho uma proposta.

— Uma proposta? – ele levantou a sobrancelha, curioso.

— O que alguém como você poderia oferecer?

— O poder de *Kassan*. – ela aproximou-se, dando um sorriso cínico. — Que eu possuo, aliás, mais desenvolvido do que qualquer pessoa da nossa família, e, inclusive, bem maior do que a falecida Celebriant.

— Não fale dela nessa casa! – ele grunhiu, irritado.

— Com certeza não falarei. Falar dela é igual falar de lixo.

Lune percebeu que Nicholas ficara incomodado com o que ela dissera da irmã, mas não disse nada, apenas continuou a encarando com ar de deboche.

— Você está totalmente para baixo agora, Moringan.

– Lune colocou em palavras o que ele não queria admitir, mandando-lhe o mesmo olhar de deboche. — Agora você perdeu sua noiva no dia do casamento e, adivinhe só, porque ela fugiu de você!

— Ninguém vai saber disso! – ele sussurrou em tom de ameaça. — Ela morreu e só!

— Oh, eu sei disso, mas as pessoas já estão comentando. – ela caminhou até ele lentamente, se aproximando como uma cobra. — Entre nós, os Ocultos, todos sabem... O pobre Moringan perdeu a esposa no dia do casamento, e então

surgem os boatos, que podem ser muito piores do que a verdade propriamente dita.

— Aonde quer chegar, Devoy? – ele perguntou, parecendo muito nervoso.

— Na minha proposta. Estou apenas mostrando o quão frágil está sua reputação agora, com todo esse escândalo. – ela deu um sorriso terrível e voltou para onde estava de início.

— E não fique pensando que as pessoas de classes mais baixas, ou qualquer classe não saberão o que aconteceu.

— Não que sua situação esteja muito boa, não é? – ele falou, tentando atingi-la.

— Não está mesmo. – ela concordou, fazendo o homem encará-la com desconfiança. — Nenhum de nós tem culpa daquela miserável ser uma idiota como ela sempre foi. Agora nós dois vamos pagar por algo que ela fez e convenhamos, isso não é nem um pouco *justo*.

— E o que sugere então? – ele perguntou, aproximando-se mais dela, curioso.

— O que nós dois precisamos é nos unir. – deu um sorriso, sentindo seus olhos brilharem. — Eu estou aqui propondo que nos casemos. Não como reais namorados, por amor e toda aquela baboseira, mas por real conveniência. Não vê que o que o Imperador mais queria era o poder de *Kassan* dentro dos Ocultos? Queria unir você e uma *Kassan*...

E a única *Kassan* disponível sou eu, muito mais inteligente e prática que minha irmã.

— Casamento? – ele falou a palavra como se fosse um monstro.

— Sei que está escaldado com essa palavra, mas pense por um minuto que nada foi por água abaixo! Podemos ser grandes, Moringan! Podemos sim nos unir e destruirmos os Rebeldes e todos aqueles que se colocarem contra nós! – ao ver que ele não parecia muito convencido, se concentrou e sorriu. — Se você achava que Celebriant tinha um poder de *Kassan* forte, é porque não viu ainda o *meu* poder!

Lune se concentrou mais ainda e sentiu a serpente de fogo percorrer suas costas e, com um impulso, seu corpo se esquentou num calor maravilhoso. Abriu os olhos para Nicholas e deu um sorriso cínico. Seu corpo inteiro ardia em chamas, e, em volta dela, pequenas serpentes de fogo brincavam com o ar, fazendo-o estalar. Concentrou-se um pouco mais e sentiu labaredas se unirem com uma eletricidade incrível. O que Celebriant sabia sobre usar realmente o poder de *Kassan*? Ela sim é que aprendera tudo o que poderia sobre seu poder, e sabia que conseguiria deixá-lo invencível. Era

somente uma questão de tempo. Abaixou então tudo e, em um segundo, tudo desapareceu, e apenas a serpente de calor percorria suas costas, animada.

Nicholas encarou-a com olhos ávidos e pareceu pensar alguns minutos antes de falar com ela.

— Isso parece uma proposta razoável, Devoy. – ele falou, pigarreando. — Eu... Eu vou estudá-la com o Imperador, e, se ela for aceita, você será avisada.

E, sem dizer mais nada, ele virou-se e subiu as escadarias novamente. Sentindo o poder de *Kassan* subir-lhe as costas de satisfação, deu um sorriso triunfante. Conseguira. Tinha certeza que Nicholas compreendera e, logo, seria uma Moringan, com todo o poder que aquele nome trazia. Se isso houvesse acontecido desde o princípio, todos aqueles problemas com sua irmã inútil seriam evitados. Mas agora não havia mais Celebriant e sentiu que podia gargalhar de felicidade.

***

O Imperador estava no seu escritório em sua mansão, sentindo ódio como nunca sentira antes. Nunca tivera problemas com seus planos, pois eles sempre corriam da forma como ele queria. Sempre que desejava algo era prontamente atendido e aquela falha ele não poderia aceitar. Como aquilo havia acontecido? Como Celebriant havia escapado de seus planos daquela forma tão terrível? Como ela arruinara seus planos e o futuro de seu sucessor? Era como um ataque

à sua própria pessoa! Ainda não conseguia acreditar.

A junção dos *Kassan* nos Ocultos estava comprometida.

Além disso, perdera algo mais, pois Celebriant tinha *Intueri*. Alguém que já era do lado correto e não precisava ser forçado a cooperar. Ela com certeza seria de exímia importância nos seus planos, pois tinha esse poder especial. Com irritação, olhou para as pinturas em sua sala, de seus antepassados. Ainda não compreendia porque eles odiavam tanto os *Intueri*, pois o que ele via era um mar de possibilidades. Tudo o que um *Intueri* podia oferecer! O futuro estava em suas visões e o presente eles manejavam com extrema certeza. Quando perdera o prisioneiro na casa dos Moringan não se sentiu preocupado. Celebriant seria seu guia, e obedeceria sem pestanejar, portanto não precisaria mais de *vermes* como os Rebeldes para ajudá-lo. Com a ajuda de Celebriant, os Rebeldes seriam exterminados, seus passos seriam antecipados e eles não poderiam nem reagir. Mas agora seus planos foram todos frustrados. Não tinha mais Celebriant e nem o velho prisioneiro. Estava sem um *Intueri*, pois todos os inúteis Rebeldes capturados nos últimos tempos a pedido dele não tinham esse poder. O Imperador estava furioso e frustrado.

Com uma batida leve na porta, viu Nicholas entrar em seu escritório. O garoto parecia abatido e mais magro, mas sempre mantinha o olhar frio e duro, como deve ser o herdeiro do Imperador. Se não fosse aquele garoto, com certeza teria problemas em achar um sucessor. Já tentara em várias mulheres, mas nunca conseguira um e o filho dos Moringan tinha grandes chances de se tornar um perfeito Imperador, assim como ele era, pois também tinha seu sangue, o antigo sangue dos *Imperi*.

— Senhor. – ele falou, fazendo uma reverência e sentando-se na cadeira em frente ao Imperador.

— Boa tarde, meu jovem. A que devo a honra de sua presença aqui?

— Senhor, tenho um assunto para tratar. – ele pareceu respirar fundo e encarou o Imperador. — Hoje de manhã Lune Devoy veio conversar comigo.

— A filha do meio dos Devoy?

O Imperador estava surpreso. Que garota mais audaciosa!

— Sim, essa mesma. É a única que tem o poder de *Kassan* das duas que sobraram e ela... Bom... Ela me fez uma proposta.

— Uma proposta? – o Imperador aproximou-se mais da mesa, curioso. — Que tipo de proposta alguém com a família desgraçada pode fazer?

— Sei que não está aprovando o que... Aconteceu e não pense que estou feliz com essa situação também. – ele pareceu querer desculpar-se e o Imperador diminuiu sua expressão feroz.

Ele sabia que Nicholas sofrera com a morte de Celebriant mais do que queria admitir e percebeu que sua fúria estava afetando-o naquele instante.

— O que ela propôs Nicholas? – falou mais pausado e com uma calma invejável.

— Um casamento de negócios.

Casamento? O Imperador encarou Nicholas com seu olhar crítico e deu um sorriso. Parecia que a menina era mesmo esperta e havia fisgado seu sucessor direitinho!

— Não que eu queira ela, se é que me compreende –

Nicholas falou, balançando a cabeça com um ar enojado.

— Apenas digo que minha reputação não está nada boa com essa história toda e a dela também não. Tudo isso é culpa dos Devoy, sim, mas Lune sempre foi mais inteligente e forte do que Celebriant. E eu vi isso hoje, senhor! – os olhos dele brilharam ao falar esta última informação.

— Você viu? – perguntou curioso.

— Sim! O que ela fez... – ele encarou-o com os olhos ávidos. — Ela nunca foi aquilo! O que Lune faz é... Simplesmente muito mais do que ela jamais foi! Do que os Devoy jamais foram! Eu nunca havia visto... Algo como o poder dela. – ele respirou fundo. — Então eu pensei... Por que não?

Precisaremos de uma *Kassan* do nosso lado, e, apesar de tudo, não foi culpa dela o que aconteceu.

— Parece uma proposta interessante... – o Imperador juntou as mãos e

encarou Nicholas. — Acho que devo ser misericordioso com as duas meninas dos Devoy, pois elas não têm culpa da irmã que tem. – ele deu um sorriso para o garoto, um sorriso calmo e pacífico. — Sou uma pessoa muito correta, Nicholas, e concordo com você. Lune não tem que pagar pelos erros da irmã, mas sim, seus pais. Se você acha que isso será bom para sua reputação e que ajudará ter alguém como ela ao seu lado quando for o Imperador, eu não me oponho à proposta de Lune Devoy. Só eu sei o quanto devemos pensar no futuro dos nossos súditos e, principalmente, no que é melhor para todos eles. – ele fez uma pausa, olhando avidamente para seu sucessor. — Mas, devemos ficar de olho nela, Nicholas. Não quero mais uma Devoy destruindo meus planos.

— O senhor é muito bom, Imperador. – Nicholas deu um sorriso amarelo, levantando-se e estendendo a mão para o Imperador segurá-la. — Vou então informá-la sobre sua decisão e, é claro, informar a minha família também. – ele encarou o Imperador e fez uma feição enojada. — Mas... Eu não quero nenhuma festa de casamento, apenas a celebração oficial.

— Claro, meu rapaz! – o Imperador sorriu, levantando-se também e guiando Nicholas até a porta. — Casamento de negócios não precisa ser necessariamente um casamento.

E, fazendo outra reverência, Nicholas saiu da sala, deixando o Imperador pensativo. Não ter Celebriant o deixara furioso, mas não havia percebido o quanto Lune desenvolvera seus poderes naquele meio tempo. Seria algo extraordinário ter alguém tão poderosa e esperta ao lado de seu sucessor. Não que confiasse plenamente na garota, mas seu poder era uma pérola que não poderia ser desperdiçada. Seu plano seguinte seria muito simples: encontrar um *Intueri*. E isso ele com certeza conseguiria. Era somente uma questão de tempo e paciência, e ele tinha certeza que logo um apareceria.

Um dia depois, na Base dos Rebeldes.

As Montanhas Azuis pareciam brilhar naquele fim de tarde.

A neve estava caindo com mais intensidade naquele dia do que em todos os outros na última semana. O vento frio passava sibilando entre as árvores secas e

traziam consigo todo o gelo que podia carregar. O céu estava pesado e escuro provocando uma noite precoce que parecia durar para sempre.

Jean respirou fundo e levantou-se, dando um leve aceno com a cabeça para o guarda do posto de observação. Não tinha dormido nada na noite anterior e esperava poder descansar assim que acabasse a reunião com os Anciões, mas não havia conseguido chegar perto de sua cama. Sempre que parecia livre, surgiam mais coisas a serem feitas. E assim, lá estava ele novamente, quase ao pôr-do-sol invisível pela neve, no posto de observação norte.

Resolveu então, verificar os arredores antes de poder finalmente ser dispensado de suas obrigações. Sua vontade era dormir e não acordar até o outro dia, mas alguma coisa dentro dele estava se remexendo inquieta e com aquilo seria impossível pegar no sono. De repente, sem conseguir conter-se, correu até os estábulos e pegou seu cavalo, Hagen.

Ouviu o guarda gritar para Jean parar, que aquilo era suicídio, mas não lhe deu ouvidos. Mesmo agora, no meio da tempestade e comprovando por si mesmo, não podia voltar atrás precisava continuar. Enfrentava o vento, a neve e a falta de luz tentando convencer a si mesmo de que não estava fazendo uma loucura. Mas uma certeza maior do que o seu bom senso o impulsionava a seguir em frente, mesmo que não soubesse aonde chegaria.

Uma rajada mais forte, fez com que cobrisse o rosto com os braços e por um momento perdeu a direção e tropeçou em algo, caindo em um declive e deslizando sem conseguir conter-se até parar.

Aquilo decididamente fora o bastante! Daria meia volta e retornaria para a Base, sem se importar se sua *Intueri* gritasse em protesto. Mas assim que se colocou de pé, a inquietação em seu estômago aumentou e apurou seus sentidos, fechando os olhos e mergulhando em seu poder. Sentiu uma vibração estranha no ar e abriu os olhos, sabendo exatamente onde olhar. Alguns metros ao sul de onde ele estava, conseguiu distinguir entre a tempestade o que parecia ser uma trouxa de roupas.

Rapidamente, fez com que Hagen se aproximasse, e chocado, percebeu que

não era somente uma trouxa de roupas, mas sim, uma pessoa. Havia uma pessoa morrendo na neve, e a sua *Intueri* dizia que era preciso salvá-la imediatamente.